

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO SUL



Commissão de Redacção:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
MANSUETO BERNARDI
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

PORTO ALEGRE
BRASIL

1932
OF. GRAF. DA LIVRARIA DO GLOBO
PORTO ALEGRE

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

DO RIO GRANDE DO SUL



III TRIMESTRE

ANNO XII

Commissão de Redacção:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
MANSUETO BERNARDI
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

PORTO ALEGRE

= 1932 =

1932
OF. GRAF. DA LIVRARIA DO GLOBO
BARCELLOS, BERTASO & CIA. + PORTO ALEGRE
PORTO ALEGRE

Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul

Séde: PORTO ALEGRE

Presidente: Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva

1.º secretario: Dr. Francisco de Leonardo Trada

Tesoureiro: Afonso Guerreiro Lima

Publica a sua Revista em fasciculos trimestrais ou semestrais, formando anualmente um volume de setecentas paginas, na média.

Condições de assinatura:

Por ano 15\$000 rs.

Por fasciculo trimestral..... 4\$000 rs.

Preço da coleção até 1930.... 1:000\$000 rs.

Fasciculos atrasados, preço da tabela existente na secretaria.

**Para assuntos da Revista dirigir-se diretamente ao
dr. Eduardo Duarte, á rua Duque de Caxias n.º 1231. Porto
Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.**

A Jurisdição Ecclesiastica sobre o Rio Grande do Sul

A primeiro de Janeiro de 1552 desembarcava no porto de São Salvador da Baía, o primeiro Bispo do Brasil, Dom Pedro Fernandes Sardinha. ⁽¹⁾

Desembarcava na Terra de Santa Cruz o primeiro Bispo, com jurisdição sobre todas as terras do Brasil, até onde chegassem as Quinas portuguesas e com elas a Cruz evangelizadora do missionario!

Terra do Brasil já era o Rio Grande do Sul, conhecido vinte anos antes, desde o dia 26 de Setembro de 1531, em que naufragara junto á barra do Chuí a náu capitanea de Martim Afonso de Souza, desistindo embora do empreendimento de colonizar estas paragens até o rio Santa Maria, hoje Rio da Prata. ⁽²⁾

Após terem lançado os marcos de Portugal em Castilhos Grandes, Martim Afonso de Souza e seu irmão Pero Lopes de Souza, voltaram das ilhas das Palmas para o rio S. Vicente. Apenas tinham visto no vasto litoral os cômodos de areia adivinharam a estensão do continente, porém, em vista do máu estado das náus, resolveram não fixar-se no territorio, hoje Estado do Rio Grande do Sul, e buscaram mais para o norte, lugar onde melhor fundassem a colonia de que os encarregara El-Rei D. João III. ⁽³⁾

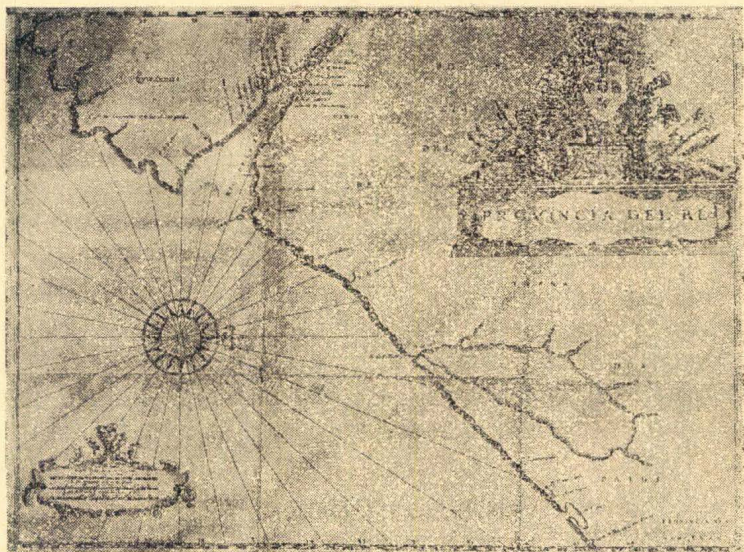
Pela leitura do "Diario da Navegação da Armada", escrito pelo proprio punho de Pero Lopes, que em Maio de 1532 o

⁽¹⁾ Natural de Portugal, foi Vigario Geral de Gôa, sendo nomeado primeiro Bispo do Brasil em 1550, só foi confirmado em 1555 na Bula da criação do Bispado, quando a Bula foi expedida. Regeu o Bispado até o dia 2 de Julho de 1556. De regresso para Portugal, após quatorze dias de viagem, naufragou nas costas de Alagôas, baixios de D. Francisco, onde foi devorado pelos indigenas Caetés.

⁽²⁾ Porto Seguro — Historia do Brasil, vol. I, pag. 121.

⁽³⁾ O Rei D. João III subiu ao trono de Portugal a 13 de Dezembro de 1521 e morreu a 11 de Junho de 1557.

levara consigo para o Portugal, e pela notícia de muitos que tinham acompanhado a esquadra ao sul, não podia o primeiro Bispo do Brasil, ignorar a existencia das terras situadas ás



Mapa da Provincia de El Rei (Rio Grande do Sul) publicado em 1698, na Obra de Frei João José de Santa Tereza, onde o atual arroio Chuí é designado com o nome de Martim Afonso.

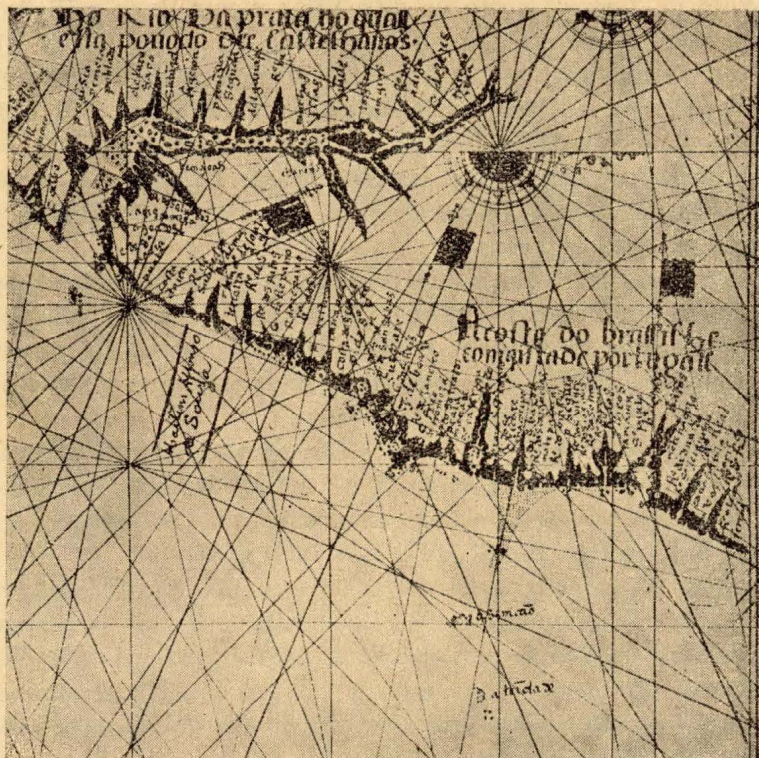
margens do Chuí, em cuja fóz déra á praia, desarvorada, a náu capitanea do almirante portuguêz, do qual aquele arroio tomou o nome. ⁽⁴⁾

E' fóra de dúvida, pois, que se Martim Afonso aqui tivesse fundado uma colonia, como mais tarde, em 1737 a estabeleceu Silva Pais, logo á entrada da Barra do Rio Grande, o Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha á sua chegada ao Brasil já teria encontrado no Continente do Rio Grande de São Pedro igre-

(4) "Dal Cananea pero fin 'al Rio della Platta, corre ancora la Costa del Brasile dugento leghe; nello spazio delle quali si comprendono quei celebri due fiumi San Francesco e Pattos, l'uno in altura di venti sei gradi e l'altro di vent'otto. Da questo fiume trascorse venti leghe si vede quel famoso della Lagoa sotto l'altezza, di trenta gradi, e dopo altre venti e due si entra in quello di Martim Affonso di Souza, nome lasciatogli dall'istesso Capitano all'or quando scopriva quella costa (vide o mapa). Séguitano poi le vaste e fertilissime campagne abitate dalle Nazioni Tapue

jas com seus parocos e capelas com suas devoções, no meio de vilas e povoações florescentes.

“Erguera o Papa Julio III. (5) a Igreja de São Salvador,



Mapa da America do Sul, do Atlas de Lazaro Lins (1563) (Livro de Todo ho Univerço) (original existente na Academia de Sciencias de Lisboa)

uma das Comarcas da Região do Brasil, chamada Baía de Todos os Santos, em Episcopal, eximindo-a da diocese de Fun-

fino ai confini del Rio della Platta, ove arrivato il Souza, pose in altezza di trenta e sei gradi il termine con l'arma di Portogallo, nell'isola di Maldonato.” Frei João José de Santa Tereza, Carmelita da Provincia Romana, na pagina 10 da “Istoria delle guerre del Regno del Brasile accadute tra la corona di Portogallo e la republica di Olanda”, obra publicada em Roma no ano de 1698 na “Stamperia degli Eredi Corbetti” e oferecida ao Rei de Portugal D. Pedro V.

(5) Governou a Igreja do ano de 1550 a 23 de Março de 1555.

chal, á qual antes era sujeita, e assinando-lhe a vila de São Salvador pró-cidade, e pró-diocese todos os Termos, Castelos, Vilas e lugares dentro de cincoenta leguas na longura do mar e vinte na largura perto da dita Vila; e por Povo e Cleresia as pessoas ecclesiasticas e seculares que vivem dentro do dito limite. O que foi sujeito á jurisdição episcopal, e quanto á metropolitana ao Arcebispo Patriarca de Lisbôa. Foi ordenado na mesma Bula de criação, que enquanto na dita Região do Brasil não fossem creados outros Bispados, o mesmo Bispo exercitasse a Jurisdição Episcopal em toda a dita ⁽⁶⁾ Região e Vilas adjacentes.”

E é para crêr, que a solicitude pastoral do primeiro Bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha, sob cuja jurisdição estavam estas longinquas praias, até então sob a da diocese de Funchal, fizesse com que dirigisse para aqui muitas vezes seu pensamento de pai espiritual.

Sómente a 19 de Julho de 1576 foi que o Papa Gregorio XIII ⁽⁷⁾ creou a Prelazia de S. Sebastião do Rio de Janeiro, tendo passado para esta toda a jurisdição sobre todos os territorios do Sul do Brasil até o Rio da Prata.

Cem anos mais tarde o Papa Inocencio XI ⁽⁸⁾ elevou á categoria de Arcebisado a Sé Episcopal da Baía, e a Bispado a Prelazia do Rio de Janeiro pela Bula “Romani Pontificis Pastoralis Solicitudo”, de 16 de Novembro de 1676, continuando sob a jurisdição do novo Bispado do Rio de Janeiro todos os territorios do sul, desde o Espirito Santo até ao Prata.

Em 6 de Dezembro de 1745 foi creado pelo Papa Bento XIV, ⁽⁹⁾ pela Bula “Candor Lucis Eternae”, ⁽¹⁰⁾ o Bispado

⁽⁶⁾ Bula “Super Specula Militantis Ecclesiae” (Candido Mendes de Almeida, Direito Civil e Ecclesiastico, pag. 520).

⁽⁷⁾ Governou a Igreja do dia 13 de Maio de 1572 até 10 de Abril de 1585.

⁽⁸⁾ Governou a Igreja do dia 21 de Setembro de 1676 até 12 de Agosto de 1689.

⁽⁹⁾ Governou a Igreja do dia 7 de Agosto de 1740 até 3 de Maio de 1758.

⁽¹⁰⁾ Nesta data a diocese de Rio de Janeiro foi dividida em cinco partes, a saber: as dioceses do Rio, de S. Paulo, de Mariana, e as prela-zias de Goiaz e Mato Grosso (Cand. M. de Almeida, Obr. citada, pag. 656).

de S. Paulo e sob a jurisdição deste foram sujeitos, além de S. Paulo e o sul de Minas, também os territórios de S. Catarina e do Continente Sul do Rio Grande de S. Pedro até ao Prata.

A carta Régia de 9 de Março de 1748 ⁽¹¹⁾ suprimindo a Capitania de São Paulo fez que a jurisdição sobre os territórios de Santa Catarina e Rio Grande tornassem a passar para o Bispado do Rio de Janeiro, e assim o declarou a Carta Régia de 20 de Novembro de 1749 ao Cabido de São Paulo, Séde Vacante. ⁽¹²⁾

Durante os acontecimentos politicos, que de 20 de Setembro de 1835 a 1.º de Março de 1845 convulsionaram a Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, tendo a maior parte da Provincia ficado isolada da legitima autoridade espiritual, que era o Bispo do Rio de Janeiro, um sacerdote, com o apoio do governo republicano de Piratiní, intitulado-se Vigario Apostolico ⁽¹³⁾, pretendeu administrar a Igreja Rio Grandense, exercendo atos de jurisdição espiritual que não possuia. ⁽¹⁴⁾

Três anos após a pacificação da Provincia ⁽¹⁵⁾, pelo Barão — depois Duque de Caxias — o Papa Pio IX ⁽¹⁶⁾, com a Bula "Ad Oves Dominicas Rite Pascendas", de 7 de Maio de 1848 ⁽¹⁷⁾, elevava á categoria de Bispado a Provincia de S.

⁽¹¹⁾ Arquivos de S. Paulo, Vol. XI, pag. 40.

⁽¹²⁾ Arquivos de S. Paulo, vol. XXIII, pag. 321.

⁽¹³⁾ Padre Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza, que depois foi Secretario do Bispado, durante o governo do 1.º bispo do Rio Grande do Sul, D. Feliciano José Rodrigues Prates.

⁽¹⁴⁾ Carta Pastoral do Bispo do Rio de Janeiro, D. Manoel do Monte Rodrigues Araujo, Conde de Irajá, aos habitantes da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

⁽¹⁵⁾ No Campo de Alexandre Simões, á margem direita do Rio Santa Maria, no dia 1.º de Março de 1845, o então Barão de Caxias, Luiz Alves de Lima e Silva, proclamou a paz na Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

⁽¹⁶⁾ Governou a Igreja do dia 16 de Junho de 1846 até 7 de Fevereiro de 1878.

⁽¹⁷⁾ Por Lei N.º 457, de Agosto de 1847, tinha sido autorizada a criação do Bispado de S. Pedro do Rio Grande do Sul, e em 11 de Fevereiro de 1853 foi efetivado o desmembramento, pelo Bispo do Rio de Janeiro, Conde de Irajá, por delegação da Santa Sé.

Pedro do Rio Grande do Sul, desmembrando-a do Bispado do Rio de Janeiro. ⁽¹⁸⁾

Era o decimo Bispado brasileiro na ordem cronologica ⁽¹⁹⁾, e o terceiro creado após a nossa Independencia.

O Bispado de S. Pedro do Rio Grande do Sul, sujeito desde o inicio á jurisdição metropolitana do Primaz da Baía, passou a ser sufraganeo do Arcebispado do Rio de Janeiro, pela Bula do Papa Leão XIII ⁽²⁰⁾ “Ad Universas Orbis Ecclesiae”, de 27 de Abril de 1892 ⁽²¹⁾, quando dividiu o territorio do Brasil em duas Provincias Ecclesiasticas, uma ao Norte, a da Baía, e a do Sul, a do Rio de Janeiro.

Em 15 de Agosto de 1910, o Papa Pio X ⁽²²⁾, por Bula

⁽¹⁸⁾ A nova diocese tinha os mesmos limites como a antiga Provincia, e que o Relatorio do Ministerio da Justiça de 1857 traçou da seguinte fôrma: “Pelo Norte limita-se com as Provincias de São Paulo (aliás Paraná) e Santa Catarina, sendo a divisa com aquela pelo rio Uruguai, e com esta pelo Rio Pelotas, afluente do Uruguai e Serra Geral até vertentes do arroio Forquilha, e por parte abaixo até a barra do Mampituba ao norte das Torres.”

“Pelo Sul com o Estado Oriental do Uruguai.”

“Pelo Este com o Oceano Atlantico; pelo Leste com as Provincias de Entre-Rios e Corrientes, sendo a divisa o Rio Uruguai.”

Por outra fôrma: os limites da diocese eram: ao Norte as Dioceses de Rio de Janeiro e São Paulo, nas Provincias de S. Catarina e Paraná, ao Sul a Prelazia do Estado Oriental (elevada a Bispado em 15 de Julho de 1878), ao Este o Oceano Atlantico e ao Leste o Bispado de Buenos Aires (creado em 1582), nas Provincias Argentinas de Entre-Rios e Corrientes. — Cand. Mendes de Almeida, obra citada.

⁽¹⁹⁾ O primeiro bispado creado foi o de Baía, o segundo e o terceiro foram os do Rio de Janeiro e Olinda, a 26 de Novembro de 1676; o quarto e o quinto os de S. Luiz de Maranhão e Santa Maria do Pará a 5 de Junho de 1727, o sexto e setimo os de S. Paulo e Mariana (Minas), a 6 de Dezembro de 1745, o oitavo e o nono os de Goiaz e Cuiabá, a 15 de Julho de 1826, e o decimo o do Rio Grande do Sul, a 7 de Maio de 1848.

⁽²⁰⁾ Governou a Igreja do dia 20 de Fevereiro de 1878 até 20 de Julho de 1903.

⁽²¹⁾ Bula que foi executada pelo Internuncio Apostolico e Legado Extraordinario, Frei Jeronimo Maria Gotti, mais tarde Cardeal, e falecido a 19 de Março de 1916 em Roma.

⁽²²⁾ Governou a Igreja do dia 4 de Agosto de 1903 até 20 de Agosto de 1914.

“Praedecessorum Nostrorum” (23), dividiu o Bispado de São Pedro do Rio Grande do Sul em quatro partes, elevando Porto Alegre em séde arquiiepiscopal (24) e creando os Bispados de Pelotas (25), Santa Maria (26) e Uruguaiana (27) que, com o Bispado de Florianopolis, no Estado de S. Catarina, creado em 19 de Março de 1908, passaram a formar uma nova Provincia com o titulo de Provincia Ecclesiastica de Porto Alegre.

Em 17 de Janeiro de 1927 o Bispado de Florianopolis deixou de fazer parte da Provincia Ecclesiastica de Porto Alegre,

(23) Acta S. Sedis n.º 17, de 9 de Setembro de 1910.

(24) A Arquidiocese de Porto Alegre tem por limites ao norte a Arquidiocese de Florianopolis e a diocese de Lages, no Estado de Santa Catarina, a leste o Oceano Atlantico, ao sul a diocese de Pelotas e a oeste a diocese de Santa Maria, e abrange o territorio de 36 municipios civis seguintes: Alfredo Chaves — Antonio Prado — Bento Gonçalves — Bom Jesus — Caxias — Conceição do Arroio — Encantado — Encruzilhada — Estrela — Garibaldi — Gravataí — Guaíba — Guaporé — Lageado — Lagoa Vermelha — Montenegro — Novo Hamburgo — Nova Trento — Porto Alegre — Prata — Santo Amaro — Santo Antonio da Patrulha — Santa Cruz — S. Francisco de Paula — S. Jeronimo — S. João de Camaquã — S. Leopoldo — S. Sebastião do Caí — Tapes (Dôres de Camaquã) — Taquara — Taquari — Torres — Triunfo — Vacaria — Venancio Aires — Viamão.

A Arquidiocese de Porto Alegre está dividida em 123 paróquias, a saber: Alfredo Chaves — Ana Rech — Anta Gorda — Antonio Prado — Arroio Grande — Arroio do Meio — Auxiliadora (P. A.) — Barão do Triunfo — Barra Douro — Bela Vista — Bela Vista do Fão — Bento Gonçalves — Bom-Jardim — Bom-Jesus — Bom-Principio — Bom-Retiro — Cacique-Doble — Canôas — Caravaggio — Caxias — Conceição (P. A.) — Conceição do Arroio — Conceição de Caxias — Criuva — Dous Irmãos — Dous-Lageados — Dôres (P. A.) — Dôres de Camaquã — Encantado — Encruzilhada — Esperança — Estrela — Faria Lemos de Garibaldi — Garibaldi — Gloria (P. A.) — Gramado — Gravataí, Guaporé — Joaneta — Hamburgo Velho — Harmonia — Itapuca — Lageado — Lagoa-Vermelha — Lourdes (P. A.) — Madre de Deus (Catedral) — Maratá — Mariana-Pimentel — Menino Deus (P. A.) — Monte Alverne — Monte-Belo — Montenegro — Monte-Veneto — Mussum — Navegantes (P. A.) — Novo-Basano — Nova-Brescia — Novo-Hamburgo — Nova-Milão — Nova Padua — Nova-Petropolis — Nova-Pompeia — Nova-Roma — Nova Trento — Nova-Vicenza — Paraí — Partenon (P. A.) — Piedade (P. A.) — Poço das Antas — Prata — Protasio Alves — Pulador — Putinga — Roca-Sales — Rolante

— Rosario (P. A.) — Rosario, de Guaporé — Sagrada Família (P. A.) — Sananduva — Santo Amaro — Santana do Rio dos Sinos — S. Antonio da Patrulha — S. Catarina da Feliz — S. Cristina do Pinhal — Santa Clara — Santa Cruz — São Domingos, de Guaporé — São Feliciano — S. Francisco de Cima da Serra — São Gabriel da Estrela — S. Geraldo (P. A.) — S. Inacio da Feliz — S. Jeronimo — S. João de Camaquã — S. João do Passo da Areia (P. A.) — S. José do Hortencio — S. José do Patrocinio — S. Leopoldo — S. Lucia de Faria Lemos — S. Luiz de Guaporé — S. Marcos L. Palmeiro — S. Marcos de Caxias — S. Pedro de Alcantara — S. Pedro (P. A.) — S. Pedro de Caxias — S. Salvador — S. Sebastião do Caí — S. Teresa de S. Cruz — S. Vendelino — Segredo (Ipiranga) — Taquara — Taquarí — Teresopolis (P. A.) — Torres — Tristeza (P. A.) — Triunfo — Vacaria — Venancio Aires — Viamão — Vilas-Bôas — Vila-Nova (P. A.) — Vila Serio — Vista Alegre.

(25) A diocese de Pelotas tem por limites, ao norte a Arquidiocese de Porto Alegre e a diocese de S. Maria, a leste o Oceano Atlantico, a oeste a diocese de Uruguaiana, ao sul a Arquidiocese de Montevideo e a diocese de Melo, na Republica do Uruguai, sendo os limites com esta os traçados entre o Brasil e o Uruguai pelo Tratado de 1851 e completados com os pactos de 1857 e de 1909, e por fim com o Tratado do Rio de Janeiro, de 7 de Maio de 1913. A fronteira demarcada em seus pontos principais, começa na embocadura do arroio Chuí, indo por este o seu Passo geral: daí vai em linha reta até o Passo geral do arroio S. Miguel, pelo qual desce até sua fôz na lagôa Mirim. Atravessa a lagôa longitudinalmente até a altura da ponta do Rabotieso, rumando para N.O. passa entre as ilhas de Taquarí, deixando do lado do Brasil a ilha mais oriental e os dous ilhotes que ficam proximos e vai á fôz do rio Jaguarão. Sôbe pelo alvéo deste rio até a confluencia do arroio Lagoões. Continúa a meia distancia das margens do Jaguarão, até o Jaguarão-Chico. Sôbe por este, depois pelo arroio do Mina até a sua cabeceira, donde continúa por uma linha geodesica até a fôz do arroio S. Luiz, no rio Negro. Ainda pelo dito arroio, segue até á sua cabeceira, e daí até a coxilha de Santana, por esta, pela de Haedo, até as cabeceiras do arroio Invernada, e por este até ao Quaraim, pelo qual vai ao rio Uruguai. A diocese de Pelotas abrange os territorios de 13 municipios civis que são: Arroio Grande — Bagé — Cangussú — Jaguarão — Lavras — Pelotas — Pinheiro Machado (Cacimbinhas) — Piratini — Rio Grande — S. João do Herval — S. José do Norte — S. Lourenço — Santa Vitória do Palmar. As paróquias desta diocese são: N. Sra. da Graça do Arroio Grande — N. Sra. da Luz de Cacimbinhas — N. Sra. da Conceição de Cangussú — S. Francisco de Paula da Catedral — S. Antonio da Colonia Maciel — Coração de Jesus (Pelotas) — Espirito Santo de Jaguarão — S. Antonio de Lavras — S. Luiz de França de Mostardas — N. Sra. Auxiliadora de Bagé — N. Sra. do Carmo do Rio Grande — N. Sra. da Luz de Pelotas — N. Sra. da Conceição de Piratini do Povo Novo — S. João do Herval — S. João da Reserva — S. José do

Norte — S. Lourenço — São Pedro do Rio Grande — S. Sebastião de Bagé — S. Vitória do Palmar.

(26) A diocese de Santa Maria tem por limites ao norte a diocese de Lages, no Estado de S. Catarina, a leste a Arquidiocese de Porto Alegre, ao sul a Arquidiocese de Porto Alegre, a diocese de Pelotas e a diocese de Uruguaiana, e a leste a diocese de Uruguaiana e abrange os territórios de 18 municípios civis que são: Caçapava — Cachoeira — Candelaria — Carasinho — Cruz Alta — Erechim — Ijuí — Jacuí — Jaguarí — Julio de Castilhos — Palmeira — Passo Fundo — Rio Pardo — S. Maria — S. Pedro — S. Sepé — Soledade — Tupaceretan.

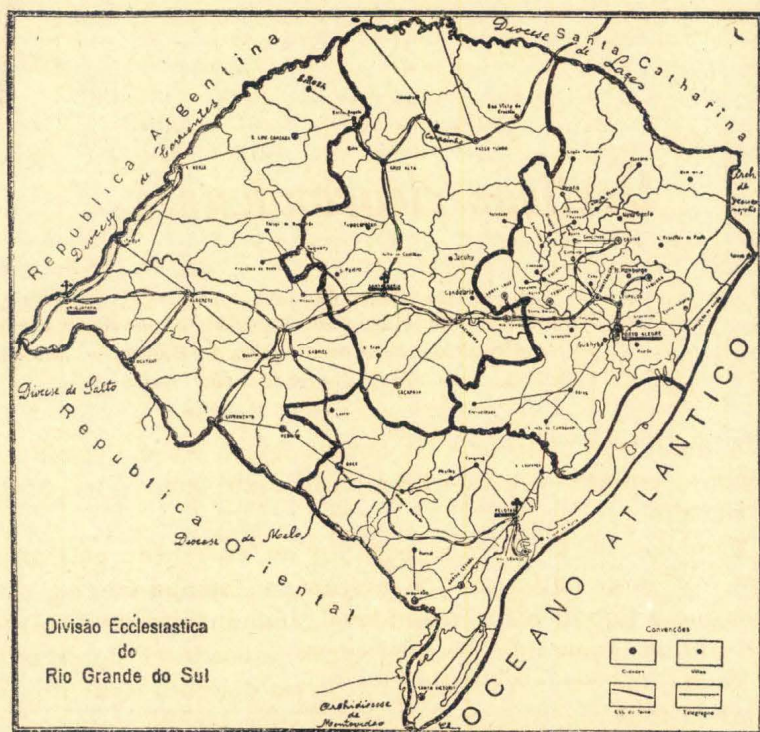
As paróquias desta diocese são: Alto Jacuí — Arroio Grande — Barro — Boa Esperança — Boa Vista do Erechim — Caçapava — Cachoeira — Cadeado — Carasinho — Catedral — Cruz Alta — Erechim — Fortaleza — General Osório — Ijuí — Itapuca — Jaguarí — Julio de Castilhos — Linha 19 de Ijuí — Marau — Marcelino Ramos — Nonoai — Novo Treviso — Nucleo Norte — Palmeira — Passo Fundo — Rio Marcelino — Rio Pardo — Santana da Boa Vista — S. Pedro — S. Martinho — S. Paulo — S. Sepé — Sarandí — Séde Teixeira — Silveira Martins — Sobradinho — Soledade — Vale Veneto — Tupaceretan.

(27) A diocese de Uruguaiana tem por limites ao norte a diocese de Santa Maria, a leste as dioceses de Santa Maria e de Pelotas, ao sul as dioceses Melo e de Salto, na Republica do Uruguai, e a oeste a diocese de Corrientes, na Republica Argentina.

Os limites do Brasil com a Argentina foram estabelecidos em parte pela sentença arbitral dos Estados Unidos da America do Norte em 1895. Depois disso, o Tratado de 1898 definiu-a quasi por completo. A fronteira que foi já demarcada inteiramente, de 1900 a 1904, começa na fôz do Quaraím, seguindo pelo "thalweg" do rio Uruguai até a fôz do Peperi-Guassú, toma por este a sua origem, percorrendo depois os terrenos mais altos até encontrar a nascente principal do Santo Antonio, e por este vai, aguas abaixo até a fôz, continuando pelo Iguassú até a sua confluencia com o Paraná. Da fôz do Quaraím para o sul até a ponta S.O. da ilha "brasileira" ou Quaraím, uma convenção de 1910, complementar do tratado de limites de 1898, determinou que a linha divisoria seguiria pelo "thalweg" do rio Uruguai, ficando aquela ilha do Brasil, como já fôra reconhecido pelo Uruguai (Tratado de 1851).

A diocese de Uruguaiana abrange os territórios de 16 municípios civis que são: Alegrete — Boqueirão — Dom Pedrito — Itaquí — Livramento — Quaraí — Rosario — S. Angelo — S. Borja — S. Francisco de Assis — S. Gabriel — S. Luiz — S. Rosa — S. Vicente — Uruguaiana. As paróquias desta diocese são: Alegrete — Buricá — Campinas — Carmo (Urug.) — Santana (Catedral) — Dom Pedrito — Ernesto Alves — Comandá (Gua-raní) — Itaquí — Livramento — Rosario — Santiago — S. Rosa — S. Borja — S. Angelo — Santo Cristo — S. Luiz — S. Gabriel — S. Vicente — Serro Azul — Serro Pelado.

sendo Florianopolis elevada á Séde Archiepiscopal e erétos os Bispados de Lages e Joinville, constituindo-se a nova Província Ecclesiastica de Florianopolis. ⁽²⁸⁾



Assim, pois, o território do Rio Grande do Sul, antes de ser elevado a Bispado autónomo, esteve sucessivamente sob a jurisdição dos Bispados de Funchal, Baía, Rio de Janeiro, São Paulo, novamente Rio de Janeiro e, por fim, o território do mesmo Bispado de S. Pedro do Rio Grande do Sul foi dividido em quatro novas circunscrições eclesiasticas: Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria e Uruguaiana.

Porto Alegre, 3 de Maio de 1932.

Mons. Dr. João Maria Balem,
Cura da Catedral.

(28) Acta S. Sedis n.º 5, de 5 de Maio de 1927.

Poetisas riograndenses

Conferencia realizada no salão de honra do Clube Renascença, da cidade de Taquari, a convite da respectiva diretoria, sob a presidencia do Ilustre dr. Osvaldo Caminha, pelo nosso confrade João Maia.

A qualidade distintiva de nossas letras foi o lirismo — afirmou-o eminente critico brasileiro, num justo e irrecuzavel conceito.

Tomados de inesperado espanto ao enfrentar pela primeira vez uma natureza que ameaçava esmagá-los na sua exuberancia imponente e formidavel, indomita tristeza invadiu o ânimo combalido dos primeiros povoadores do Brasil.

Funda, incoercivel saudade da patria distante e carinhosa perturbou-lhes o ritmo do coração e esse estado dalma dos ancestrais de uma grande nacionalidade embrionaria esboçou a genesis do lirismo fundamental da poesia brasileira.

E aos nostalgicos do litoral vinham juntar-se os sofredores das lareiras acutilados nas tabas, os escravizados do continente adusto arrastados para aqui numa esteira de martirios — os imolados, enfim, das selvas e das senzalas.

De sorte que, com esses elementos, entrou conjuntamente para o cadinho de caldeamento do brasileiro, na sua formação inicial — a dôr.

A vida acidentada dos filhos da terra, no seu ansioso bracejar para a liberdade através dos episodios sangrentos dos proto-martires redentoristas; os multiplos incidentes das suas arrancadas para a luz e para o estraçalhamento de al-

gemas que lhes comprimiam, cada vez mais os pulsos, constituíam outras tantas células que, agregadas á célula mater do sofrimento inicial, originam o lirismo da nossa poesia.

A escola mineira cristalizou a expansão, e nos queixumes de Claudio Manoel da Costa, Ignacio Manoel de Alvarenga e Thomaz Antonio Gonzaga — a trilogia sagrada com que a poesia concorreu para a Inconfidência — o lirismo nacional se afirma definitivamente, como uma corrente destinada a jamais deter-se no seu curso indissolúvelmente vinculado á evolução das letras patrias.

Não me proponho a fazer, neste momento, a constatação documentada do enunciado, nem o tema da conferencia o comportaria.

Dado o compromisso que espontaneamente assumi, de ocupar-me das poetisas conterraneas na presença deste auditorio illustre, cuja maxima parte se compõe de gentis representantes do sexo dos encantos, é a elas que eu dedico o meu trabalho, escrito expressamente para esta noite, em retribuição ao desvanecente convite explicativo da minha comparencia a este recinto de celebrações artisticas.

Começo, pois.

Toda a poesia rio-grandense, de origem feminina, se filia á escola lirica.

Além da influencia que nos vem do fundo da história reflectir-se nessa fórmula de expressão poetica preferida pelas nossas patricias, reforçada pelo lamartinismo que na primeira metade do século dezanove andou a reflectir-se na produção dos nossos bardos, ocorre que nenhum outro molde, como o lirismo, tão bem se presta á eclosão de suas idéas e sentimentos, nenhum realiza tão integralmente sua estesia.

Veremos, pois, a seguir que, assim como tem possuido heróis de alta e inegalavel estirpe, cientistas creadores de valores novos para o patrimonio da humanidade, estetas das mais elevadas concepções e artistas de celebrada envergadura genial — o Rio Grande conta no seu registo cultural uma pleiade de poetisas que, desde época remota, vem subsidiando as letras nacionais com as ressonancias de suas liricas.

Difícil seria, entretanto, fixar, com precisão o momento

historico em que surgiu nos dominios da publicidade a primeira eleita das musas na plaga rio-grandense.

Certo, não se filia a época por demais remota o magico instante em que essa inspirada patricia mesclou, ao clangor das porfiadas guerras no Rio Grande pela defesa da integridade nacional, estranhos acordes liricos de peregrina ressonancias, pois ultimos a colaborar na formação da Patria, em virtude de irrevogaveis fatalidades historicas, no que toca aos eventos do intelectualismo não andámos, nem podíamos andar em maior presteza.

Urge, porém, erguer um padrão assinalador do despontar da promissora éra, que ficará nos anais do "Club Renascença" como uma justa homenagem á excelsa mulher gaúcha, representada pelas poetisas cujos nomes nesta hora evóco, cheio de suave saudade para as extintas e de acentuada reverencia para as existentes.

DELFINA BENIGNA DA CUNHA — Não sei que fados, que occultos designios impeliram para diante de minha retina pesquisadora o nome de uma poetisa privada da visão, para preceder as silhuetas prestes a passar pelas vossas mentes, na comunicabilidade emotiva de seus versos.

Ao evocar a poetisa céga, reaviva-se-me dolorosamente no espirito a impressão nêle gravada certo dia de longinqua infancia, pela espantosa descrição do suplicio a que o homem — esse incompreendido misto de grandeza e de perversão egoistica — submete o rouxinol, para tê-lo sempre a cantar: vasa-lhe os olhos, e assim o misero e mesquinho cantor alado, perdendo a noção da luz, passa todo o resto da existencia a gorgear — quer surja explendente a madrugada em festa, quer domine a sombra amortalhando a terra.

Decorridos vinte meses de seu nascimento, registado em São José do Norte a 17 de junho de 1791, atingiu-a terrivel flagêlo epidemico, precipitando-a, para todo o sempre, no pavoroso dominio das trevas.

Neste soneto, um dos primeiros tangidos na lira da céguinha, exubéram os pezares que lhe escrucíam a alma:

Vinte vezes a lua prateada
Inteiro rosto seu mostrado havia,
Quando terrível mal que já sofria,
Me tornou para sempre desgraçada.

De vêr o céu e o sol sendo privada,
Cresceu a par de mim a magoa impia;
Desde então a mortal melancolia
Se viu em meu semblante debuxada.

Sensível coração deu-me a natura,
E a fortuna, cruel sempre comigo,
Me negou toda a sorte de ventura.

Nem sequer um prazer breve consigo;
Só para terminar minha amargura
Me aguarda o triste, sepulcral jazigo.

Apreciemos agora a supplica da céga á clemencia do primeiro imperador:

Quem te fala, senhor, quem te saúda,
Não vê raiar de Phebo a luz brilhante;
Dá-lhe pio agasalho um breve instante,
Seu fado amigo, em brando fado muda:

A sustentar o peso assás lhe ajuda
De uma vida que á morte é semelhante,
Não chegue ser aflíta mendigante
Quem um tal protetor roga lhe acúda.

É por ti que eu espero ser contente,
E supponho, senhor, que não me iludo,
De tua alma a piedade está patente:

Que tenho em Pedro, o grande, um forte escudo,
Creio, folgo, e afirmo afoutamente,
Que és pai, és bemfeitor, és nume, és tudo.

D. Pedro I deferiu o apêlo da impetrante, concedendo-lhe uma pensão, pelos bons serviços de guerra que seu finado pai prestára.

Posteriormente a poetisa se dirigiu ás patricias, nos seguintes versos de abertura de um livro de sua lavra — “Lyra da Noite” :

Em versos não cadentes, ó leitores,
Vereis os males meus, vereis meus danos;
Da primavera a gala e os verdores
Não foram para os meus primeiros anos.

Mesmo na infancia exprimentei rigores
De meus fados crueis sempre inhumanos,
Que só me destinaram dissabores,
Meus males revolvendo em seus arcanos.

Sem auxilio da luz que o sol envia,
Versos dignos de vós tecer não posso;
Desculpai minha ousada fantasia.

Com estes cantos meus, mortais, adoço
A magoa, que o meu estro só respira;
Se merito lhe dais, é todo vosso.

RITA BAREM DE MELLO — 1840

Aos quinze anos de idade publicou o primeiro livro, sob o titulo “Lyra dos 15 annos”, e aos 28 sucumbia, na irresistibilidade de lancinante dôr.

Viveu, contudo, o suficiente para transpôr as fases em que a mulher oferece na existencia os aspetos sucessivamente característicos de sua atuação social.

São desataviados os seus versos iniciais, o que não exclúe dêles um suave perfume de flôr agreste.

Detenhamo-nos, por momento, sobre as expansões de Rita

Barem e que, por gradações evidentes, vão das despreocupa-
ções de uma juventude florente e ingenua, até o extravasa-
mento da insopitável dôr materna, em lances alucinativos:

Como te amo

Vês no céu quantas estrelas
Vai a noite encastoar?
Que luz e resplendores
Vão as ondas inundar?

Vês as vagas quantas nascem,
Quantas morrem lá no mar?
Já contaste os suspiros
Do seu triste farfalhar?

Já contaste quanta nuvem,
Vem da aurora ao despontar?
Quantas flôres reverdecem,
Quantas aves vem folgar?

Não vês quantas borboletas
Estão no prado a voitar?
E na flôr do jasmineiro
Leques de ouro a desatar?

Vês a linfa cristalina
Quanta vaga vai frizar?
Vês de raios quanta fita
Cae nas ondas do luar?

Pela aurora na roseira
Quantas gôtas vão molhar?
Quantas folhas pelo outono
Póde o vento dissecar?

Já contaste quantos hinos
Se desprendem do palmar?
Quando o vento ciciando
Vai por êle a perpassar?

Quanta nota doce e terna
Sabem êles encerrar?
Quantos beijos ao filhinho
Vão da mãe acalantar?

Já contaste quantas folhas,
Vão as matas alindar?
Um a um dos passarinhos
Quebro a quebro a gorgear?

Já contaste espalhadas
Sobre a areia á beira mar
As conchinhas a milhares,
A milhares de encantar?

Já contaste gôta a gôta
Quanto pranto faz chorar
A tristeza da orfandade
De amargores e pezar?

Quanta cisma, quanto sonho,
Vem do amor ao despertar?
Que esperanças e venturas
Faz nascer ou desfolhar?

No mais fundo do meu seio
Mais amor sei encerrar,
Mais enlevos esse afeto
Nêle veio derramar.

Essa rosa da existencia
Mais vida me veio dar,
De meu coração nas fibras
Mais perfumes exalar.

À morte de uma irmã

Jamais acordarás! Lirio suave
No val da vida vicejaste apenas
Um dia, um dia só! Ó flôr de encantos
Porque tão cedo a fronte imaculada
No seio do sepulcro reclinaste?
Nem três lustros sequer! Alma divina
Dos enganos a tunica despindo,
Criança ainda tu fugiste ao mundo,
Das aureas ilusões partiu-te os élos
A mão da morte, e as azas desdobrando
Da eternidade, a rir, foste caminho,
Como em lago de seda a garça morta
Manso vaguêa da corrente á tona.
Sobre o sereno mar adormeceste
Dos teus anos quatorze. Ó flôr de encantos,
Porque tão cedo a fronte imaculada
No seio do sepulcro reclinaste?
Anjo de luz, na fronte transparente
Da mocidade a flôr abria as folhas
Se inundava de etérea claridade!

.....
.....
.....

Para o filho morto

Sofrer que não tem nome é este agora;
Com êle na minha alma cheia ainda
Daquele santo amor, da imagem dêle
E buscá-lo com a vista e não achá-lo!
Esta vida o que val? — Eis interposta
Entre êle e eu, da morte a eternidade!
Tabua errante que o mar cavado e lobrego
Nas loucas convulsões, impéle, arrasta,
Prende, sacode, do naufragio espolio;
Assim hoje, sem rumo, sem destino,

Nas ondas tôrvas da existencia eu giro.
Eu pressentia desta dôr o inferno...
Bem sabia meu Deus, que a felicidade
Desposar-se não pôde com a desgraça;
Que era ousada demais quando o futuro
Do meu filho sonhei coroado em rosas;
Como do raio as laminas de fogo
Sobre a arvore em flôr caem fulminando-a,
Caíu de chofre da desdita o gume.

.....
Não sei se soffro mais vendo-o nos transe
De amargura final, ou si nos risos
Onde expandia a alma inocentinha!
Quando sorria, inteiro um paraíso
De maternal arroubo me enlevava,
Sentia na alma um céu, quando meus beijos
(Ha nos labios de mãe unção divina)
Meus santos beijos lhe pousavam meigos
Na face angelical!... Eis-me acordada
Como em vasto deserto estranho á vida
Como em carcere estreito á vida atada!

.....
E eu que vi secar na flôr dos sonhos,
O germe que dar frutos prometia;
Planta rude no pincaro do monte
Ludibrio exposto da tormenta ás fúrias:
Que na terra pisando sobre espinhos
Não tenho mocidade — eu vivo ainda!

AMALIA FIGUEIRÔA — 1873

Desesperança

Quando o sol vai descambando
Doirando os vales e o mar,
Quando o orvalho vai tombando
Sobre as folhas a brilhar,

Quando vai já se apagando
A paisagem do lugar,
Eu pergunto suspirando:
“Pois sou eu só a chorar?!...”

Quando o canto do campeiro
Vai dizendo sempre — Amor —,
Quando o altivo pinheiro
Da tempestade ao fragor,
Se debruça no ribeiro
Qual a tenra debil flôr,
Eu pergunto ao mundo inteiro:
“Pois só eu vivo de dôr?!...”

Quando a estrela vespertina
Vai brilhar no céu de anil,
E após a peregrina
Morrem as outras a mil,
Quando a flôr da tangerina
Desabroxa no alcantil,
Pergunto á luz matutina:
“Morreu meu sonho infantil?!...”

Quando no verde coqueiro
O pirilampo brilhou
E nos fogos do tropeiro
O riso franco ecoou,
Quando a flôr do pêssegueiro,
Ao vento sul desfolhou,
Eu pergunto ao pampeiro:
“A minha luz se apagou?!...”

Foi então que amargo pranto
Deslisou no rosto meu,
E velou-me como um manto
O olhar fíto no céu!

E depois de dôce canto
Que a desgraça entristeceu,
Ouvi transída de espanto:
“Tua esperança morreu...”

Aqui se encerra o ciclo das poetisas mortas. Como vimos, um desalento profundo e sem tregua empana o viver dessas criaturas, que em queixumes se desfazem, lamurientas e chorosas.

Esse era o lirismo da época, e da choramingação participavam não só as sacerdotisas das Musas, como poderá parecer, pois afetava principalmente aos sacerdotes. E olhem que não é cousa facil de suportar, marmanjões piegas e choramingas...

É que, de ordinario, tomava-se o lirismo — como pondéra o eminente Silvio Romero — “no sentido de poesia pessoal, subjetiva, intima, e, por via de regra, sentimental, doentia...”

.....

“Ele, porém, é sempre aligero, mimoso, tenue, qual um incenso exalado pelo coração, pela expansão das almas profundas”.

Vão desfilar agora as poetisas vivas.

Veremos então como, vencida a via dolorosa do lirismo indigena com o desaparecimento do “Parthenon Literario” — sociedade benemerita a que não seremos nós quem negue a significação de expoente maximo do intelectualismo rio-grandense no periodo correspondente — esse genero poetico assume novas modalidades entre nós.

São notorias as modificações por êle experimentadas e nelas não mais prepondéra o estado intimo do vate de outróra — por via de regra uma vitima do meio ambiente saturado de amarguras e desditas... imaginarias.

E como “não ha lirismo sem o brilho da fôrma e sem o sentimento da natureza e da vida”, notaremos como as poetisas rio-grandenses dos nossos dias, em geral, sabem elevar-se a concepções de largo descortino, ora vibrando em alcando-

rados ideais enobrecedores, ora transmitindo-nos, pelo prestígio da sua arte, as emoções que lhe despertam as belezas incomparáveis do sólo natalício.

Notaremos mais como, para essas delicadas creaturas, eleitas da sensibilidade, da candura e das sãs virtudes que formam o apanagio da mulher gaúcha, é sistematicamente defeso o outro lado da vida que gera a literatura malsã, a região sombria onde todas as más paixões e os vícios mais degradantes, numa sinistra floração luxuriante, fornecem os materiais destinados a certos livros de ação dissolvente.

E si acaso, ao prosseguir na apreciação das poetisas gaúchas, uma que outra de suas produções nos deparar quaisquer ligeiros peca-dilhos de metrificação — relevai-lhas, illustre auditorio, como já os relevou o Brasil ao seu glorioso Castro Alves, como já os revelou o Rio Grande do Sul a Lobo da Costa, o seu maximo poeta lirico.

É que, ao jorrar em torrentes impetuosas a inspiração, succede, ás vezes, fragmentar-se a fragil argila da fôrma, para que o verso possa expandir-se — livre, espontaneo, comunicativo e triunfante.

REVOCATA DE MELLO — Da cidade do Rio Grande

Vida nova

Ha longo tempo andava o desgraçado
Coração sob o peso da amargura;
Não tinha paz, nem luz, a desventura
O tinha preso á Dôr, crucificado.

Um desespero! Em vida amortalhado!
Noite perene, tenebrósa, escura;
Vendo sem vêr, sentindo a sepultura,
E a Saudade implacavel a seu lado!

Ia enfim succumbir, quando radiante,
Alviçareira, em festa, deslumbrante
Transformou-se a tristeza, a escuridão.

Morreram maguas, desmaiaram dôres,
Despontaram os sonhos como flôres,
Sorriu de novo a vida ao coração.

A vaga

A cachoeirar a Vaga, em tropel, em carreira,
Bramindo atira a juba em poderoso afã;
Vai majestosa, imensa, a vencer glauca esteira,
Qual Anfitrite audaz, do Mar filha pagã.

E passa entre rojões, espumando altaneira
Nos braços do Tufão, na treva sem manhã;
Ora cavando abismo, ora abrindo clareira,
Poderosa, possante, ereta barbacã!

E os vendavais em furia atiram-na bramindo
Mar em fóra, a correr cercada de escarcéos
Bloco espumante além, fantastico fugindo,

Atlante vencedora, ufana em mar infindo,
Quer subir a amplidão, quer escalar os céus,
E avança mais e mais, impávida seguindo!

JULIETA DE MELLO MONTEIRO — Irmã da precedente
e também do Rio Grande.

Atalaia secular

No cimo de um penedo, não sei como
Nascera e se ostentava triunfante,
Ereta ás vezes, outras oscilante
A ramaria tinha alegre assomo.

Nunca em seus ramos descobri um pomo,
Nem uma flôr no verde cintilante
De onde ás vezes a chuva gotejante
Dizia á grama: — o teu calor eu domo.

E caía sobre ela e ela brilhava,
Como escriptorio de pedras se ostentava
Pelos beijos da arvore frondente.

Mas um dia... o gigante altivo e forte
Tombou, e o mesmo raio ao dar-lhe a morte
De destroços a grama encheu ridente!

Descoberta do Brasil

Terra! Terra! bradou intrepido o gageiro
Ao avistar da gávea um monte soberano,
E o grito do feliz, do ousado marinheiro
Repercutiu no espaço, alegre, ardente, ufano.

As naus que vinham vindo, aberto ao vento o pano
Semelhavam tafúes um bando feiticeiro
De passaros gentís, que num esforço insano
Corressem pelo mar num sonho aventureiro.

Terra, terra, — bradou, e os lusos valorosos
Ante o róseo painel ergueram orgulhosos
Unisono clamor por mais uma vitória!

E o caboclo a sorrir, os braços nús abrindo
Estreitou Portugal que o vasto mar cindindo
Vinha estender-lhe a mão para levá-lo á História

CANDIDA FORTES BRANDÃO — Da Cachoeira.

Quadro sertanejo

Noite. Sobre a coxilha uma luz pestaneja,
— A promissora luz de hospitaleiro pouso —
Cintila nas alturas o estelario formoso
Do céu, e na campina outro estelario adeja!...

Cinto de prata — o arroio esplende flexuoso,
Ao redor da colina onde o mato negreja...
Vem a lua surgindo... e toda a sertaneja
Plaga surpreende um livre e placido repouso!

Um cavaleiro agora emerge da espessura
E sóbe a galopar, da luz na direção,
Que o suspirado cômlo ao tino lhe assegura.

O ladrído de cães já denuncia a estancia...
E, ao relincho que sóla o impaciente alazão,
Outro relincho acórda os écos, á distancia...

ANNA AURORA DO AMARAL LISBÔA — Rio Pardo.

Ê copiosa a sua produção, através de longos anos, em páginas de almanaques e colunas jornalísticas.

Conquanto culta, esta poetisa busca preferencialmente, no âmbito restrito em que tem vivido sempre, no circulo de suas relações sociais, os temas, por isso mesmo triviais, de suas poesias.

Isto não quer dizer, entretanto, que ela se alheie em absoluto ás grandes teses mundanas, á sorte da humanidade tão conturbada em sua marcha milenaria.

Apreciemos, em comprovação do enunciado, a sua poesia:

A guerra

O monstro da ambição, o sórdido egoismo,
que faz de um ente humano a fera bestial,
é hidra que não morre e as multiplas cabeças
estende e lança em torno o germe só do mal.
Si medra entre os irmãos, abafa a voz do sangue
e rompe da amizade os élos dvinais,
corrompe o coração e faz que a consciencia
esqueça da justiça as maximas morais.

Mas cresce o seu horror, aumenta o seu imperio,
quando faz germinar a guerra entre as nações,
a guerra, esse imolar de vitimas sem numero
que pagam com a vida alheias ambições!
Por um palmo de terra os povos se assassinam,
esquecendo a razão, as leis, a humanidade!
Vela em pranto a justiça o rosto alvinitente,
e foge espavorida a meiga caridade!
Vencido ou vencedor, que povo nessa luta
não sente muito tempo a dôr de atroz ferida?
O sangue derramado é seiva que extravasa,
pender deixando a planta exausta e emurchecida.
E aqueles que, num rasgo energico de pena,
decidem num momento a guerra entre as nações
procuram encobrir o horror de tal abismo,
para nêle lançar as cégas multidões.
Reparação, justiça, a lei, o patriotismo,
a honra da nação, que é força sustentar,
e outras mil razões de mais brilhantes nomes,
que sabem, sofismando, ao mundo apresentar.
E o povo corre pronto ao morticínio horrivel,
cégo de entusiasmo e heroico de valor;
vai de sangue verter torrentes preciosas,
deixando atrás de si o pranto, o luto, a dôr!

APLECINA DO CARMO — Da cidade de Santa Maria, com
residência em São Paulo, ha dilatados anos.

Possúo desta poetisa patricia o último livro, aparecido
em 1921, e por êle vejo que a autora publicára outros, prece-
dentemente.

O atual obedece ao titulo **Cinzas: Pó.**

Os poemas que o preenchem são fluentes, escorreitos,
parnasianos, belos.

Mas, um pessimismo absorvente anima o livro, do prin-
cipio ao fim.

Confesso que, em literatura, como em arte, politica e religião, nada me deixa tão a contragosto, como topar com um pessimista.

O encontro com uma pessimista, então, punge-me fundamentalmente a sensibilidade — mesmo que ela reúna a esse título, como no caso vertente, os de senhora distintissima, rio-grandense e poetisa de alto valimento.

Prefiro transigir com o estado de espirito de um homem que, assoberbado na vida por contrariedades mil — nos negocios, nas letras, na aspiração de um emprego prometido e que falhou, na conquista de uma posição politica frustrada, decepcionado pelo malôgro de uma pesquisa de laboratorio em cujo exito vinha anos a fio depositando as melhores esperanças: transijo com esse homem, repito, que batido impiedosamente pela sorte adversa em todas as suas aspirações, recolhe decepcionado á casa, vencido e vociferante.

Não transijo, porém, com a mulher desse vencido — ainda que ela porventura faça versos magnificos — que o espera no lar, o supremo refugio, o reduto derradeiro da defesa, não para consolá-lo das agruras sofridas na labuta insuperada, para encorajá-lo ao retôrno ao campo de batalha — mas para exclamar-lhe, com o budismo acabrunhante: “A vida é isso mesmo, companheiro: um irreparavel sofrimento sem trégua. É inutil tentar qualquer esforço para desviar a fatalidade que nos arrasta para o Nada. Aniquilemo-nos, pois: espera-nos o **Nirvana**, como o fim de tudo”.

Desolador, não achais?

Pois esse é o tom dominante no livro, de cujas páginas se evolva uma tristeza só comparavel á que produz um dobre de finados.

Mas é melhor, porém, ouvirmos diretamente a brilhante poetisa de Cinza: **Pó:**

Neurose

Quando eu nasci, ferrenha desventura
Me arrebatou na vida transitoria,
E com seus braços em triunfal vitória,
Me arrastou para junto da tortura.

E os seus olhos, seu brilho, onde perdura
O pavor, a tristeza merencorea,
E aonde não existe da illusoria
Alegria, nem laivos de ventura,

Fulminaram geladas o meu sêr,
Aquelas negras orbitas fatais,
Claustro do negro e tetrico sofrer...

Si eu pudesse saber porque no mundo
Nasce alguém á mercê dos vendavais!...
Porque nascer, si a vida é mal profundo!!...

Descrença

Fui feliz... Distraída estava a Desventura,
Ou cuidava talvez que eu ainda sofresse,
E eu alegre seguia ao lado da Ventura
Que só fazia com que tudo eu esquecesse.

Fui á morada de Jesus. — Capela escura;
Vitrail que transportava a um céu que escurecesse...
E eu, risonha, ajoelhada, e os olhos á procura
Dos olhos de Jesus, para que agradecesse

Toda a felicidade e o prazer do meu peito
Que se desprendem da nevrose do meu sêr...
Subito vi, numa rosacea, um sêr suspeito,

Firmei o olhar e vi na rosacea um clarão
E uma sombra espectral, ironica a dizer:
— A Desventura eu sou, não me fugiste, não!...

Derradeira prece

Jesus, oh! bom Jesus, escuta a minha prece;
Atende á voz desesperada desta dôr;
Dize, dize, si lá no céu o amor se esquece...
Calado e surdo, continuas no torpor...

Pois não vês que a minha alma a morrer já fenece?...
E eu continuo em desvairado e louco ardor!...
Porque do teu olhar o consolo não desce...
Não vês que a morte vem buscar-me sem clamor?...

Como custa, meu Deus, o findar deste ocase...
Não se resume a vida em sofrimento, acaso?...
Si eu pudesse fugir do mundo, assim, de vez...

Nos olhos de Jesus vejo sonhos imortais...
Com a morte eu dormirei, nos silêncios claustrais...
Eu vou "morrer... dormir... dormir? Sonhar talvez"!...

VIVITA CARTIER — Porto Alegre.

Eis que, de inopino, em plena celebração da glória do viver de eleitas, tropeçamos numa cruz, tão certo é que nos acompanha sempre, como a nossa própria sombra, a antítese da existência.

Vivita é de nossos dias; recem completára os vinte e seis anos, arrebatou-a a morte, quebrando-lhe o encantamento de uma juventude em flôr.

Cronologicamente, pois, este é o lugar que lhe compete.

Assaltada de inopino por cruel enfermidade que se compraz em ceifar de preferencia os moços, Vivita não percebe de pronto a extensão do mal que lhe invade o organismo. Tanto assim que, ao instalar-se em um dos pontos mais altos do Estado, diz confiante:

Convalescente

Por vontade espontanea, resolvi
Passar na Serra larga temporada.
Dizem todos que, aqui, recuperada
Hei de haver a saúde que perdi.

Longe da sociedade em que vivi
E onde, talvez, nem seja mais lembrada,
Irei gosando — mesmo desamada —
A solidão poética daqui.

Mas... certo dia eu tornarei ativa
Á multidão que numa roda-viva
Goza e sofre num mar de agitação.

De paz irá, então, meu sêr trajado;
De saúde meu corpo iluminado;
De versos... um punhado em cada mão!

A ilusão se desfaz, porém, rápida, tal como as pétalas
da rubra papoula se desprendem da haste, mal se entreabre...

Os seus versos adquirem, então, a eiva de uma penetrante
melancolia, da tristeza penumbrante daquela vida que se sabe
inapelavelmente condenada pela tuberculose.

Deflúem tão espontaneamente, com um tal cunho de sinceridade,
que não ingressam no espirito de quem os ouve ou
lê sem matisá-lo da magua originaria.

Dir-se-iam tenues filetes cantantes de cristalina linfa,
tão comuns em paragem do Rio Grande e que ao brotar
humildemente na orla da materia, parecem balbuciar ao ouvido
do viandante toda a magua da selva misteriosa, toda
a tortura vencida através de acidentado curso...

Ouçamos os últimos desalentos:

Imortal

Tenho o corpo abatido, o olhar tristonho;
recondita opressão me esmaga o peito;
falta-me o ar, nunca respiro a geito;
se me obrigam a andar, logo me oponho.

No espaço indefinido os olhos ponho,
atirada, sem forças, sobre o leito,
e penso... penso nesse gozo eleito,
duma vida futura, com que sonho.

Embora humilde, resignada embora,
sucumbo ao negro horror, que me apavora,
se pressinto um tormento prolongado.

E anseio pela quédia da materia,
para minha alma, em escalada etérea,
chegar, enfim, ao mundo desejado.

Para meu tumulto

Aqui jazem os tragicos horrores
do decompor sinistro da materia;
não te detenhas, pois, nesta miseria;
oh! não deponhas, sobre a lousa, flores.

Segue... que importa a habitação funérea?
Minha alma paíra além com seus fulgores;
volve-te a ela, a ela só, manda-lhe flôres,
através do pensar, com graça etérea.

Vai perscrutá-la em qualquer sitio lindo.
Ela é tão forte como o mar bramindo
e tem a suave tepidez dos ninhos...

Aspira-a, pois, nas brisas cariciantes;
desvenda-a nas estrelas cintilantes
e evoca-a no cantar dos passarinhos!

ARACY DANTAS DE GUSMÃO — Porto Alegre.

“Estase” é o titulo do volume ha pouco publicado por
essa poetisa.

Um fremito de amor profundo, absorvente e empolgante
constitúe a essencia do livro.

Enclausurada nesse amor — dilacerante por incompre-
endido — passam despercebidos á poetisa o aspéto das cousas

que a rodeiam, os eternos têmeas humanos — fontes inextinguíveis da poesia em todas as épocas.

Certo, o amor tem erguido padrões de excelsa gloria imortal nos fastos da poesia e da arte.

Sucede, porém, que os seus cantores, para que os respectivos ideais melhor ressaltem, ao envez de se deslocarem do seu tempo, do seu povo, do periodo historico e da civilização correspondentes, souberam fazer destes fatores a estupenda molduragem de suas télas magnificas.

Dante resume os poetas que tiveram no amor a flama divinatória de seus poemas.

E é sabido como o sublime vate florentino, em arroubos de uma genialidade creadora, exalta misticamente, na “Divina Comedia”, a celestial Beatriz, de par com toda a ciencia da idade média.

Isto posto, voltemos á nossa poetisa, cujas aptidões se patenteiam, mesmo nos estreitos limites do seu subjetivismo.

Ela é bastante jovem e fundadas esperanças permitem vislumbrar-lhe dias gloriosos, quando libertada da châma comburente da paixão que a possúe.

Acompanhemo-la, nos éstos desse sentimento:

Estase

Desde que junto a mim, na surpresa da vida,
Teu vulto appareceu, cercado de esplendor,
Minha alma palpitou, de subito vencida,
Acreditando enfim no dominio do amor.

Hoje, és todo o seu sêr. E em estase embebida
Sentindo-a presa a ti, num sonho aberto em flôr,
Tua alma ha de pulsar, ansiosa e comovida,
Ás mesmas vibrações de alegria ou de dôr...

És tu quem vive aqui, nestas folhas disperso...
A luz do teu olhar fulgura em cada verso,
Palpita em cada estrofe o amor que nos rendeu...

A gloria de te amar me eleva e transfigura,
E eu digo, ébria de amor, fremindo de ventura
Em estase a teus pés — “O meu Estase é teu”...

Emoção

Ha, desde que te vi, dentro de mim pulsando,
Uma nova emoção desconhecida e bôa,
Que põe no meu olhar mais luz em te avistando,
E si acaso te vais, a fronte me enevôa...

É um misto de alegria e de pezar... E quando
O som da tua voz melodica ressôa,
Minha alma se ajoelha ante os teus pés, rezando
Os psalmos desse amor que os pulsos me agrilhôa.

É um pouco de delirio e adoração. No entanto
Quando me vês passar, despercepida e triste,
Mal sabes que na vida és todo o meu encanto,

E que eu vivo a sonhar, apaixonada e louca,
As frases que te digo, e que tu nunca ouviste,
Um dia recolher da flôr da tua boca!

A dada altura do livro, que segue sempre nessa toada de paixão sem brida, subito se estaca, sob a impressão de que a poetisa se exaure e decepçiona, na luta ingrata de um amor não compreendido, e que horizontes novos vão descortinar-se para o seu estro. É quando ela exclama, em “Versos tristes”:

.....

Morreu em ti, eu sinto agora
Esse ideal que lembra e chora
Meu coração, da vida ao léo...
E se a meu lado eu te encontrasse
Talvez teu vulto contemplasse
Como quem olha um mausoléu...

És do que amei, em tempos idos,
Em claros dias decorridos,
Miragem, luz que se apagou...
E assim teu corpo me parece
A sepultura onde adormece
Um morto bom que já se amou!...

Méra ilusão do leitor, que depressa se escôa, ao encontrar,
páginas adiante, o soneto:

Basta! Eu cáio a teus pés, humilde e convencida
De que és e serás sempre o meu unico amor...
Cruzo as armas — feliz em me saber vencida,
Sem odio e sem revolta, isenta de rancor...

É inutil prosseguir... Cáio, afinal, rendida
Entregue ao teu poder de altivo grão-senhor...
E sinto que a minha alma, ardente e comovida,
Prosterna-se a teus pés num mistico fervor...

Sou tua! Ardo de amor como uma viva châma...
E no delirio bom que me desvaira e inflâma
Eu sinto que a teu lado a minha vida é um céu...

E baixinho, feliz, num murmúrio de préce
Eu rézo na ebbriez do amor que me enlouquece:
— Venceste sem lutar!... O meu destino é teu!

HONORINA BITTENCOURT — Porto Alegre.

Esta jovem professora do Colegio Complementar é uma das promessas mais radiantes da poesia rio-grandense, si é que, com a publicação de seu livro de versos, que se anuncia para breve, não lhe vai caber, de pronto, a palma da vitória entre as poetisas do Estado.

Sua poesia esparsa nas revistas vai se tornando vultosa, lançando, pedra a pedra, as fundações de uma reputação literaria que já transpoz fronteiras do Rio Grande.

Realmente a fatura de seus poemas revela, de par com a facilidade da concepção e o selecionamento dos temas sobre que versam, uma técnica e um brilho que não é muito facil encontrar em principiantes.

Traslado para aqui dois especimes da poesia de Honorina:

Invocação

Eleito!... Semi-deus que vives no meu sonho,
Dentro do misterio de um mundo imaterial,
O aureo humbral da ilusão em teu culto transponho,
Suprema perfeição! Meu pre-sonhado Ideal!

Minha alma em teu altar é uma sacerdotiza
Antiga, a te incensar, meu eterno impossivel...
Esplendente visão que não se concretiza...
Flava estrela polar, radiosa, inatingivel!...

Jamais hei de saber si realmente existes,
Ou somente és ficção de um espirito enfermo...
Encherias de luz os meus dias mais tristes,
E de encantos sem par povoaria meu ermo.

Porque não vens, Ideal? Porque ainda não viéste?
Não vês que ilusionada a minha alma te espera?
Traz no teu olhar, irradiação celeste,
O almo clarão de sol de eternal Primavera!

E hei de esperar-te em vão, talvez perpetuamente,
Como o povo judaico ainda espera o Messias,
Que jamais descerás, humano, da florente
Da radiosa região das minhas utopias!...

Talvez por minha vida algum dia passaste...
Talvez, como uma sombra, e eu não te percebi!...
E então, Bemdito és tu, que travor não deixaste,
Porque a desilusão nunca tive de ti!

Ó meu Nuncio de Amor... Fantasma da ventura,
De um longinquo porvir soberana visão;
Onde estás, Ideal, que a minha alma procura;
Peregrina infeliz de uma eterna ilusão?

Nos sonhos juvenís em que vivo enlevada,
A aspiração maior da minha adolescencia
É essa gloria ideal de ser a tua Amada,
E semear sonhos bons pela tua existencia!

E agora, taquarienses, vos toca a vez, para o encerramento da série de poetisas cujos perfís acabais de vêr desfilar, em espirito e coração, neste cerimonial de arte, pois si aqui não teve o berço a de que me vou ocupar — aqui vive ha muitos anos, tendo no seu decurso adquirido, por justos titulos, plenos direitos de cidadania.

“Não se passeia impunemente á sombra de um laranjal em flôr”, disse o divino Goethe, e a confirmar-se conceito tão sutil e belo, não saberia eu como poderieis eximir-vos de entendimentos com as Musas, nesta embalsamada cidade que, de espaço a espaço engrinaldada com a flôr simbolica e a espelhar-se na formosa lagôa que se lhe estende submissamente aos pés, parece estar sempre a renovar nupcias com um misterioso nume tutelar.

É, pois, uma de vós, exmas. senhoras, a poetisa destinada a pôr o fecho a esta desvaliosa conferencia:

D. LOLÓ DE OLIVEIRA BRANDÃO — São João de Montenegro:

A cascata

Si a musa de algum poeta me inspirasse,
Viria decantar em bela poesia,
As sensações que na alma me deixaram
Um passeio á cascata, em tão ditoso dia.

Um rochedo ao longe se avistava
E aos pés dêle em turbilhão caíam
Com tal quéda as aguas da cascata,
Que com o peso as pedras se moviam.

Do bosque o murmúrio, das aves o gorgueio
Formava a natureza harmonico dueto;
O prado era um jardim, e nêle as borboletas
Atonitas ouviam o singular concerto.

No alto da colina, com a mente a divagar,
Contrita, sem sentir, a um tronco ajoelhei-me,
Ao Céu volvi a vista, pedi-lhe em muda préce:
Quem fez tantos misterios?! Oh! Céu! esclarecei-me!

Oh! vinde-me explicar, quem deu tal força á agua
Que póde do rochedo a pedra vir quebrar?
Mandando ao mesmo tempo as gôtas cristalinas
Com tanta suavidade á avenca cultivar?

Não sei si adormeci, mas sei que foi em sonho
Que em divinal linguagem um anjo me falou;
Com suas brancas azas, surgiu, rasgando nuvens
E voando junto a mim, assim tudo explicou:

Pergunta ao Céu! á terra, quem tais misterios fez,
Pergunta ao bravo oceano, pergunta á tenra flôr
Que tudo te dirá: — Quem fez tantas belezas,
Foi Deus, que tudo póde, foi êle o Creador.

Formou de dura pedra um colossal rochedo,
E deu-lhe como adôrno a verdejante mata;
Depois, como um primor de toda a natureza,
De lagrimas ocultas — formou essa cascata.

Bento Gonçalves, Republicanismo e Separatismo

Walter Spalding

Existem dois modos de escrever a história: um historiando os fatos, estudando-os e examinando-os á luz de documentos e provas; outro, imaginando-os, e descrevendo-os a seu bel prazer, satisfazendo, apenas, suas tendencias e caprichos, contrariando provas e fatos. Estes são os **fazedores** de história, os que, de pleno acôrdo com as idéas de certo **historiador**, depois de lerem um livro sobre o assunto, um trabalho sobre o fato, um só, pois é o quanto basta, afirma, — e meditam sobre os acontecimentos ali descritos, escrevem **sua** história de acôrdo com as conclusões feitas após a leitura e a meditação.

E pronto. Está feita a obra. Mas feita a machado, cheia de erros, vícios e mentiras. E aparecem na história verdadeiras excrescencias, que os menos cuidadosos aproveitam para novos trabalhos, perpetuando uma mentira, uma calunia, uma infamia, e ocultando outras com o fim unico de desvirtuar, despistar os trabalhadores, os estivadores da história.

Entre estes muitos caluniados, cuja relação iria longe, fórma a figura simpatica e varonil de Bento Gonçalves da Silva, um dos chefes da gloriosa epopéa de 1835.

Não sei porque, e por mais que procure não compreendo a ogeriza de certos historiadores pelo grande chefe “farrapo”. Tristão Alencar Araripe ataca-o. Alfredo Varela exagera-lhe os erros cometidos e ataca-o tambem. E agora João Pinto da

Silva, poeta, critico e historiador, procura denegrir-lhe a memoria.

Assim, no seu trabalho sobre **José de Araujo Ribeiro** (Revista do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul, I trimestre — 1932), o Sr. João Pinto da Silva, depois de se referir ao fracasso da missão de Araujo Ribeiro, fracasso devido, principalmente, á precipitação deste estadista ao tomar posse no Rio Grande, não atendendo ao pedido da Assembléa Legislativa para voltar a Porto Alegre e tomar posse da presidencia, diz que “a orientação do movimento sedicioso tinha passado dos seus “leaders”, das figuras de responsabilidade e prestigio, para os agitadores de rua, demagogos de quarteirão”.

E acrescenta: “O chefe, o verdadeiro “meneur” da revolução, já não era, naquele instante, Bento Gonçalves. Era Pedro José de Almeida, o “Boticario”. E foi este quem impediu a posse do novo presidente, mobilizando contra a Assembléa timida e inerte a população”.

Pedro Boticario, em verdade, era uma potencia dentro de Porto Alegre depois do 20 de Setembro. Mas Bento Gonçalves, seu amigo pessoal, nunca, apesar disso, se sujeitou a êle. Porque, então, nada disse, na Assembléa, ou fóra dela condenando a denegação de posse a Araujo Ribeiro? Porque êle proprio, Bento Gonçalves, suspeitou, como todo o mundo suspeitava, da sinceridade do novo presidente nomeado. Quando de seu primeiro encontro com Araujo Ribeiro, no Rio Grande, Bento Gonçalves escreveu a seu mano João Gonçalves: “Estive com o novo presidente José de Araujo Ribeiro; parece-me muito bôa pessoa e creio que fará muito bom governo. Êle segue para a capital depois de eu ali chegar”.

De que Bento Gonçalves cedera ás imposições de Pedro Boticario no caso da negação de posse não é de crêr-se e basta dizer que, pouco depois do 20 de Setembro, quando os animos estavam ainda mais exaltados, e o verbo audaz de Boticario prégava a eliminação do elemento português, propondo, mesmo, a deportação de quatrocentos e tantos portugueses, Bento Gonçalves, nessa ocasião estava ausente de Porto Alegre. A sessão, presidida por Sá Brito e secretariada por José Mariano

de Matos, ficou sem saber o que fazer e, para disfarçar o seu embaraço, propõe a entrega do documento a uma comissão para estudá-lo.

Chega nesse meio tempo Bento Gonçalves e a representação de Pedro José de Almeida foi-lhe apresentada. O chefe farrapo leu-a e, jogando-a para baixo de uma mesa, exclamou:

— Isto não tem lugar.

E não mais se falou em deportações. Isto está na *Memoria*, escrita pelo Dr. Francisco de Sá Brito.

Nesse episódio, como muito bem se vê, a força moral de Bento Gonçalves em nada diminuiu. Sua resolução foi ouvida e ninguém se insurgiu contra ela.

A indisfarçável “*capitis diminutio*” que lhe atribue o sr. João Pinto da Silva não existe ainda, e não existiu em todo o decurso da revolução.

*

* *

No Rio Grande, como ficou dito, Bento Gonçalves a chamado de Araujo Ribeiro falou-lhe, prometendo, durante a entrevista, fazer o possível para acalmar o povo, o que, aliás, não conseguiu, pelos motivos que passarei a expôr.

A 5 de Dezembro chegou Araujo Ribeiro a Porto Alegre. A posse seria a 9. Bento Gonçalves já aí se achava, e tudo parecia bem encaminhado. A recepção fôra ótima. Entusiasmado, no dia mesmo de seu desembarque na capital da provincia, Araujo Ribeiro convida a José de Paiva Magalhães Calvet para seu secretario, e declara, conforme relata Sá Brito em sua “*Memoria*”, que seus intuitos são os mais pacificos possiveis e que quer, antes, “presidir a provincia de acôrdo com os mais cordatos chefes do partido que promoveu a revolução”. Até aí tudo muito bem. Mas um ato inqualificavel de levandade do governo muda por completo a face dos acontecimentos. Antonio Gonçalves Pereira Duarte, então vice-consul hamburguês, dirigira-se aos colonos aconselhando-os a não se envolverem nas questões da provincia. E, por esse ato, certamente exagerado por outros, foi severamente casti-

gado, retirando, o governo, o **exequatur** ao vice-consul. O Consul português, porém, instigara os colonos portugueses a pegarem em armas contra os revolucionarios. E nada lhe aconteceu. Ora, tendo um ato de pacificador, como foi a proclamação do vice-consul Pereira Duarte, merecido que o governo lhe retirasse o **exequatur**, e ao outro nem sequer repreendesse, o povo ficou alarmado, mormente os partidarios da revolução. E tendo vindo essa ordem no mesmo dia do desembarque de Araujo Ribeiro, julgou-se que a ordem deveria ter vindo acompanhada de outras, e que por certo chegara cedo demais. Surgiram as desconfianças. E a posse de Araujo Ribeiro foi negada.

Opinião insuspeita nesse particular é a de Sá Brito, testemunha ocular dos fatos e até mesmo protagonista. E Sá Brito, em sua já citada **Memoria sobre a revolução de 20 de Setembro de 1835**, diz: “Um pouco antes que entrasse o sol desse dia (8) do mês de Dezembro, que então corria, dirigi-me á casa onde se hospedava o Sr. Bento Manoel, á rua da Igreja, e antes que ali entrasse, vendo ajuntamento em outra proxima, onde se achavam membros da Assembléa, entrei para saber o que ocorria e percorrendo a casa observei que um individuo sentado em uma cadeira, em attitude arrogante, como se tivera entre as mãos os destinos do mundo, dizia, como já referi: “Não se ha de dar posse ao novo presidente, a provincia não quer”. Não era esse individuo membro da Assembléa; os que o eram estavam na opinião, segundo pareceu-me, que devia dar-se a posse sendo esta tambem a que manifestava o Sr. Bento Gonçalves, que ali se achava e que, não manifestando essa opinião, era coerente com os principios que se lhe conheciam”.

E Ramiro Barcelos, em “**A Revolução de 1835 no Rio Grande do Sul**”, referindo-se aos acontecimentos acima narrados, escreveu: “Este ato (a retirada do “**exequatur**” ao vice-consul hamburguês) foi considerado como uma declaração de guerra por parte do governo e tido como precursor de outros que preparava contra os cidadãos mais comprometidos no movimento revolucionario. Em tais circunstancias apelaram os liberais para a Assembléa Provincial, pedindo que fosse de-

morada a posse do Dr. Araujo Ribeiro, até que viesse um completo indulto da Regencia para todos os que estivessem comprometidos na revolução”.

E eis os principais motivos da negação de posse, ao qual Bento Gonçalves não poderia ficar alheio, como chefe que fôra do movimento. E o seu apoio á negação da posse a Araujo Ribeiro em nada diminuiu-lhe o prestigio de chefe. Bento Gonçalves foi sempre o mesmo durante toda a revolução, gozando sempre o mesmo prestigio e, até, por causa disso, vítima de calunias entre os proprios companheiros, a ponto de propôr aos demais comandantes farrapos a sua exoneração do cargo de presidente e do comando geral das forças. E foi ainda essa mesma inveja que o levou a bater-se com Onofre Pires no dia 27 de Fevereiro de 1844.

Mas, si Bento Gonçalves se tivesse declarado contra o povo no dia da reunião da Assembléa, teria estragado completamente a sua obra e todo o seu prestigio teria desaparecido. Combatera pela liberdade do povo e não podia, de fórma alguma, abandoná-lo. Bento Gonçalves foi, pois, antes de tudo, logico e coerente.



Outras acusações feitas a Bento Gonçalves são: o republicanismo e o separatismo.

Bento Gonçalves, apesar de servir á Republica e ser presidente da Republica do Piratiní, não nutria sentimentos verdadeiramente republicanos. Era imperialista de coração. Sómente as circunstancias o obrigaram a declarar-se republicano. De separatismo, então, nem o minimo sinal se encontra. E nem mesmo o movimento de 35 teve cunho separatista. Bem ao contrario. Antes da reacção de Junho de 36, ou melhor, antes da posse arbitraria de Araujo Ribeiro no Rio Grande, ninguém pensava em prosseguimento de luta, e menos ainda em republica ou separatismo. As idéas até aí sempre foram de unidade, de intensa brasilidade.

E', pois, ainda falsa a afirmação do Sr. João Pinto da Silva em seu citado artigo José de Araujo Ribeiro, quando diz que

Porto Alegre foi a “sede da maquinação separatista”. Essa **maquinação separatista** só existe na fantasia de romancistas e poetas. A História não a regista.

E como estes apontados, ha muitos outros erros no referido artigo do Sr. João Pinto da Silva, bem como no seu livro “**A Província de São Pedro**”, que sómente agora tive ocasião de lêr, apesar de publicado em 1930.

A primeira parte dessa obra do Sr. João Pinto da Silva, não resta a menor dúvida, é trabalho excelente, a que se não póde regatear elogios. As origens do Rio Grande, o seu desenvolvimento e a sua formação moral, estão nitidamente historiados, com imparcialidade e justeza. Um ou outro deslize de diminuta importancia.

Este livro me fôra pessimamente recomendado. E por isso não me apressei em comprá-lo, abrindo-o, mesmo, com muita prevenção. Toda ela, porém, se dissipou ao terminar a primeira parte. Mas, ao iniciar a segunda, a desilusão foi enorme. Foi duas vezes maior porque já não acreditava no que me haviam dito. Mas aí é que estava a verdade da afirmação: o livro do Sr. João Pinto da Silva é parcialissimo.

E fiquei pensando: como é que um historiador que demonstra tanta imparcialidade numa parte de sua obra, é parcialissimo noutra? E só achei justificativa no que me haviam dito: laços de parentesco com Bento Manoel Ribeiro, e... manifesto horror a revoluções e revolucionarios.

Na segunda parte desse seu livro o Sr. João Pinto da Silva procurou o que havia de bom para Bento Manoel Ribeiro e o que havia de máu para Bento Gonçalves da Silva. E de posse desses documentos escreveu a sua história.

Sua, sim, porque nenhum historiador, por mais cégo que seja, deixará de vêr á simples leitura, a parcialidade da obra. Nem é preciso conhecer, para tal, a história da revolução de 35. O Sr. João Pinto da Silva trai-se a cada passo quasi.

Para prova contrária do que afirma o Sr. João Pinto da Silva em seu artigo sobre Araujo Ribeiro e em seu livro **A Província de São Pedro** (II Parte), isto é: para desfazer as suas acusações “de maquinações separatistas” e “republicanismo” de Bento Gonçalves, citarei, apenas, algumas cartas do gran-

de chefe farrapo e notas em historiadores que, como Alfredo Ferreira Rodrigues, só afirmam quando têm absoluta certeza.

Bento Gonçalves não era republicano. Provam-no suas cartas e manifestos. Vejamos:

Em carta dirigida ao Capitão Florentino Leite de Souza, datada de Pedras Brancas, 20 de Setembro de 1835, diz:

“Chego ha pouco de restaurar nossas leis abocanhadas pela aborrecida facção retrógrada. Os patriotas se acham em campo e, pelas onze horas da noite do dia 19 para 20, dei começo ao movimento. O nosso dever, é cooperar a sustentar a liberdade, a ordem e a dignidade da provincia. V., que nutre no peito sentimentos brasileiros, voará a juntar-se com seus companheiros de armas para tão justa e digna empreza”, etc. (Esta carta, cujo grifo é meu, está na integra em meu livro FARRAPOS!)

Outra prova cabal de sua brasilidade, é a celebre carta ao Regente do Imperio, onde, entre outras cousas, diz: “O Rio Grande é a sentinela do Brasil que olha vigilante para o Rio da Prata”. “Em nome do Rio Grande, como brasileiro, eu lhe digo, Sr. Regente, reflita bem antes de responder, por que da sua resposta depende, talvez, o socego do Brasil”. (A integra deste documento, poderá ser lido em meu livro FARRAPOS!) E’ o unico documento em que ameaça: “da sua resposta depende, talvez, o socego do Brasil”. E ainda aí figura o talvez. Não tem certeza. E’ uma ameaça apenas, que, por certo, lhe sugeriu o jornal dirigido por Zambecari, intitulado O REPUBLICANO.

O proprio Dr. Marciano Pereira Ribeiro, em sua proclamação diz: “...eu não ousaria encarregar-me de tão melindrosa tarefa nas circunstancias dificeis em que nos achamos, si não depositasse a mais inteira confiança no vosso acrisolado patriotismo, carater generoso, e amor á ordem, assim como nas virtudes civicas, e sentimentos nobres do valente e honrado Bento Gonçalves da Silva, que se acha á frente dos cidadãos armados, e cujos feitos e serviços vos são bem conhecidos. Fiel aos seus juramentos, e ao governo do nosso jovem Imperador Senhor D. Pedro II, elle não quererá vêr dilacerada

a nossa cara patria, e entregue aos horrores da anarquia".
(Integra em meu livro FARRAPOS!)

Vejamos, ainda, esta carta de Bento Gonçalves a João Evangelista Tavares, datada de 29 de Janeiro de 1836:

"Patricio e amigo.

A crise em que se acha novamente a nossa cara patria e as intrigas em que procura envolver-nos esse partido que vencemos no dia 20 de Setembro me proporcionam a ocasião de dirigir-me a V. S. afim de evitar que meus amigos caiam nos laços que se lhes preparam.

A contra-revolução foi felizmente sufocada no seu principio, e, por agora, nada ha a temer. **O nosso cuidado deve ser dirigido a combater esses boatos de Republica com que se quer alarmar a provincia.** Nossos inimigos pretextam armarse para sustentar a posse do presidente nomeado e para combater Republicanos. — **Aonde está essa força que se opõe á posse? Aonde estão esses republicanos? Sustentar a dignidade da provincia e os principios de 20 de Setembro não é certamente ser republicano, e ao menos perspicaz se faz patente que o que se quer é enxovalhar os patriotas desta provincia.**

Junto lhe remeto varios documentos e entre eles a proclamação da Assembléa Provincial. Por êles conhecerá o estado das cousas e o dever em que nos achamos de sustentar a todo o custo suas deliberações, por assim convir ao decôro de nossa patria, e á sustentação das nossas liberdades. Rogo-lhe, portanto, em nome da patria, que V. S. e seus amigos se não movam, e se não deixem arrastar sob qualquer pretexto, sem antes ouvir-me. Os verdadeiros amigos de nossa patria devem marchar unidos. Esta é a fórmula de apparecer novamente o socego e sermos felizes.

Espero me avise de qualquer novidade que por aí ocorra, que o mesmo eu farei.

Sou com estima — De V. S. — Patricio e Amigo,

Bento Gonçalves da Silva".

(O grifo é meu).

João Evangelista Tavares residia, então, em Camaquã. Por esta carta vê-se claramente que o fim do golpe de 20 de Se-

tembro não era a republica e menos ainda o separatismo, mas simplesmente reivindicações de direitos e liberdades.

Vide, agora, o contraste entre esta carta de Bento Gonçalves e esta outra de Bento Manoel:

“Ilmo^o Sr. Manoel Cavalheiro de Oliv^{ra} — Considerando-o sempre como um dos bons cidadãos da Provincia, amante da paz e da ordem, eu me animo a enviar-lhe a proclamação junta p^a V^a S^a fazê-la chegar ao conhecimento do Sr. seu filho, e fazer com q. abandone esse partido anarquico promovido pelo ambicioso Bento Glz, q. á custa do inocente sangue dos seus Patricios se quer tornar um segundo Artigas. Medite V^a S^a um só momento sobre os feitos desse impostor, e conhecerá a realidade de minhas expressões. Eu conto q. V^a S^a fará todo o esforço p^a arredar esse interessante jovem da estrada do crime e da deshonra, seguro q. será religiosamente cumprido quanto digo em m^a proclamação. Se lhe parecer chegue até aqui p^a melhor conversarmos. Espero sua resposta e sou com estima de V^a S^a Patr^o mt^o v^{or} — Bento M^{el} Rib^{ro} — Cam-
po, 30 de Março de 1836”.

Estas as expressões de um revolucionario que por conveniencia abandonara seus amigos da vespera, para, por conveniencia ainda, orgulho, e inimizade com o presidente, voltar ás fileiras rebeldes, ás fileiras desse **partido anarquico promovido pelo ambicioso Bento Gonçalves**, e dele, depois, vendo as cousas mal paradas, fugir, retirar-se para a sua fazenda, conforme prometera, mas logo depois, com a vinda de Caxias, faltando á promessa feita aos revolucionarios, oferecer seus serviços a este e até o fim lutar contra os farrapos.

Bento Manoel Ribeiro, terminada a revolução, possuia ainda a sua fazenda e estava bem. Nada lhe faltava. Podia continuar a sua vida serenamente. E Bento Gonçalves? Safu pobre, pauperrimo. Teve que pedir emprestado para recommençar a sua vida. E podia exclamar — perdi tudo, menos a honra. E como Bento Gonçalves, Portinho, Neto, Crescencio, Teixeira e muitos outros.

Pouco antes de Bento Manoel dirigir-se ao velho Cavalheiro, Bento Gonçalves escrevia ao filho, o “interessante jovem” a que se refere aquele, a seguinte carta:

“Bom amigo Cavalheiro — Campo nas pontas do Quebracho, 13 de Março de 1836 — Com maior satisfação recebo neste momento a sua carta dirigida a Vasco Marques: ela me encheu de satisfação, e a mais e mais me confirmou de sua firmeza de carater, e de seus principios Liberais. Eu lhe dirigi desde Porto Alegre duas cartas bem estensas acerca de nossos negocios politicos; porem pelo q. V. S. diz vejo que as não recebeu. A David Canabarro tambem lhe escrevi des do Arroio dos Ratos por seu digno irmão; ignoro si recebeu. Vamos a outra cousa. Depois de acossar ao monstro Silva Tavares, e Medeiros des do Erval té este ponto, aqueles malvados fugindo sempre diante dos Livres atravessaram no dia 10 das pontas de Jaguarão p^a o Arroio do Tigre, sofrendo dispersão, alguns mortos, & &. O máu estado das cavalhadas desta columna me fez parar; des daquele dia té hoje que continuo minhas marchas com mil e duzentos bravos, deixando sobre o S. Gonçalo trezentos e tantos. Minha direção é a S. Gabriel; porem meu ponto é onde estiver o traidor Me^{el}. B^{to}., que já deve vir perseguido pela columna da direita comandada hoje pelo comandante das Armas o Patriota João Manoel de Lima e S^a, qm no dia 2 do corrente o acossou desde Canapé té 6 leguas a sua retaguarda matando-lhe 6 mercenarios, um prisioneiro, e muitos passados e feridos: isto pois lhe sirva de governo p^a dirigir suas operações de modo que marche pelo meu flanco esquerdo, e muito serviço fará se me socorrer com mil ou mais cavalos. De amanhã em diante eu lhe mandarei procurar sobre m^a esquerda. Tenha todo o cuidado em observar que S^a Tavares, Medeiros ou outros não carreguem pr. essa parte. Emfim eu confio em sua atividade e descanço. Creio que João Ant^o já estará reunido á columna da direita segundo me avisa o comandante das Armas em of^o de 4 do corrente. Tudo vái bem, e o triunfo é certo. Saudades a Canabarro, e mais amigos Patriotas. Vasco Marques anda fóra e pr. isso não lhe responde. — Sou seu Am^o e Cam^a — **Bento Glz. da S^a.**”

Mesmo nestas cartas mais íntimas, Bento Gonçalves não deixa transparecer nenhuma idéa republicana ou separatista, e o seu linguajar sempre comedido. Não tem aqueles frenesis

achincalhadores da maioria das cartas de Bento Manoel Ribeiro.

Existem, porém, documentos, cartas e proclamações, em que Bento Gonçalves parece defender a republica e prégar, mesmo, as idéas republicanas. Estas, porém, sómente apparecem depois do combate do Fanfa em Outubro de 1836, da proclamação da republica por Neto em Setembro de 1836, isto é: depois de sua fuga do forte do Mar, na Baía, quando nada mais havia a fazer, pois a republica estava proclamada e êle eleito presidente. Aliás, era o unico meio de saír-se com honra da temeraria empreitada de 20 de Setembro, mórmente depois da primeira defecção de Bento Manoel.

E assim é que apparecem cartas como estas (V. Varela, *Revoluções Cisplatinas*, II vol., Apendice):

“Empunhamos as armas para resistir a opressão; não tínhamos então idéa de mudar a fórma de governo estabelecido, mas atrocidades e violencias praticadas pelo governo do Imperio, seus agentes e delegados, nos forçaram a proclamar a Independencia: quer antes, quer depois deste ato combatemos sempre pelos principios, isto é, por uma verdadeira liberdade, não sómente de direito, mas tambem de fato. Como desistiremos da luta sem salvar esses principios?”. E mais adiante na mesma carta: “Dizeis que não perdemos os postos, que serão conservados e se nos darão mesmo meios suficientes de subsistencia. Já vos respondi que a nossa questão é de principios, e não de interesses individuais”. Estes topicos são de uma carta de 18 de Maio de 1841.

O proprio republicanismo não tem por fim exclusivo a independencia do Rio Grande. Quer reunir num só blóco republicano todo o Brasil. Canabarro, Garibaldi e Teixeira, com este intuito invadem Santa Catarina, proclamando a Republica Juliana. A proclamação de Canabarro é bem expressiva: todas as provincias do Brasil são convidadas a unir-se ás já proclamadas republicas de Piratini e Juliana. A brasilidade domina-os sempre, e foi ainda o sentimento de brasilidade que os fez depôr as armas, reunir-se novamente ao Brasil para, generosamente, derramar seu sangue heroico em defesa da integridade da patria comum.

Para concluir quero, mais uma vez, citar o testemunho do Dr. Francisco de Sá Brito, em sua já mencionada **Memoria**, em cuja parte final faz uma defesa de Bento Manoel de quem foi, aliás, grande amigo.

Eis o topico em apreço e que mais uma vez vem provar, como a cena que desarmou Pedro Boticario, a brasilidade intensa de Bento Gonçalves:

“Devo aqui — diz Sá Brito — devo aqui fazer justiça mais uma vez ao nobre carater desse illustre rio-grandense, referindo um fato que, conquanto passado em sociedade secreta que nunca frequentei, foi contudo muito notorio em Porto Alegre. Presidindo a provincia o Exmo. Sr. Conselheiro de muito hónrosa memoria Manoel Antonio Galvão, houve naquella capital um partido que aspirava a separação e independencia da provincia. Era esse partido composto de individuos amantes do despotismo antigo, que se desgostavam dos progressos que fazia o civismo no Brasil, e de liberaes assáz levianos para não penetrarem as vistas desses corifeus. Coube ao sr. Bento Gonçalves a gloria de pulverizar esse partido em uma sessão secreta, por um discurso que desmoronou-lhes os planos e impôs-lhes silencio, despertando ao mesmo tempo nos bons cidadãos, o nacionalismo e o amor á liberdade, cujos principios medravam no imperio”.

Tal foi Bento Gonçalves em toda a sua vida e tais as diretivas da revolução de 1835 que foi, póde-se dizer, uma revolução libertadora-nacionalista que, devido ás circunstancias e infiltração de idéas alheias, se tornou republicana.

Hidrografia do Estado do Rio Grande do Sul ⁽¹⁾

A. D. Pinto

Descrever a parte hidrografica do Estado do Rio Grande do Sul, não é mais do que reproduzir, o que dizem a respeito, as obras dos eminentes: Dr. Alfredo Varela, André Rebouças, Visconde de São Leopoldo, Dr. R. Simch, O. de Faria e muitos outros, fonte extraordinaria, onde se pôde beber todos os ensinamentos sôbre este belo, prospero e futuroso Estado.

São completos estes autores, em suas obras, que muitas vezes, nos vemos na necessidade de, a cada momento, citá-los por exprimir, o que dizem, verdadeiramente, o real; maximé sobre hidrografia, cuja complexidade do estudo de uma região, torna-se difficil e arrasta-nos a outros estudos imprescindiveis e complementares.

Para se fazer idéia de um sistema hidrografico, necessario se torna conhecer a geografia física, a geologia, a orografia, feição topografica e climatologica do lugar, nos forçando a análise do regime fluvial, e, nos obrigando a ir até

(1) O presente trabalho foi escrito a pedido do Dr. Euclides de Castro Carvalho, para a sua obra "O Estado Sanitario do Rio Grande do Sul". Posteriormente vendo quanto tinha êle de omissões e incorreções, vai publicado nesta Revista, afim de solicitar áqueles que reconhecerem as omissões e os erros, acusarem aquelas e corrigirem estes, e enviando-nos, farão um grande obsequio.

a hidrologia, visto que não se póde descrever a hidrografia, sem se falar na linografia e colpografia da mesma região.

O estudo hidrografico, tem uma importancia extraordinaria para as populações, em todas as partes do mundo e em todos os ramos da atividade humana, e se se póde dizer que os rios são grossas arterias de um corpo ao qual dão fôrça e vida, tambem se póde dizer que pódem dar a morte.

Desnecessario é pôr em evidencia o papel preponderante da agua no desenvolvimento material dos povos. Sendo indispensavel a vida de todos os entes, util a agricultura e a industria, a agua não é menos necessaria para a salubridade das cidades, e, é fato que, se as epidemias são combatidas com vantagem em nossos dias, tornando-as menos frequentes e menos perigosas e mesmo, extinguindo-as, é devido a complexos trabalhos de engenharia sobre a agua: aqui desseccando-a, ali drenando-a, acolá canalizando-a e além destruindo-a.

* * *

A Serra do Mar, esta grande cadeia de montanhas que vem desde o norte do Brasil e que costeia o litoral, desde o Rio de Janeiro, atravessando os estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, penetra no Rio Grande do Sul abandonando o litoral e dirige-se para o interior do Estado em duas ramificações que tomam os nomes de Serra do Herval e Serra dos Tapes. A sua altura, que nos estados do Rio e São Paulo atinge a mais de mil metros, no Rio Grande do Sul, só em pontos excepcionais, atinge a pouco mais de metade desta altura.

O abaixamento desta região, atribue-se a época pre-cretaea, tendo relação com os imensos derrames de rochas eruptivas posteriores ao período triassico. Este abaixamento natural para o sudoeste, dá lugar a se poder dizer que o Rio Grande do Sul é geralmente plano, o que confirma o nome de — pampa riograndense —, na frase do Dr. Alfredo Varela, vasta planicie que fica entre a fronteira sul e a Serra Geral, cortada por ondulações suaves que chamam — coxilhas —. Supõe-se que remanescentes desta cadeia

vão até o ponto extremo do Brasil, pois nota-se que a sua formação é a mesma da Serra Geral, composta de granito e derrames de rochas eruptivas principalmente diabase, notando-se também camadas sedimentares da idade cambriana ou pre-cambriana. O granito e o gneiss são as rochas típicas desta formação.

Esta cadeia que aparece em Porto Alegre, que é remanescente da Serra Geral, segundo o Dr. R. Simch, sofre uma fratura para deixar passar o Guaíba, e formando para o interior um vasto planalto, sofre nova fratura que constitui o leito do grande Jacuí.

O Rio Grande do Sul é cortado, por esta cadeia, em duas partes quasi iguais, formando um planalto ao norte e uma baixada ao Sul. O planalto conhecido por — Cima da Serra —, fôrma uma area desigual, composta de cêrros chatos e cortados por numerosos cursos dagua, formando quédas dagua e corredeiras; a outra parte, abaixo da serra conhecida por — Campanha — é formada por um terreno chato, vendo-se aqui ou ali espigões irregulares e vastas planicies.

Esta cadeia toma o nome de Batoví e Itababeraquá no municipio de Lavras e São Gabriel; Serra de Caçapava no municipio deste nome; Encruzilhada no municipio de Encruzilhada e finalmente de Herval, nome mais conhecido, também no municipio deste nome; indo esta cadeia fenecer em Pedras Brancas, hoje municipio de Guaíba.

Esta serra tem como principal elemento de sua composição quistos antigos e conglomerados, que naturalmente foram atravessados por diversas erupções e por sua composição, parecem ser rochas paleozoicas do litoral.

A Serra dos Tapes, outra ramificação da mesma cadeia percorre os municipios de São Lourenço, Cangussú e Pelotas.

Esta cadeia divide o Rio Grande do Sul em duas vastissimas bacias hidrograficas: uma que corre para leste e despeja no Oceano Atlantico e outra que corre para oeste e arroja-se no caudaloso Uruguai, que com o Paraná e o Paraguai fôrman o grande Rio da Prata.

A origem hidrografica do Rio Grande do Sul é inteira-

mente pluvial, fenomeno que se desenvolve por toda a superficie da terra. Todos sabem que as chuvas, depois de sua quéda, se divide em três partes, variaveis com a qualidade do solo que ela rega. Uma, volta imediatamente para a atmosfera sob fórmula de vapores e é absorvida por esta ou pelas florestas; outra desliza pela superficie seguindo rêgos naturais com mais ou menos velocidade conforme o declive, formando pequenos riachos que reunindo-se fórmam os arroios e mais adiante, junto com outros, fórmam os grandes rios; a última porção se infiltra no solo, atravessa os terrenos permeaveis que encontra e se concentra em lençóis subterrâneos sobre os primeiros bancos impermeaveis; estes lençóis seguem as inflexões das camadas subjacentes, se acumulam nos "thalwegs" quando estas camadas impermeaveis, por um fenomeno qualquer da natureza, afloram, a agua ressurge sôbre a fórmula de fontes. Enfim os rios entregam ao Oceano toda esta agua que dele saíu, fechando assim este ciclo que assegura a invariabilidade do nivel do mar e a permanencia das leis da natureza.

A bacia oriental, com exceção dos rios: Mampituba, Baeta, Marisco, Matreiro, Tramandaí e Chuí, que desaguem directamente no Atlantico, as suas aguas desaguem pela barra do Rio Grande, sangradouro natural da Lagôa dos Patos, este quasi mar interior, receptaculo de todas as aguas de todos os rios desta bacia, inclusive as da Lagôa Mirim e seus tributarios.

O sistema hidrografico do Rio Grande do Sul é maravilhoso.

Não ha municipio que não tenha sua rêde fluvial, que ora serve para a navegacão, para a agricultura e lavoura e ora canalizada, leva a higiene e o confôrto a diversas cidades.

A bacia maior do Estado é a do Jacuí, calculada em cerca de 140.000 quilometros quadrados.

Todos os autores dão o Jacuí nascendo acima da cidade de Cruz Alta e êles que permitam esta ousadia: discordamos desta opinão, que vai de encontro a todas as praxes geogra-

ficas. Consideramos o rio Jacuí nascendo na serra de Batoví proximo a cidade de São Gabriel com o nome de Vacacaí.

Esta opinião é baseada no percurso e volume dagua, de cada um dos dois braços, contando da sua junção para cima, onde ver-se-á quanto o Vacacaí sobrepuja o Jacuí, o que confirma o meu asserto. O Vacacaí nasce na Serra do Batoví, corre ao longo da cadeia que separa suas aguas das do Santa Maria. Seu leito é impermeavel, isto verificado pela configuração de sua bacia, e também bastante obstruido, pois conta diversas cachoeiras, entre elas a do Batista acima da confluencia do São Sepé. Banha o municipio de São Gabriel, limita este com o de Santa Maria, e Cachoeira com o de São Sepé, penetrando no de Cachoeira onde junta-se com o braço denominado Jacuí. Tem os seguintes afluentes: Areia, Arenal, Caiboté, Cambaízinho, Cana, Carneiro, Divisa, Mandador, Salso, Santa Barbara, São Sepé, Sarandí, Só, Três Passos e o Vacacaí-Mirim. O braço que querem que seja o Jacuí, nasce acima da cidade de Cruz Alta, descendo vertiginosamente em direção norte-sul, em virtude do forte declive do seu leito, sendo muito encachoeirado, tendo diversas cachoeiras, sendo as principais a de Cruz Alta, Soledade e Negra. Limita os municipios de Passo Fundo e Soledade do de Cruz Alta; Soledade e Cachoeira do de Julio de Castilhos, penetrando no de Cachoeira. Depois da sua junção com o Vacacaí, banha as cidades de Cachoeira e Rio Pardo, as vilas de Santo Amaro, São Jeronimo e Triunfo, indo lançar-se no Guaíba em frente á cidade de Porto Alegre. Limita também os municipios de Cachoeira do de Rio Pardo e separa os municipios de Guaíba e São Jeronimo do de Santo Amaro e Triunfo. Recebe o Jacuí inumeros afluentes que banham e separam diversos municipios e que são os seguintes: Agudo, Amorim, Anastacio, Aterrado, Barriga, Bexiga, Bom Sucesso, Braga, Botucaraí, Bugre, Butiá, Cabral, Caixeiros, Capané, Capivarí, Entrada, Faxinal, Ferrão, Francisquinho, Geringonça, Grande, Guaratingaí, Guardinha, Ingaí, Invernada, Irapuá, Jacuízinho, João Rodrigues, Lageado, Lagoão, Laranjeiras,

Leão, Matias, Olaria, Pardo, Passo Fundo, Passo Raso, Pedras, Pequirí, Porta, Porteirinha, Porto Branco, Preguiças, Ratos, Rua Velha, Saldanha, Salso, Santo Antonio, São Nicolau, Soturno, Tabatingaí, Taboão, Taquarí, Trombudo, Varejão, etc. A bacia do Jacuí é a mais povoada e colonizada do Estado, ficando nela situadas diversas colonias importantes. Conta o Jacuí os seguintes portos: Dona Francisca, Igreja, São Lourenço, Cachoeira, Bexiga, Rio Pardo, Couto, João Rodrigues, Santo Amaro, São Jeronimo, Triunfo, Xarqueadas, Porto das Minas, Pinheiros, Volta dos Carazes e Pontal. A riqueza do solo proveniente da irrigação do Jacuí e seus afluentes é extraordinaria. Só o seu afluente o Taquarí, que nasce no municipio de Vacaria com o nome de rio das Antas, tomando o de Taquarí em Santa Barbara; concorre de um modo extraordinario para a riqueza do Estado, pois a região por êle banhada tem um desenvolvimento agricola muito importante. Este rio tem os seguintes afluentes, o que comprova a sua vasta bacia: Açouta Cavalo, Alcântara, Aldeia, Anta Brava, Areia, Augusto, Barra Mansa, Barreiro, Beija-Flor, Bicudo, Boa Vista, Bom Retiro, Buratí, Cadeia, Cafundó, Camisas, Capitão Miguel, Capivara, Caraá, Carreiro, Castelhana, Cedro, Chafariz, Campinho, Conventos Vermelhos, Contas, Crescencio, Divisa, Dona Felícia, Forqueta, Engenho, Gonçalves, Governador, Grande, Crumatá, Guaporé, Herval, Pinheiros, Inferno, Jaboticabas, Jacaré, Jararaca, João Souza, Julio, Lageadinho, Lambarí, Leão, Marrecão, Meio, Moinhos, Moraes, Mulada, Nicolau, Oitava, Ouro, Paim, Pombas, Prata, Quinze, Ranchinho, Real, Saltinho, Sampaio, Santa Cruz, São Gabriel, São Gonçalves, São Marcos, Sêca, Silva, Soca, Taínhas, Taquarí Mirim, Tomé, Tigre, Veado, Vicente Rosa, Vieira e outros. A sua navegação é intensa em virtude de sua riqueza, contando os seguintes portos: Santa Barbara, Santa Tereza, General Osorio, Barra do Guaporé, Campinho, Arroio Augusto, Encantado, Palmas, São Caetano, Fischer, Arroio do Meio, Costão, Lageado, Areia, São Bento, Estrela, São Gabriel, Ramos, Bom Retiro, Pedreira, Cabriuva, Santarém, Fazenda Espanhola, Capitão Mi-

guel, Mariante, Gomes, Josefino Teixeira, Viuva Guedes, Volta do Freitas, Caramujo, Asilo Pela, Lengler, Volta do Barreto, Margem e Olaria. Desagua no rio Jacuí em frente á vila de São Jeronimo, deixando ao lado esquerdo a vila do Triunfo.

Quão diferente é esta bacia de todas as outras bacias do Brasil. Em todas elas, a malaria impera e o impaludismo predomina; quer seja a vastissima bacia do Amazonas, quer seja a do São Francisco, quer a do Paraíba ou do majestoso Paraná. Entretanto, não conhecemos lugar onde existam estas molestias na vasta bacia do Jacuí; attribuindo isto, alguns, á facil vasão das aguas e outros, á formação do seu solo.

O rio Jacuí desagua no Guaíba, nome que antigamente era dado ao Jacuí.

Esse rio que é um verdadeiro estuario, é formado pelos rios: Jacuí, Sinos, Gravataí e Caí, tendo sessenta quilometros de curso, desaguando na Lagôa dos Patos na ponta de Itapuan, depois de receber os seguintes tributarios: Antonio Alves, Araçá, Capivara, Conde, Chico Barcelos, Divisa, Junco, Riacho, Ribeiro e outros pequenos arroios. Banha o municipio do seu nome, Porto Alegre e Viamão e é sulcado diariamente por grande número de embarcações, principalmente depois das desobstruções dos canais da Lagôa dos Patos. O Guaíba tem os seguintes portos: Barra do Ribeiro, Pedras Brancas e Porto Alegre a bela capital do Estado. Dentre os afluentes deste rio, destacam-se os quatro que o fórmam e como já descrevemos o Jacuí, vamos falar dos outros três.

O rio dos Sinos, um dos formadores do Guaíba, nasce com o nome de Dominga, tem de curso cêrca de 194 quilometros, dos quais 90 são navegaveis e banha os municipios de Conceição do Arroio, Santo Antonio, Taquara, São Leopoldo, Caí e Gravataí. Possui os seguintes portos: Berto Cirio, Carioca, São Leopoldo, Tronqueira e Paciencia; tendo este rio os seguintes afluentes: Bocó, Brejo, Butiá, Cabral, Cajú, Campo Bom, Caraá, Carioca, Carvão, Cedro, Entrepe-lado, Ferreiros, Forquilha, Grande, Guará, Guarda, Guarí,

Ilha, Barro Negro, Padre, Pedras, Portão, Rolante, Santa Maria, Sapiranga, Taquara, Tiririca e Tucanos.

Outro formador do Guaíba é o rio Caí que nasce no município de São Francisco de Paula de Cima da Serra e rega mais os municípios de: Caí, Montenegro e Triunfo, abrangendo o seu vale, mais os municípios de: Taquara, Caxias, Garibaldi e São Leopoldo. Este rio possui as importantes barragens Rio Branco com uma esclusa de cerca de cincoenta metros. Tem os seguintes afluentes: Alves Cabral, Amora, Belo, Bom Jardim, Cadeia, Carajá, Corvos, Cria, Dois de Julho, Divisa, Ferromeco, Forqueta, Fortaleza, Grande, Ipiranga, Kantemback, Macacos, Ovelhas, Paixão, Paquetá, Paraiso, Parecí, Paulista, Pesqueiro, Piaí, Pirajá, Quilombo, Saco Triste, Santa Cristina, Santa Rita, São José, Sepultura; tendo os seguintes portos: Morretes, Bituca, Joaquim Martins, Geral do Caí, Marmeleiro, Chimarrão, Pacote, Montenegro, Mariazinha, Parecí Novo e Caí.

Outro rio que também é formador do Guaíba é o Gravataí, o menor e o menos importante dos quatro; banha o município do seu nome, o de Viamão e o de Porto Alegre, lançando-se no Guaíba a dez quilômetros ao norte desta cidade.

Desaguando na Lagôa dos Patos o Guaíba leva todas as águas da bacia do Jacuí para esta Lagôa, a maior do Brasil, pois conta cerca de 300 quilômetros de comprimento por 60 de largura. É um mar interior e a sua imponência dá uma idéia da vastidão de oceano; pena é ser semeada de baixios e que de alguma forma, cercêa a navegação de longo curso.

Esta vasta porção de água, recebe as da Lagôa Mirim pelo rio São Gonçalo, impropriamente chamado rio, pois não é mais do que um canal que liga as duas lagôas; opinião que também o é de O. de Faria; banhando a cidade de Pelotas, sendo navegável em toda a sua extensão, tendo como afluentes os seguintes cursos d'água: Pelotas, Pepino, Piratini, Santa Barbara e Santo Antonio. Além das águas do Guaíba e da Lagôa Mirim, tem a Lagôa dos Patos os seguintes tributários: Baltasar, Barquinho, Barra Falsa, Camaquam,

Cangussú, Capivarí, Contagem, Correntes, Duro, Ferreiros, Grande, Guaraxaim, Inhame, Jacaré, Mostardas, Palmares, Peixe, Passo Grande, Rincão, Salgado, Sujo, Velhaco etc. Destes tributarios distingue-se pela sua importancia o rio Camaquam que tem cêrca de 320 quilometros de curso, banha os municipios de: Caçapava, Bagé, Pinheiro Machado, Piratiní, Encruzilhada, São João de Camaquam, Cangussú e São Lourenço; e ao desaguar na Lagôa dos Patos fórma em sua foz um grande delta. Seu vale é fertilissimo, sendo navegavel até pouco adiante de sua foz e tem os seguintes tributarios: Abranjo, Antonio Silveira, Barracão, Bica, Caldeira, Camaquam Chico, Cananéa, Caneleira, Carã, Carajá, Cardoso, Colorado, Cordeiro, Cria, Corrêa, Cruz, Curuá, Divisa, Duro, Grande, Herval, Ignariaça, Martim, Itacaroní, João Dias, Maria Santa, Miseria, Olaria, Palmas, Pedras, Pedregal, Pedroso, Povo, Sapata, Santa Izabel, Seival, Sutil, Tigre, Vargas, Ladrões, Lageado, Pantanoso e Chapeado.

Um grande tributario da Lagôa dos Patos é a Lagôa Mirim que nela desagua pelo canal São Gonçalo. Esta lagôa mede cêrca de 175 quilometros por 25 de largura; só é navegavel por embarcações de pequeno calado, devido a sua escassa profundidade, mas, assim mesmo, uma não pequena navegação tem para os portos de Jaguarão e Santa Vitoria do Palmar. São seus tributarios: Afogados, Arrepellidos, Arroito, Bananas, Bretanhas, Capão das Canôas, Caturrita, Capivaras, Cortume, Elrei, Galpões, Grande, Herval, Jaguarão, Juncal, Palmas, São Miguel etc.

A Lagôa dos Patos desaguando no Atlantico, leva as aguas da bacia oriental do Estado, penetrando naquele oceano pela barra do Rio Grande, importante porto e cidade do Estado. Tem a Lagôa dos Patos os seguintes portos: Barra de São Lourenço e Barra do Velhaco.

* * *

A bacia ocidental do Estado, toda ela, despeja no imponente Uruguai, rio que segundo uns o seu nome quer dizer: “rio das Conchas” e segundo outros quer dizer: “rio dos Passaros”, e que André Rebouças tão bem descreveu.

O Uruguai nasce na Serra do Mar, em Santa Catarina, com o nome de Pelotas e entra no territorio do Rio Grande do Sul, tomando depois o nome de Uruguai. Serve de limite entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul; Argentina e Republica Oriental do Uruguai.

Os grandes derrames de rocha basaltica que precederam o fim do período triassico, modificaram profundamente a geografia física do sul do Brasil. Os diques e derrames de rocha eruptiva que tem o leito do Uruguai, são causadores dos rapidos e cachoeiras nele existentes, e este declive como que modera ao entrar em territorio riograndense, onde a navegação é franca dentro do Estado, tendo, este rio cêrca de 860 quilometros de curso. Suas aguas são limpidas e o seu leito formando curvas caprichosas entra na densa floresta no rumo oesnoroeste. Suas margens e ilhas são cobertas por uma vegetação luxuriante e possante. No seu curso, no Estado, banha com o nome de Pelotas os seguintes municipios: Bom Jesus, Vacaria e Lagôa Vermelha; e com o nome de Uruguai os de: Passo Fundo, Palmeira, Santo Angelo, São Luiz, São Borja, Itaquí e Uruguaiana. Em territorio riograndense todos os seus afluentes, que são inumeros e alguns caudalosos, são da margem esquerda, e os campos banhados pela sua bacia são, como pastagens, considerados os primeiros do Estado. Estes afluentes são: Alexandre, Ariranhas, Barra Bonita, Biguás, Bonito, Bugre, Butuí, Cacaréu, Calongas, Camaquã, Comandá, Cruz, Chico, Estaqueadeiro, Estiva, Faxinal, Forquilha, Franquia, Guaríta, Herval, Grande, Ibicuí, Ijuí, Imbaá, Indios, Inhaçorá, Itapitocai, Japejú, Juquerí, Lambedor, Laranjito, Ligeiro, Mel, Negro, Nonoai, Omannã, Pacú, Paixão, Pardo, Passo Fundo, Peixe Morto, Pindaí, Pintado, Piratiní, Prates, Quaraí, Quaraí Chico, Restinga, Riacho, Salso, Santa Maria, Santa Rosa, Santo Cristo, São Isidoro, São Francisco, São Marcos, São Mateus, São Xavier, Sujo, Teixeira Soares, Tenente Rodrigues, Touropasso, Turvo, Urucataí e Varzea. Dentre estes merecem destaque pela sua importancia os: Ibicuí, Ijuí, Quaraí, Guaríta e Passo Fundo.

O Ibicuí nasce na serra de São Martinho no município de Santa Maria com o nome de Ibicuí Mirim, corre a princípio na direção SO e depois de O até lançar-se no Uruguai. E' o mais importante afluente do Uruguai no Estado; em seu curso banha os municípios de Santa Maria, São Vicente, Rosario, São Francisco de Assis, Alegrete, Itaqui e Uruguaiana. A sua bacia tem cerca de 44.000 quilômetros quadrados e o seu característico mais notavel é ser uma planície com um suave declive para oeste, desde a crista da cordilheira geral e seus contrafortes, até a margem daquele rio, deixando perceber, no dispositivo de territorio e natureza do solo, ter sido cavado em extenso chapadão pelas aguas pluviais, cuja ação erosiva, em milhares de anos, deslocou a massa imensa, que unia no mesmo nível as serranias que, hoje, separadas, formam em alongada curva os seus limites naturais, desde as extremidades da serra do Caverá até as coxilhas do rincão da Cruz.

O Ibicuí que na lingua tupí se escreve Ibiquí e que quer dizer: areia, praia; atravessa uma zona cuja natureza geológica confirma o nome posto pelos indigenas, pois ela é formada por um terreno arenoso, inconsistente e permeavel, tendo sido encontrada, em diversas profundidades, uma camada de grês, que parece estender-se por todo o vale, tornando bem patente a sua formação pliocena. Por um fenomeno natural, este rio e o Quaraí estão sujeitos a repentinas e parciais enchentes, devido a quedas de trombas dagua locais. O Ibicuí tem os seguintes afluentes: Agua Negra, Areal, Grande, Areal Vermelho, Beriva, Bonito, Catanduvás, Cruz, Divisa, Ibirapuitan, Ibirocaí, Inhacondá, Inhacorutú, Itaperí, Itú, Jacuí, Joanico, Lageado, Mato Alto, Nossa Senhora, Palma, Passinho, Pitangueiras, Posto, Santa Maria, São João, Sobradinho, Sotéa, Taimbé, Taquarí, Toropí e outros. Depois de um curso muito sinuoso de 450 quilômetros o Ibicuí lança-se no Uruguai quasi em frente ao povoado argentino de Iapejú; tendo os seguintes portos: Cacequí, Passo Novo, Bicas, Pedro Machado, Mariano Pinto, Passo do Silvéstre e Cristaldo.

O Ijuí, outro afluente do Uruguai, nasce com o nome de Palmeira no municipio de Cruz Alta, separando este daquele e penetrando neste, corta-o ao meio lançando-se no Uruguai depois de banhar os municipios de: Santo Angelo e São Luiz. E' muito encachoeirado, tendo na sua foz o salto de Pirapó. Tem os seguintes afluentes: Albino, Alegre, Alexandre, Angelo, Anjinho, Aterrado, Belarmino, Bigiganga, Caçador, Candinho, Conceição, Cruz, Divisa, Encarnação, Espiga, Fiussa, Espirito, Gramado, Grande, Ibiquá, Ijuí Mirim, Ijuízinho, Inferno, Inhacorutú, Janeiro, Lageado, Leão, Mandaçaia, Mauricio, Mochila, Moinho, Pobre, Porongos, Ranchinho, Santa Barbara, Santa Tereza, São João, Urucataí, Urupú e Antonico.

O rio Quaraí, outro afluente de importancia do Uruguai, nasce no municipio de Livramento e é o mais rico afluente do Uruguai, pois os campos que rega são os que oferecem melhores pastagens em todo o Estado, tendo tambem jazidas de cobre ainda não exploradas. Seu curso é muito sinuoso e o seu leito é quasi todo pedra, em geral com pouca profundidade. Banha os municipios de Livramento, Quaraí e Uruguaiana e em grande extensão do seu curso limita o Brasil da Republica Oriental. Tem os seguintes afluentes: Areal, Caiboaté, Camoatim, Capivarí, Catí, Garupá, Guapitanguí, Moirões e Itapintanguí.

O Guaríta, nasce proximo a vila de Palmeira no municipio do mesmo nome, tem cêrca de 170 quilometros de curso e lança-se no Uruguai depois de receber os seguintes afluentes: Barreiro, Bravata, Caçador, Engenho, Canôas, Faxinal, Fortaleza e Gravatá.

O Passo Fundo nasce no municipio de Santa Cruz, banha a cidade de Passo Fundo e limita o municipio do seu nome com o de Palmeira e depois de percorrer cêrca de 200 quilometros, lança-se no Uruguai. São seus principais afluentes: Bonito, Bugre, Capão Alto, Capivara, Carajá, Cedro, Ceryo, Corvos, Divisa, Engenho, Entrada, Estancia, Facão, Indios, Meio, Miranda, Moinho, Palheado, Sarandí, Teixeira e Tigre.

O rio Uruguai tem os seguintes portos: Uruguaiana, Saladero Itaquí, Itaquí, Passo das Pedras, Pintado, São Borja e Garruchos.

* * *

Com exceção da bacia do Amazonas, não ha Estado que tenha uma rêde fluvial tão importante; servindo uns cursos dagua para a navegação e a maioria para irrigação do solo o que o torna fertil e util para a lavoura, agricultura e pecuária.

Para confirmar o meu asserto, vou terminar este sucinto estudo, mostrando a rêde fluvial e a linografia de cada municipio.

ALEGRETE — Regado pelos rios: Ibicuí, Ibirapuitan, Inhanduí, Itaperí, Ibirocaí e conta a importante lagôa Parobé.

ALFREDO CHAVES — Conta os rios: das Antas, Prata, Turvinho, Pratinha, Carreiro, Caçador, Jaboticabas, Vicente Rosa e Não Sabia.

ANTONIO PRADO — Conta: das Antas, Turvo, Prata, Governador, Tigre, Quaresma, Leão, Inferno e Jararaca.

ARROIO GRANDE — Possui a seguinte rêde fluvial: o canal de São Gonçalo, Piratini, Grande, Palma, Bretanhas, Chasqueiro, Lageado, Divisa, Cruz, Cachoeira, Pedras e Contrabandista. E' banhado pela lagôa Mirim e tem mais a lagôa Moreira e Formosa.

BAGE' — E' regado pelos rios: Jaguarão, Jaguarão Chico, Negro, Pirai, Camaquam, Camaquam Chico, e os arroios: Candiota, Velhaco, Piraízinho, São Luiz, Quebracho, Quebrachinho, Ibirá Mirim, Palma e Traíras. Tem as lagôas: Formosa, Lagoão, Vimes, Molho, Dinarte, Eguas e Carpintaria.

BENTO GONÇALVES — E' regado pelos seguintes cursos dagua: das Antas, Buráti, Grumatã, Feijó, Tigre, Alcântara, Barra Mansa, Barracão e Divisa.

BOM JESUS — E' regado pelos seguintes: Divisa, Governador, Santana, São José, Silveira, Touros, Contas, Leão e outros.

CAÇAPAVA — Este municipio pertence ao vale do Jacuí e parte ao vale do Camaquã. E' banhado pelos rios: Camaquã, Irapuá, Santa Barbara, e os arroios: Vargas, Sebastião Alves e Seival.

CACHOEIRA — E' regado pelos importantes rios: Jacuí, Butucaraí, Irapuá, Vacacaí, Vacacaí Mirim e Soturno e mais a lagôa Botucaraí, afóra inumeros pequenos arroios.

SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ — E' regado pelos rios: Jacuí, Caí, Sinos e os arroios: Cadeia, Ferromeco, Portão, Macacos, Grande, Bonito, Paixão, Forqueta etc. Conta tambem as lagôas: Fernandes, Jacaré e Pescaria.

SÃO JOÃO DE CAMAQUAM — E' banhado pelos seguintes cursos d'agua: Sutil, Camaquã e Velhaco, tendo tambem as lagôas: Pinheiro, Guaraxaim, Formosa e é banhado pela dos Patos.

CANGUSSÚ — E' banhado pelos seguintes cursos d'agua: Camaquã, Piratiní, Grande, Passo das Pedras, Guatemí, Guartares e Pedregal.

CAXIAS — Tem os seguintes cursos: Alegre, Belo, Cascata, Forqueta, Herval, Oitavo, Santa Corona, Santa Rita e rio das Antas e mais a lagôa Bela.

SÃO FRANCISCO DE PAULA DE CIMA DA SERRA — E' banhado por muitos cursos d'agua, cujos principais são: das Antas, São Gonçalo, Crescencio, Camisas, Santana, Restinga Sêca, Taínnhas, Contendas, Baio Branco, Cipó, Juncos, Ribeirão, Novilhos, Manoel dos Santos, Tomé, Lageado Grande, Porco Morto, Cachoeira, Bento, Sepultura, Ranchinho, Mulada, São Marcos, Serra, Venda, Dois Irmãos, Caí, Saiquí, Guirra, Caracol, Joá, Rolante, e Verde que depois toma o nome de Mampituba.

CONCEIÇÃO DO ARROIO — Seu sistema hidrografico é extraordinario, pois os seus cursos d'agua e as suas lagôas, lhe dão um ótimo sistema de navegação. E' banhado pelos seguintes cursos d'agua: Agua Branca, Aguapé, Aguas Furtadas, Bananeiras, Carvalho, Maquiné, Ouro, Palmares, Pinheiro, Tramandaí e mais as seguintes lagôas: Armazem, Caconde, Caieira, Capivarí, Chagas, Dona Antonia, Cidreira,

Figueira, Firmiana, Fortaleza, Francisco Martins, Inácio, Ilha, Itapeva, João Pedro, Lavagem, Lessá, Malvas, Marcelino, Matias, Meio, Negra, Palmitão, Peixoto, Pinguela, Rincão das Eguas, Suzana, Tramandaí, Veados e Quadros.

CRUZ ALTA — Eis os principais cursos d'agua: Jacuí, Ijuí, Ponte, Porongos, Conceição, Ijuízinho, Ivaí, Ingaí, Buracos, Palmeira, Barbosas etc. Conta mais as lagôas: Tamandaré, Bento Gonçalves, Canabarro, Cemiterio e Espinillo.

DÃO PEDRITO — Conta os seguintes cursos d'agua: Santa Maria Chica, Dão Pedrito, Santana, Guterres, Upacará, Upamarotí e mais as lagôas: Conchas, Faustino, Forno, Pirai e João Marcelino.

DORES DE CAMAQUAM — Banham este municipio: Guaíba, Ribeiro, Araçá, Velhaco, Passo Grande, Guará, Xarqueadas, Salgado, Passinho, Venda Velha, Revista, Areal, Porteira, Mato Alto, Pedras, Santa Cruz, Salso, Camarinhas, Canto Grande, e mais as lagôas: dos Patos e Cerro.

ENCANTADO — E' banhado por inumeros cursos d'agua e faz parte da bacia do rio Taquari.

ENCRUZILHADA — Este municipio é banhado pela bacia do Jacuí e pela bacia do Camaquam e regado por inumeros arroios que correm para estes dois rios.

ERECHIM — E' banhado pelos seguintes rios: do Peixe, dos Indios, Ligeiro, Toldo, e os arroios, Formiga, Erechim, Cravo, Frederico, Lino, Marcelino, Invernadinha, Carreteiro, Moinho, Pedra, Canôa, Capoeré, Tigre, Veado, Leoncio, Pedra e Henriques.

ESTRELA — E' regado pelos seguintes cursos: Taquari, Campinho, Encantado, Conventos Vermelhos, Garnizé, Sêca, Corvinho, Corvo, Beija-Flor, Lengler, Arsenal, Boa Vista, Estrela, Ouro, Areia, Bom Retiro, Schmidt e Gluckauf.

GARIBALDI — Banham este municipio os seguintes cursos d'agua: Boa Vista, Marrecão, Sêca, Augusto, Campinho, Santa Luzia, Santa Clara, Barão etc.

GRAVATAÍ — E' regado pelos rios e arroios seguintes:

Sinos, Gravataí, Miraguaia, Butiá, Passo Grande, Ferreiros, Sapucaia, Barnabé e mais a lagôa do Moinho.

GUAÍBA — E' regado pelos rios: Jacuí, Guaíba e pelos arroios: Pesqueiro, Conde, Passo Fundo, Petim, Capivara, Matias, Pedras, Divisa, Taquara, Grande, Ratos, Ribeiro etc.

GUAPORE' — E' regado pelos rios e arroios: Taquarí, Carreiro, Guaporé, Marau, Guabiroba, Brava, Barraca Rasgada, Taquara, Sangão, São Domingos, Lambedor, etc.

HERVAL — Tem os seguintes cursos d'agua: Grande, Santa Maria, Jaguarão Chico, Bote, Divisa, Lageado, Butiá, Salso, Passo da Cruz, Basilio, Jaguarão e Candiota e mais a lagôa Margarida.

IJUÍ — E' regado pelos rios: Ijuí Grande, Ijuízinho, Porongos, Ponte, Santo Antonio e os arroios: Barbosas, Nock, Espinho, Rio Branco etc.

ITAQUÍ — E' regado por muitos cursos d'agua cujos principais são, rios: Uruguai, Ibicuí, Butuí, Itú e os arroios: Itú Mirim, Cambaí, Ibipuitan, Ibipuitanzinho, Jacuí, Jacuí Mirim, São Francisco, Mariano Pinto, São João, Restinga, Passo das Pedras, Uguaboi, Pintado Grande, Pintado Pequeno, Laranjito, Conceição, Franquia, Santa Maria, Lageado, Joanico etc.

JAGUARÃO — E' banhado pelos seguintes cursos d'agua: Jaguarão, Telho, Juncal, Bretanhas, Bote, Quilombos, Quilombinho, Quartel Mestre, Lagoões e as lagôas: Mirim e Tamarandé.

JAGUARÍ — E' regado pelos rios: Jaguarí, Jaguarízinho e Jaguarí Mirim e os arroios: Toropí, Inhandejú, Inhandejuzinho, Sampaio, Guassupí, Pequirí, Lageado Grande, Toropí Mirim, Caçador, Calça Botas, Tigre, Pinheiro, Funcho, Caracol, Barreiros, Sanga de Areia, Coruzú, Lageado da Séde.

JULIO DE CASTILHOS — E' regado pelos seguintes rios: Jacuí, Jaguarí, Toropí, Ivaí, Soturno e Guassupí e os arroios: Taquarembó, Buracos, Aguas Turvas, Sampaio, Guarda-Mór etc.

LAGEADO — E' regado pelos rios: Taquarí, Guaporé, Jacaré, Sampaio, Grande (afluente do Castelhano), Grande

(afluente do Taquarí), Moinho, Pedras, Forquetinha, Pinheiro, Pinheirinho, Meio, Três Lagôas e mais a lagôa Crispim.

LAGÔA VERMELHA — Tem os rios: Pelotas, Bernardo José, Ligeiro, Santa Rita, Prata, Turvo, Carreiro e mais a lagôa do seu nome.

LAVRAS — E' banhado pelos seguintes cursos d'agua: Camaquam, Grande, Camaquam do Macedo, Camaquam Chico, Camaquam de Lavras, Camaquam do Jaques, Camaquam da Nasaria, Santa Maria, Taquarembó, Jaquerí, Salso, Santo Antonio, Ibaré, Mata Olho e mais as lagôas da Nação, Costallat e dos Tordilhos.

LIVRAMENTO — E' regado pelos rios: Ibirapuitan, Ibirapuitan Chico, Ibicuí da Armada, Quaraí e os arroios: Catí, Chapéu, Vacaquá, Cardoso, José Dias, Itaquatiá, Sociedade, Upamarotí e mais a lagôa Ataque.

MONTENEGRO — Faz parte das bacias do Caí e do Taquarí e é regado pelos seguintes cursos d'agua: Caí, Grande, dos Brochiers, Maratá, Ferromeco, Alfama, Salvador, Harmonia, Pimentas, Santa Luiza, Santa Clara, Gil, Santa Cruz, Cria, Jacaré, Pipoca, Mãe Ana, Mãe Rosa, Vitoria, Cafundó, Linha Bonita, Açouta Cavalo, Francês, Poço das Antas, Serra, Carros, Perdido, Colombia, Formiga, Selback, São Benedito, Santa Rita, Fuzil, Rodeio, Quirino, Santo Antonio, Estiva, Mastros, Claro, Oricana, Fama, Fortaleza, Xarqueadas, Bom Jardim, Divisa e Calafate.

NOVA TRENTO — Faz parte da bacia do rio das Antas e tem um sistema hidrografico importante.

PALMEIRA — E' regado pelos rios: Uruguai, Passo Fundo, Varzea, Pardo, Fortaleza, Guaríta, Ijuí, Inhacorá e os arroios: Mel, Jaboticaba, Divisa, Papudo, Jacutinga, Zainos, Urubú, Ariranhas, Serrinha, Taboão, Quebra Dentes, Boi Preto, Macaco, Taipa, Brancos, Rincão Reuno.

PASSO FUNDO — E' regado pelos rios: Uruguai, Jacuí, Ligeiro, Jacuízinho, Passo Fundo, Guaporé, Peixe, Erechim, Indios, Ariranhas, São Domingos, Varzea e os arroios: Camargo, Marau, Carreteiro, Cravo, Nunes, Santo Antonio, Pi-

nheiro Marcado, Carazinho, Despraiado, Marcelino, Miranda, Povinho, Gloria, Grande da Colonia, Colorado, Britos, Pinheiro Torto, Branco, Primeiro, Gerisa, Germania e Varejão.

PELOTAS — E' regado pelos seguintes cursos d'agua: Canal de São Gonçalo, Piratiní, Grande, Pelotas, Santa Barbara, Padre Doutor, Pimenta, Quilombo, Touro, Correntes, Padre, Contagem, Salgado, Sujo, Andrade, Corticeira, Ouro, João Padre, Moreira, Cascata, Micaela, Pepino e Pavão, tendo mais a lagôa dos Patos e Fragata.

PINHEIRO MACHADO — Possui dentre outros os seguintes cursos d'agua: Camaquam, Piratiní da Orqueta, Candiota, Velhaco, Grande, Butiá, Antunes, Salso, Passo da Cruz, Candiottinha, Taquara etc.

PIRATINÍ — E' regado pelos rios: Camaquam, Piratiní, Santa Maria e os arroios: Grande, Pedregal, Maria Antonia, Machado, Piratiní Chico, Antunes, Salso etc.

PORTO ALEGRE — E' regado pelo Guaíba, Gravataí, Feijó, Sabão, Taquara, Chico Barcelos etc.

PRATA — E' banhado pela bacia do rio das Antas ou Taquarí e pela bacia secundaria do Prata afluente deste.

QUARAÍ — E' regado pelos seguintes cursos d'agua: Quaraí, Quaraí Mirim, Quatepe, Areal, Marmeleiro, Garupá, Divisa, Ibirapuitan, Mata Olho, São Rafael, Inhanduí, Igrejinha, Chapéu, etc.

RIO GRANDE — Conta com os canais: Rio Grande e São Gonçalo, arroios: Limão, Martins, Polidoro, Aguirre, Baeta, Pau, Estiva, Grande, Estiva Pequeno, Barrancos, Figueira Torta, Cabeças, Conveniencia e mais as lagôas: Mirim, Mangueira, Caiuvá, Flores e Ladino.

RIO PARDO — Tem os rios: Jacuí, Pardo, Pardinho, Butucaraí, Capivarí e arroios: João Rodrigues, Taquarí Mirim, Cria, Pinheiral, Diogo Trilha, Couto, Bexiga, Iruí, Tabatingaí, Francisquinho, Dão Marcos, Anastacio, Pedroso, Quilombo, Rua Velha e Fernando.

ROSARIO — Conta os rios: Ibicuí, Santa Maria, Ibicuí da Armada, Ibirapuitan, Cacequí e os arroios: Saican, Sai-

canzinho, Divisa, Ibirapuitan Chico, Vacaquá, Touropasso, Cardoso, Itaperí, Santo Antonio e Guará.

SANTA CRUZ — Os seus principais cursos dagua são: rios: Pardo, Pardinho, Sinimbú, Taquarí Mirim e arroios: Pardinho, Pinheiral, Castelhana, Diogo Trilha, Chico Alves, Biriba, Pinhal, Cadeado, Pederneiras, São João, Sanga Funda, Sanga Larga, Quilombo, Tigre, Lageado, Almoço, Grande, Couto, Caramba, Três Capões, Franz e Castelhaninho.

SANTA MARIA — Conta com os seguintes cursos dagua: Ibicuí, Vacacaí, Vacacaí Mirim, Toropí, Guassupí, Grande, Só, Porteirinha, Agua Boa, Ribeirão, Cortume, Agua Negra, Taimbé, Taquarembó, Guarda-Mór, Lobato, Inhamandá, Lageado, Pessegueiro, Ferreiros, Taquara, Arenal, Laranjeira etc.

SANTA VITORIA DO PALMAR — Seus principais cursos dagua são: Elrei, Chuí, São Miguel, Bananas, Arroito, Capão das Canôas, Afogados, Caturrita, Pedro Martins, Pastoreio e mais as lagôas: Mirim, Mangueira ou Albardão, Embira, Silveira, Flores e Formosa.

SANTO AMARO — Banha este municipio os rios: Jacuí, Taquarí e Taquarí Mirim e os arroios: João Rodrigues, Cria, Monte Alegre, Carretas, Estiva, Olaria, Pantano Grande, Passo das Pedras, Lageado, Bom Sucesso, Salso, Matias, Catarina, Felício, Ouro etc.

SANTO ANGELO — Possui os rios: Uruguai, Inhacorá, Ijuí, Ijuízinho, Comandaí, Boa Vista, Santa Rosa e inumeros arroios secundarios.

SANTO ANTONIO DA PATRULHA — E' banhado pelos seguintes rios: Sinos, Rolante, Ilha, Capivarí e os arroios: Miraguaia, Rolantinho, Areia, Açouta Cavalo, Riozinho, Figueira e mais as lagôas: Rincão e Oliveira.

SÃO BORJA — Tem os seguintes cursos dagua: Uruguai, Piratiní, Iguariaçá, Camaquam, Itacarubí, Butuí, Butuízinho, Itú, Mansa, Urucataí, Piauí, Itaporé, Inhaçapetum e mais as lagôas: Jacaré e Sarandí.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS — E' regado pelos: Ibicuí, Jaguarí, Jaguarízinho, Jaguarí Mirim, Calça Botas, Itú, Ituzinho, Caraípasso, Inhandijú, Inhandijuzinho, Inhacondá, Di-

visa, Pequirí, Taquarí, Gravataí, Pirajá, Santa Rosa, Fari-nheiro, etc.

SÃO GABRIEL — E' banhado pelas duas bacias do Es-tado com os seguintes cursos d'agua: Vacacaí, Cambaí, Santa Maria, Ibicuí da Armada, Jaguarí, Salso, Cambaízinho, Ca-mas, Cacequí, Mudador, Inhatuim, Divisa, Jacaré, Caiboaté e mais as lagôas: Doce, Gervasio, Formosa, Brandão, Podre, Camargo, Pedras, Porto Queimado, Varzea, Chico Lopes, Ge-rivá, Junco, Cêrca Velha, Três Aguas, Espinho e etc.

SÃO JERONIMO — E' banhado pelos seguintes cursos d'agua: Jacuí, Ratos, Grande, Porteirinha, Francisquinho, Palmeira, Pereira, Teixeira, Faxinal, Sepultura, Conde, Ca-chorros, Ludovica, Sutil, Xavier, Butiá, Leão, Velhaco, Taqua-ra, Tigre, Sutilzinho, Martins, Agua Boa, Divisa e mais as lagôas: das Crianças e Francisquinho.

SÃO JOSE' DO NORTE — E' banhado pelos seguintes cursos d'agua: Barquinho, Barra Falsa, Inhame, Mostardas, Rincão e mais as lagôas: Bujurú, Capão Alto, Chico Custodío, Doce, Juncos, Lavar, Mostardas, Reserva, São Simão e Veados.

SÃO LEOPOLDO — E' banhado pelos seguintes cursos: Sinos, Cadeia, Grande da Bica, Sapucaia, Portão, Campo Bom, Weintz, Butiá, Moinho, Kock, Bica, Sapiranga etc.

SÃO LOURENÇO — E' regado pelos seguintes cursos d'agua: Grande do Sul, Grande Sapata, Moinho, Camaquam, Santa Izabel, Felicia, Evaristo, Evaristinho, Quevedos, Bal-tasar, São Lourenço, Cachoeira, Viuva Teresa.

SÃO LUIZ GONZAGA — E' regado pelos seguintes: Uru-guai, Ijuí, Comandá, Piratiní, Camaquam, Caçador, Albinos, Pirajú, Protestante, Cinamomo, Pobre, Sabugo, Sobrado, So-bradinho, Chimburú, Chimburuzinho, Urubucarú, Luisenback, Barrigudo, Palmeira, Santa Barbara, São Jeronimo, Salso etc.

SÃO SEPE' — E' regado pelos seguintes cursos d'agua: Vacacaí, Cambaí, Trancoso, Três Passos, Sanga Funda, Aro-eira, São Sepé, Santa Barbara, Jacú, Chaves, Sanga do Car-vão, Pesqueiro, Boa Aguada, Catarina, Ponta do Mato e mais as lagôas: Bonita, Marco, Junco, Davia e Três Aguas.

SANTIAGO DO BOQUEIRÃO — Seus cursos dagua: Jaguarí, Jaguarizinho, Itú, Ituzinho, Itú Mirim, Calça Botas, Camaquam, Inhacapetum, Salso, Passo Fundo, Boa Vista etc.

SÃO VICENTE — E' regado pelos seguintes cursos: Ibi-
cuí, Santa Maria, Toropí, Jaguarí, Jaguarizinho e Cacequí.

SOLEDADE — E' banhado pelos seguintes rios: Jacuí, Jacuízinho, Guaporé, Pardo, Botucarai, Fão, Forqueta e os arroios: Pardinho, Jacuízinho, Lagoão, Caixão, Serrinha, Camargo, Povinho e Cinco Voltas.

TAQUARA — Dispõe dos seguintes cursos dagua: Sinos, Ilha, Rolante, Santa Maria, Padilha, Santa Cruz, Rolantinho, Saiquí, Grande, Bonito, Grande da Bica, Tapera, Grande da Guarda, Butiá, Quilombo, Tucanos, Solitario, Morro Negro, Cedro, Taquara, Sapateiro, Pinhal, Três Irmãos, Cruzinha, Boa Vista, Forqueta, Lavrador, Povo Novo, Funil, Kampf.

TAQUARÍ — E' regado pelo rio Taquarí e pelos arroios: Capivara, Santa Cruz, Pinheiro, Bom Retiro, Tigre, Grande, Ribeiro, Silva, Tinguíté, Moinho e conta as lagôas: Armenia, Cemiterio, Ramos e João Horacio.

TORRES — E' banhado pelos rios: Mampituba, Verde, Sertão, Três Forquilhas, os arroios Cardoso, Forno, Josaphat, Gastão, Laranjeiras e as lagôas: Jacaré, Itapeva e Forno.

TRIUNFO — E' regado pelos rios: Jacuí, Taquarí, Cai e os arroios: Gil, Biscoutos, Ponte, Tigre, Cadeia, Passo Fundo, Passo Raso, Invernada, Caixeiros etc.

URUGUAIANA — E' regado pelos rios: Uruguai, Ibi-
cuí, Quaraí, Ibirocaí, Touropasso e os arroios: Imbaá, Salso, Carumbé, Pindaí, Pindaí Mirim, Garupá, Carneiro, Serrador, Itapitocaí, Bonito, Sujo, Guarapuitan, Mineiro, Tenente Rodrigues, Guterres, Porco, Estaqueadeiro, Santo Aniceto, Quaraí Chico, Guapitanguí, Capivarí, Caiboaté, Camoatim, Jiquiquá e conta as lagôas: da Música, Lageado e Vitor Paes.

VACARIA — E' regado pelos rios: Pelotas, Antas, Santana, Governador, Prata, Turvo, Santa Rita, Bernardo José e os arroios: Segredo, Segredinho, Morais, Saltinho etc.

VENANCIO AIRES — Pertence a bacia do Taquarí e conta os seguintes cursos dagua: Taquarí, Taquarí Mirim,

Castelhana, Grande, Bonito, Chafariz, Duvidoso, Alegre, Legua, Quadrada, João Ribeiro e Sampaio.

VIAMÃO — E' regado pelos rios: Guaíba, Gravataí e Capivari e os arroios: Chico Barcelos, Sabão, Feijó, Dorneles, Fiusa Vital e mais as lagoas: dos Patos, dos Sabinos, Pacheco, Branca e Abreu.

* * *

O Dr. Castro Carvalho pediu-nos para escrever duas palavras sôbre a hidrografia do Rio Grande do Sul, para um livro que ia publicar sôbre este Estado e que necessario se tornava este assunto. Aceitei a incumbencia, que melhor teria sido cometida a outro mais ilustrado, porque pensamos que trabalhar em prol da terra que se ama e se é grato, é dever de todo o bom cidadão, e eis aqui, sucintamente descrito o estudo pedido.

Conquanto o estudo da hidrografia seja bastante complexo, este torna-se facil pela superabundancia do assunto, onde, quem vai descrever, encontra um vasto campo de materia e de autores a consultar e a descrever.

Um Estado que tem uma rêde fluvial como o Rio Grande do Sul, tão parcamente descrita acima, está fadado a todas as grandezas e é um campo aberto a todas as iniciativas progressistas.

Maravilhoso Rio Grande do Sul!!! Terra que possui tudo o que a natureza póde dar de bom, terra de uma forte gente, boa e honesta que já tem realizado grandes feitos e que muitos outros maiores praticará ainda, mas, para isto necessario se torna que os seus filhos não se descuidem de lhe dar: instrução, higiene e educação civica.

Este meu pequenissimo trabalho, dedico-o ao Rio Grande do Sul a quem sirvo com a inabalavel convicção de um crente fervoroso no seu futuro; e esta convicção dá-me coragem e fé. Coragem para continuar a trabalhar para o progresso desta terra que é um pedaço da nossa patria e fé inquebrantavel no futuro do Brasil, no seu progresso crescente, sob a ação fecunda e sinérgica de forças que o impulsionem para o seu destino glorioso.

Ferreira Vianna e sua Terra Natal

pelo
Dr. Fernando Osorio.

NA DATA CENTENARIA DO NASCIMENTO DO GRANDE PELOTENSE

A FLAMA SAGRADA

Na velha canção de Sparta, a mocidade anhelava, como a ventura suprema, — batendo nos escudos, — as virtudes e a coragem de seus heróis desaparecidos. E desde o período lendário dos Arias a Religião da Cidade foi a emoção nuclear, o laço de união que se juntou ao culto dos fundadores da Pátria. E, esplendidamente, os baixos-relevos do Partenon, conservavam a desfilada das festas Panatêneas... quando a mocidade de Atenas se divertia naquela carreira dos jogos sagrados, na corrida de archotes em que o verso de Lucrecio simboliza a vida, passando de mão em mão o facho luminoso, da mão do que tombou para a mão do que ficou no vigor dos anos, afim de ser perenemente mantida a chãma sempre acesa... do rito da Pátria e do culto da Cidade...

A LENDA DA CIDADE ENCANTADA

Pois bem. A imaginação creadora, ainda, dos mitos brasileiros, fez viver na profundidade de um grande rochedo a crença popular de ter havido uma cidade que do fundo das águas se pressente ainda pelo ramalhar das árvores e pelo

canto dos passaros. Eu tenho, dentro de mim, a lenda maravilhosa dessa cidade encantada, cujas raízes mergulham, como o tronco da lenda escandinava, no amago da terra, tendo as franças que ascendem ao fervedouro das estrelas... a cidade que emérge do nome coletivo do Rio Grande, desse rochedo que, nos confins da nossa Patria, se ergue, na história, quebrando, com o peito em frente ao invasor, as furias das procelas nas arestas de seus granitos, em poemas de resignação e heroicidade de um povo franco e arrojado como o vôo irresistível do pampeiro e a consciencia da verdade na vastidão dos seus "campos sem brenhas, hospitaleiro, como seu clima, carinhoso como o seu céu, livre e forte como o seu valor e bemdito como o seu patriotismo".

Sparta do meu país, Rio Grande do Sul, tu foste, também, Atenas, — porque a tua gente forte e bôa produziu, como aquela árvore romana da familia Mucia, soldados e homens que fulgiram nas justas do Direito, em contribuições espirituais ao Brasil, tal Quinto Mucio e o jovem e luminoso Scoevola que assombrou a Porcena de vê-lo estender a mão sobre um brazeiro, sem semblante de dôr, correndo comovido a pedir a Paz a Roma... Eu tenho, dentro de mim, nesse berço de bravos e martires de dedicação sublime, — que é o Rio Grande — a lenda de uma cidade, pérola do Sul, que do fundo dêsse **grande rio** de amor deslizando para a ternura das almas, correndo em vagas de sentimento e entusiasmo, — envia através das ondas mais sagradas da emoção de seus filhos, — os écos repetidos em suavissimas noites claras de luar, que se ouvem, distintamente, de um rumor de vozes humanas e de repiques de sinos.

TERRA DE FERREIRA VIANA

E, vós conheceis, de certo, esta cidade, embalada ao influxo do campanario, que também guardais no coração, amando-a nas suas virtudes e nos seus sofrimentos, — porque não é uma cidade passada e morta, submergida, apenas, no nosso peito. É a urbs amada que nós vemos, hoje, num mesmo olhar humedecido pela comoção, vivendo de sua gloria, rumo-

rejante de escolas, com a sua mocidade estuante de entusiasmo e de sonho — abençoar o teu nome, — Ferreira Viana! É Pelotas, em romaria cívica, é a tua cidade, rival do carinho de teus pais e êmula do teu primeiro amor, — é a tua polis, como se dizia na Hélade luminosa, oh! espirito helenico que nasceste nos Pampas!

Tiveste o genio configurador dos gregos, porque possuiste o poder de emprestar vida e beleza ás manifestações da tua intelligencia. Mas, já não é a Acropole, a fortaleza que, do cimo de uma colina, se ergue nesta cidade, ligando, em tórno dela, os seus habitantes pelo encadeamento dos interesses que fundaram o Direito Politico e crearam o Estado, naquele povo espiritualizado pela arte e que, tambem, creou e cultivou a filosofia devido á propria beleza do céu da Patria. Não! É outra Acropole sagrada que se ergue, serena, para as abertas do espaço e o céu sem raias do Rio Grande, no Partenon da cultura juridica, sobre o qual, neste dia de culto, como um nimbo de vitória e um nume tutelar, paira a tua imagem em bronze, que se apruma ao sol, feita da graça, da sobriedade, da clareza e da justeza que foram as virtudes maximas do espirito que fôrma o genio da nossa raça...

UM SÉCULO É UMA SÍNTESE

Pelos **Centenários** dos grandes homens ou dos grandes sucessos, manifesta-se a síntese afetiva que corresponde ás noções morais da solidariedade humana, assim como, segundo a doutrina positiva, realiza-se, espontaneamente, a síntese ativa nas **Exposições** formadas pelos produtos dos esforços pacíficos, e, por meio dos **Congressos** da ciência, em que a patria se alarga na humanidade, efetua-se a síntese especulativa, como reconhecimento do poder espiritual. É que se cultiva o coração por graus, da mesma sorte que o espirito, para que, de acôrdo com o sentimento, a atividade e a intelligencia, com esses três attributos da natureza humana, — o coração sinta afeições domesticas, privadas, e possa ter afeições publicas, cívicas, como é impossivel saber fisica ou moral sem saber logica. Tal o quadro fiel da alma, tal o soberano bem.

A MEDIDA DO MÉRITO

De certo, é a mais difficil das attribuições que cabem ao dominio da opinião pública e do poder espiritual, — o verdadeiro julgamento sobretudo do mérito moral. “Não ha dever mais arduo do que julgar os homens”; tão arduo êle é que o fundador da doutrina que tudo espera da preponderancia do coração e da unidade do amor, como fundamento da harmonia privada e pública — proclamou constituir tal dever a mais difficil das funções sacerdotais. Evidentemente, os nossos juizes são os pósteros, os contemporaneos os nossos cooperadores e os antepassados os nossos mestres. E a “apreciação de um fato qualquer depende: 1.º, dos sentimentos do apreciador; 2.º, das convicções doutrinarias do apreciador; e 3.º, do reconhecimento da realidade do fato apreciado”. — Mas, si existe uma medida do mérito dos homens, esse estalão só póde ser aquilo que constitue o destino e o encanto de toda digna existencia: amar e conhecer para servir, exercendo o amor que a familia prepara e que, em torno da Cidade, que é a séde da patria, chega á extensão de se completar pela fé que irmana os povos, para se purificarem, dignamente, no sentimento da fraternidade universal. De modo que o dever é o concurso que se presta ao bem geral, ao qual tudo se deve, vida, virtude, saber, talento, poder ou riqueza. É por esse fito, é pelo interêsse público que se méde a moralidade e a benemerencia dos individuos. E Ferreira Viana foi um dêstes homens de energia, de capacidade de valor moral, que Carlyle comparou á fagulha que corta o espaço e baixa, cintilante, sobre a massa dos outros homens, inflamando-a. Póde um individuo esforçar-se, despendar zêlo, todos os dias, pela sua terra, mas si contraviér os interêsses superiores da sua patria, não passa de um imoral; o mesmo acontecendo, sociologicamente, com aquele que não sente que a cidade prepondéra sobre o lar, na subordinação do egoismo ao altruismo, porque, si as familias se irmanam, pela cooperação prática, para instituirem a patria, a nobre divisa do homem virtuoso, como dizia d’Alembert, mostra a sua qualidade universal, á qual se deve subordinar qualquer

outra, de raça, nacionalidade, comuna, crença, ou classe. Quem assim não encara e não goza a vida, não sabe o que é viver, e, como disse Metastasio, nem sequer foi digno de nascer.

JULGAMENTO DE FERREIRA VIANA, A SUA HARMONIA MENTAL

Pois bem. Antonio Ferreira Viana, foi digno de nascer, para a gloria do Brasil, no seio de um povo de trabalhadores e patriotas, no Rio Grande do Sul, entre a gente forte e bôa de Pelotas, que os lares de seus antepassados representaram, ajudaram a preparar, porque, como homem, a escala do seu aperfeiçoamento moral se fez de energia, ternura e pureza, e, com ser um espirito fúlgido, um talento raro, privilegiado, que teve a gloria de redigir a maior das leis do Brasil, o decreto de ouro de 13 de Maio, êle sentiu a importancia da cultura do coração, que foi a sua pedra de tóque. E, portanto, êle deve ser julgado não só pelo que soube, como pelo bem que fez, impellido pelo amor que teve! E é isto, assim, a história desse heroi eterno, o povo: êle tem os seus corifeus, os operarios que encarnam as suas aspirações. Vamos apreciar uma figura, a mais singular da sua época, pela complexidade e riqueza espiritual, olhar da altura da posteridade a perfeição do seu traço na história, com a grande impressão, que ela nos dá, de que é uma teoria de conjunto, a verdadeira teoria da natureza humana. Porque o homem não é, isoladamente, artista, poeta, sabio ou filosofo, deve ser de algum modo tudo isto a um tempo, porque a natureza é inteira, como disse Yan Thiezen (*"Le sentiment de la nature"*). As perspectivas particulares se fundem quando se procura fazer de Ferreira Viana um retrato de corpo inteiro. Ora, o pensamento, para abarcar a vida ou realizar, hoje, a síntese de seus aspétos, segundo um comentario de Euclides da Cunha, necessariamente nos submete á unidade do universo, para traduzi-lo sem falsear a solidariedade de suas leis com a nossa harmonia moral. Em certas horas, que passam sobre as nações, nas épocas, como esta, de perturbações profundas, domesticas e civicas, melhor se respeita a Patria

estudando e dando a conhecer as vidas ilustres, porque é um sentimento a veneração pelos grandes patriotas desaparecidos que concorre para a elevação moral dos homens e aperfeiçoamento dos costumes publicos.

A VENERAÇÃO PELOS GRANDES PATRIOTAS

O que é preciso é estudar essas vidas já com a mais simpática disposição na apreciação dos seus atos, já com a mais sincera preocupação da verdade, fazendo-se as biografias sob a influência da análise, da filosofia, da crítica e da psicologia experimental, como uma divisão da história natural, e cuja aplicação científica estuda o carater, como deve ser, no triplice ponto de vista dos atributos da natureza humana — o sentimento, a atividade e a intelligencia. Só, então, constitue a base de todas as virtudes civicas, como uma lição moral, o culto da memória dos grandes cidadãos cuja intervenção tenha sido decisiva no progresso da nacionalidade. Os que, destarte, teem o respeito do passado são por isso mesmo os verdadeiros homens do progresso, assentava Renan. O esquecimento não é mais facultativo em moral do que em aritmetica, observava Comte. E si da creatura humana fala Barbusse como de uma maquina de esquecer, já no asserto insuspeito do padroeiro de todos os pessimistas, Schopenhauer, — somente a história póde dar a um povo a **conciencia** de si proprio, compreendida ao modo de Mommsen, como um vasto sistema de incorporação social. É, neste caso, uma especie de sacerdocio, é uma especie de magistratura moral, de que falava Alexandre Herculano, o mistér de recordar as memórias da patria, no meio das vicissitudes, de uma nação rica de tradições, porque nelas temos os tesouros dos nossos santos afetos e contentamentos, elas nos revócam á energia social. Não fazê-lo é um crime. E, por isto, mandava Herculano que exercitassem tal magistratura, que se dedicassem aos tão graves e profundos trabalhos históricos, os que pódem e sabem, todos aqueles a quem habilitam o engenho e o estudo.

A PROGÊNIE DE FERREIRA VIANA

Apenas, com o carinho do coração, contribuiremos com um punhado de fatos, de elementos inéditos, para a biografia, da vida e do espirito, do carater, das notas do talento



Antonio Ferreira Viana

e do coração do glorioso pelotense, em consonancia com a apreciação do meio em que êle surgiu e começou a sua evolução pessoal. De forte e bôa progénie descendia Ferreira

Viana. Nos lares de seus pais e de seus avós, realmente, estão representadas as gerações que ajudaram a preparar este solar civico. Elas tiveram a velha alma dos semeadores que ergueram em Pelotas a sua tenda de trabalho e edificaram este centro de cultura, de selo proprio no Brasil do Sul; pertenceram áquelas mesmas gerações dos batedores de estrada, entre os vigias de acampamento, entre os estancieiros, de que descendemos, guardando o dom da raça, dos criadores, dos campeiros, dos soldados, dos vaqueanos, dos tropeiros e xarqueadores que ergueram, sobre as esmeraldinas e virides margens do São Gonçalo esta inconfundivel officina industrial, despontando, no seu intimo sentido, prático e afetivo, a colorida imagem moral do esforço e do espirito riograndense. Porque a enorme alma antiga do gaúcho, no seu provincialismo mais forte que o individualismo e o espirito de "clan", causadores de tantos disturbios no Prata, sempre tendeu para a predominancia do altruismo sobre o egoismo. E o espirito do pelotense foi um mixto de espirito local, de sentimento localista e de tradição lusitana, isto é, a formação do Rio Grande foi uma consequencia da força geografica, das possibilidades do meio e da força social, racial, de coesão.

A GRANDEZA DA ALMA GAÚCHA

Falou, uma vez, no parlamento, Ferreira Viana das — "planicies imensas do territorio do Rio Grande, por onde o pensamento se estende e só acabam com o horizonte. Admira-se (acrescentou) a grandeza da alma dêsse povo, a franqueza, a lealdade, estes grandes principios, porque, aqui, não ha nada que interrompa o pensamento humano". Sim. Povo inteligente, raciocinante, apto a compreender o equilibrio da ordem e do progresso, regido por leis, no universo e no seio dos homens, — surgiu o povo riograndense de alma generosa, hospitaleira, leal, piedosa, venerante, profundamente franca, sincera, honesta e bôa, porque tinha a capacidade de cumprir as maximas do dever e da felicidade. "Não é a população gaúcha, — encerra esta verdade um documento

da época, — não é o resultado do espirito agricola e commercial dos antigos portuguezes, porque foi menos para haver o ouro que para prover a sua segurança que a corôa lusitana, posto que tarde, se esmerou a fomentar a população das campinas do Sul". Serviu de argamassa á familia pelotense a gente pura, honesta e bôa das ilhas dos Açores, de origem nordica flamenga, cujos caracteres foram descritos por Acurcio Ramos, caracteres morais e fisicos que os riograndenses, em sucessivas gerações, perpetuaram, participando da familia patriarcal e da particularista e trazendo para este sólo o regime da pequena propriedade. Dotado era esse povo de vivacidade natural, espirito, carater alegre e expansivo, maneiras francas e dignas, tolerante, generoso, temente a Deus, afeito ao trabalho, e embora pouco propenso á farda, sendo, nos campos de batalha, valoroso e fiel, e, nos seus anais, registrando feitos reveladores de amor á liberdade. Mandou a carta régia de 1747 estabelecer os casais das ilhas da Madeira e Funchal no Rio Grande de São Pedro.

GÊNESE DE PELOTAS, IMPOSIÇÕES DO MOMENTO

Um homem adivinhara o gaúcho, na ante-visão épica com que, depois de transpôr a barra que fechava o Rio Grande, em 1737, advertia, ao governo do Rio de Janeiro, ser mais util do que reconquistar Montevidéo, ocupar e colonizar nossa terra, procurando que, aqui, todos andassem a cavalo. Esse homem foi o brigadeiro Paes que, sobre o territorio riograndense lançou as bases do ponto de irradiação da influencia lusitana, nas excelencias da alma piedosa e heroica da raça — como recurso, como centro de apoio entre o distante governo do Rio e a longinqua fortaleza que, sob o nome de Colonia do Sacramento, Portugal, num avanço ousado, fundára em frente a Buenos Aires, em territorio portuguez. Pois bem. Foi nessa fase dramatica da história do Brasil, em que tinham surgido os três formidaveis problemas de exploração da terra, da repulsa do estrangeiro, da submissão do gentio, foi, então em fins do século XVIII que se lançaram os fun-

damentos de Pelotas. Transportemos a imaginação ressuscitadora do passado para o tempo em que, aqui vieram os primitivos povoadores e sonharam fazer nascer a comunidade Pelotense, como um vivo resumo da estrutura moral, no Rio Grande do Sul, do seu povo de coração hospitaleiro, generoso, atrativo, onde se fundou uma sociedade “sui-generis” de forte sainete biblico, vivendo entre as lavouras e os rebanhos, de jovialidade encantadora e de melindroso civismo.

NO DIA DE SÃO FRANCISCO, ANSEIO PELA LIBERDADE

Já circulava no sangue de Ferreira Viana, como um legado fremente, o apêgo a gléba, antes de arder no seu cerebro. Promanaram os posseiros da terra pelotense da Colonia do Sacramento e do Rio Grande, figurando nos combates que, no dia de São Francisco, 2 de abril, expulsaram dessa vila vizinha os espanhois. Eram ilhéus açorianos e madeirenses, de estirpe flamenga (Jules Mees, sobre a denominação de ilhas flamengas dada ás ilhas açorianas). E puderam achar suas familias, refugio nas paragens pelotenses, protegidas pela serra e pelos esteirais do São Gonçalo, (então Sangradouro de Mirim) contra faceis incursões dos espanhois que, desde 1763 ocuparam, durante 13 anos, á mão armada, a vila de São Pedro e toda a região banhada pela lagôa Mirim, seu sangradouro ou São Gonçalo e a barra da capitania. Narremos, em nosso livro “A Cidade de Pelotas” (1922) as apreensões, os instantes dificeis, por que, no ambiente do Sul, passaram, então, os nossos maiores. Mas a vitória da reconquista do Rio Grande, foi assinalada no dia da devoção dos primeiros posseiros de Pelotas e, gloriosamente, êles sonharam fazê-la nascer e prosperar tomando por padroeiro São Francisco de Paula, nome com que batisaram esta terra.

O “BOM HOMEM”, PADROEIRO DA CARIDADE

Luiz XI, o eminente rei de França, que, no castelo de Plessis, em 1452, recebera com pompa a Francisco de Paula, beijando-lhe a mão, chamara-o — bom homem, — a esse imi-

tador de Jesus, que também desprezou as honras e riquezas do mundo e, desde a infância, trocando os brincos de menino por preces e trabalhos, foi um modelo de mansidão, um guia peregrino de seus pais, um exemplo dos frutos da humildade... Suavíssimo filho da pequena vila italiana de Paula, beijada pelas águas do mar Tyrrheno, que tomando o apelido do lugar natal, teve por patrono São Francisco de Assis, e, com a mesma sensibilidade de artista e enlevo de poeta, no silêncio do ermo, falou ao passaredo e amou com ternura tudo o que foi creado... Francisco de Paula, o martir voluntario, de sofredora virtude, que foi o encanto da sua pequena vila, mas que nenhuma outra, de quantas o veneravam no orbe catolico, levaria a palma a Pelotas, perola do Brasil do Sul, no fervor com que se iluminaram da sua pregação brandas e limpas consciencias, ricas da fé que levanta montanhas, almas de escól, sadios corações cristãos devotos desse semeador, na terra, desse ermitão, emagrecido pelo jejum, que foi todo inteiro Caridade e pelo seu exercicio, fundando uma Ordem com quatrocentas e cincoenta casas de amor ao proximo, com o seu bordão de peregrino, estrelando de beijos um crucifixo, — reis e povos adoraram como Santo, desde 1518, passando os anos como contas de luz no rosario das suas téses favoritas: — a Pobreza e a Caridade!

AS INFLUÊNCIAS DOS AVÓS

Legado de vibração, legado de sonho! ... Não é verdade o que dizia Saint-Hilaire que é um povo sem religião o rio-grandense, porque essa religião dos nossos antepassados foi natural, espontanea e simples, como um mixto de espirito local e de cristianismo. Desde o reflexo avoengo, das influências ancestrais, mantidas pela hereditariedade, na livre atmosphera que respirou Ferreira Viana, vindo ao mundo, no sub-sólo da sua razão de certo, lhe serviu de alicerce o germen desse liberalismo em cujo raio se elevou o seu espirito conservador, atuando sobre a sua estirpe, como forças decisivas de coesão, de confraternização, as pelejas contra o ini-

migo externo e as demonstrações ardentes da fé religiosa. Desse fundo hereditario e dos melhores impulsos do coração, operou sobre Ferreira Viana, sem fanatismo, que aliás a jovialidade do gaúcho impediu, a educação catolica, dêsse catolicismo que prégou a supremacia do amor e a necessidade da pureza, que exaltou a dignidade dos pequenos, que determinou um intenso culto do apêgo, da veneração e da bondade. E, assim, essa educação obedeceu, á regra de Emerson de que a formação da criança deve começar cem anos antes dela nascer. Foi como um sinal querido e amante de seus antepassados que êle sentiu, aqui primeiro, a idéa de Deus, que lhe foi deixada como herança, entre as correntes creadas que Ferreira Viana se julgou, como Nabuco, incapaz de quebrar, desde as profundezas da sua formação moral ou instintiva.

O CARATER DA FORMAÇÃO DE PELOTAS

Não foram de pedra solta os alicerces de Pelotas, não teve a sua formação o carater extra-social que o escritor Oliveira Viana descobre em certas populações do país, estribado em observações de Le Play, vendo “clans” e não municipios como celulas da vida pública brasileira. Pelotas se criou pela ação espontanea da propria coletividade e só nesse sentido é que se pôde dizer, com o poeta, que ela foi — uma cidade em flôr que de repente surgia . . . mas não dos favores antigamente outorgados pelo poder Real, através os governadores, na creação de uma freguezia. Não os teve Pelotas, cuja área, em que se desenvolveu a cidade, era terreno **particular**, recanto de terra privada. E o historiador pôde marcar-lhe a frente, com as palavras cooperação, iniciativa, generosidade. Ela é, no tablado da história, filha dêsse espirito. Semeadores que ergueram, aqui, a sua tenda de trabalho, de amor ao lar, de religiosidade e patriotismo, os homens, cêdo, sentiram-se responsaveis entre si, reconhecendo-se como — compatriotas sociais — na feliz expressão de Taine (*Philosophie Penale*), para que se verificasse o outro con-

ceito profundo desse pensador no-lo assegurando que os sentimentos sociais só se formam e propagam quando se fazem socialmente uteis (*Logique sociale*). São expressivas as peculiaridades, a fisionomia histórica de Pelotas, oriundas do momento, da raça, da terra, do corpo e da alma, do ritmo da história. Si as linhas essenciais da habitat o caracterizam pela serenidade, pela suavidade, pela euritmia, em correlação harmoniosa, foram emanações da terra e símbolos primordiais do alvorecer da conciencia coletiva, os antepassados de Ferreira Viana.

DA PROPUGNADORA DA VINDA DO PADROEIRO

Tudo como num sonho, êles que não tinham a imagem para representar o padroeiro, viram a imagem surgir e armar-se um altar e uma igreja alçar-se ao céu. Coube á D.^a Florencia Maria do Pilar, avó materna de Ferreira Viana, senhora de alta posição social, muito considerada pelas suas virtudes, e que era natural de Mostardas, colocar-se á frente das mães de familia que obtiveram uma imagem de São Francisco de Paula, aí, guardada, nessa freguezia de São Luiz de Mostardas, por antigo morador que, por ocasião de uma tormenta, a encontrara encaixotada, na praia, onde fôra dar, de um naufragio em alto oceano. De bôa vontade, esse morador cedeu a reliquia aos pedidos de D.^a Florencia, em nome dos que compartilhavam de sua piedade cristã, a começar de seu marido, natural da vila de São José do Norte, José Gonçalves da Silveira Calhéca, que, em 1813, num iate de sua propriedade, "Argelino", junto com o vigario Felicio, trouxe o padroeiro ás terras da freguezia, desembarcando com festa e regozijo das proprias senzalas, na sua casa da xarqueada, á margem do São Gonçalo, atual Matadouro, e vindo para a casa do vigario de paredes branqueadas a cal e cobertas de palha de Santa Fé, até que, em solene procissão, foi conduzida em andor á Igrejinha, pelos maiores da terra. Via-se desde a tepida madrugada de um dia de verão o desfilar de

grupos que de toda a classe de condução se serviam, pelos mal traçados caminhos que dos mais remotos confins do distrito vinham desembocar nas paragens do Capão do Leão, Santo Amor, Monte Bonito, Retiro, Cotovelo, Costa de Pelotas.

CONFRATERNIZAÇÃO DOS ANIMOS

Com a chegada de efígie de São Francisco, confraternizaram os animos numa união sagrada. É que, antes, a localidade mais propria para fazer a igreja fôra, desde 1812, discutida, sendo de parecer o avô de Ferreira Viana, Silveira Calhéca e seu pai João Antonio Ferreira Viana, bem como o cunhado deste Manoel José Rodrigues Valadares, que a igreja se fizesse na Lomba, no lugar em que já em 1856 estava o Asilo de Orfãos. O primeiro cronista de Pelotas, José Vieira Pimenta no-lo refere: — O capitão-mór Antonio Francisco dos Anjos e poucos mais, junto com o vigario Felício, sem esperarem por decisão final, deram andamento á igrejinha e, uma vez abertos os alicerces e principiada a construção, os opositores foram concordando e, assim, ao redor do templo formou-se o agrupamento urbano, distendendo-se pelas terras contiguas a essas do capitão-mór (das quais fôra o primeiro possessor o citado avô de Ferreira Viana), terras contiguas que pertenciam a D.^a Mariana Eufrasia da Silveira, senhora que veio a ser figura principal na data da fundação de Pelotas, dona de quasi toda a área que compreende essa cidade.

A PROVIDENCIA MORAL DE FERREIRA VIANA

Já era riograndense, Ferreira Viana, por sua mãe, D.^a Senhorinha da Silveira, natural do Rio Grande, e pela linha de seus avós maternos, como ficou dito, de acôrdo com o assentamento de seu batismo que nos foi dado encontrar no Livro 3.^o, folha 111 dos registros da paróquia de São Francisco de Paula de Pelotas, conservados no atual Bispado.

Todo o homem eminente provém naturalmente de uma mulher eminente. São originariamente maternos os germens, morais e mentais, da nossa alma. No doce regaço feminino, o principal anjo da guarda é aquela que cultiva a veneração, que nos liga ao passado, é a nossa Mãe, sendo o homem aquilo que a mulher o fez, como mãe, esposa ou filha, em suma. É exato o conceito: os Cesares promanaram das Aurelias; os Constantinos, das Santas Helenas; os Santos Agostinhos, das Santas Monicas; os Santos Luizes, das Brancas de Castelas... E o mérito de um homem se resume em aproveitar os elementos que lhe foram proporcionados pelo meio em que surgiu, desde a vida domestica, onde, espontaneamente, se realiza a cultura afetiva, porque a vida do lar é a base de toda a moralidade. Um conjunto de vantagens, no trato e nas idéas, explica o apreço de viajantes estrangeiros pela **mulher do Sul** e pela existencia culta no seio do territorio riograndense. Já, segundo o depoimento de Luccock, “nada tinha de desagradavel a vida no Rio Grande ao tempo de D. João VI e já as mulheres, de lindos olhos e cabelos negros ou de matiz castanho escuro, alvas e viçosas, de finatez e esmaltada de rosas a face, — tinham atingido a nivel superior ao das capitancias centrais; sendo no Rio Grande a convivencia social mais franca e superior, nessa época, á do Rio de Janeiro. A mãe de Ferreira Viana foi a egregia senhora que representou a providencia moral de um dêsses lares, de cujo recesso, mais tarde, a mulher pelotense entoaria este cantico:

“Livre povo pelotense
Dai exemplos á nação;
Quebrai ferros e cadeias
Suplantai a escravidão!”

A ESTIRPE DOS SILVEIRAS

Teve grande e util descendencia em Pelotas e no Rio Grande do Sul a familia **Silveira**, progénie de Ferreira Viana, pelo lado materno. Silveira foi um bisavô do ex-presidente do Uruguai Dr. Baltazar Brum. Silveiras, foram os ilhéus

do Faial que se fizeram representar entre os fundadores de Porto Alegre. Silveiras eram as três irmãs que aqui, em Pelotas, se estabeleceram no século XVIII, aportando ao Rio Grande quando vieram os primeiros casais portugueses: essa benemerita D.^a Maria Eufrasia que doou os terrenos para nêles se construir uma grande igreja, um quartel e aqueles onde se erguem a Biblioteca Publica e a Intendencia, e que se matrimoniou com o capitão-mór Francisco Pires Casado; e as não menos egregias senhoras D.^a Izabel Francisca, cognominada D.^a Izabel de Pelotas, que casou com o capitão-mór Manoel Bento da Rocha, dona do primeiro trato de terra originario deste municipio (por compra); e D.^a Joaquina Margarida, esposa de Domingos Gomes, estancieiro em Itapuan. O padrinho de batismo de Ferreira Viana, a 13 de julho de 1832, Antonio José Gonçalves de Castro, era genro de D.^a Mauricia, filha de D.^a Mariana Eufrasia e nascida em 1758. Uma outra filha de D.^a Mariana, — Joana Margarida, casada com o tenente Baltazar Gomes Viana, (Mateuzinho das leis) nascido em 1809, pai do barão do Arroio Grande, casado com D.^a Maria Francisca Antunes Maciel, filha de um capitão das forças do marechal Abreu, de nome Francisco, por sua vez, filho de um tenente de milicias, Bernardo, de Sorocaba.

A MAIS ANTIGA GERAÇÃO DE PELOTAS E O LAR DE FELIX DA COSTA

São pormenores estes que não nos parecem ociosos e que colhemos em velhas certidões, medições judiciais, testamentos e inventarios. Servem para reconstituir a atmosphera moral que primeiro respirou Ferreira Viana decidindo nas diretrizes do seu destino. Assim, descobrimos que de um **Furtado de Mendonça** descendem essas três irmãs Silveiras de Pelotas, pois Antonio Furtado de Mendonça e sua esposa D.^a Izabel da Silveira eram os pais legitimos de D.^a Dorotéa Izabel da Silveira, natural do Rio Grande, casada com o bravo capitão José Carneiro da Fontoura (avô do Visconde da Graça). De uma irmã de D.^a Dorotéa, — Maria Antonia da Silveira,

casada com Mateus Inacio da Silveira, do Faial, eram filhas as três venerandas irmãs Izabel Francisca, natural da ilha do Faial, Mariana Eufrasia e Joaquina Margarida. Chegamos a descobrir que os pais de Mateus Inacio da Silveira foram Miguel Corrêa da Silveira e Maria Jacinta, em reforço aos dados contidos no nosso livro "A Cidade de Pelotas". O teor da carta de sesmaria, de 18 de junho de 1758, outorgando ao Coronel Tomaz Luiz Osorio o primeiro trato de terra (Laranjal) originario do municipio de Pelotas, indica que a região estava sendo explorada e já conhecida a zona das suas planicies. Já no ano de 1774 havia aqui uma **companhia de ordenanças**, com seu alferes Felix Pereira da Costa Furtado de Mendonça, a qual só podia se formar onde houvesse sessenta ou mais casais, nos termos da carta régia de 1747, que mandou estabelecer os da Madeira e Funchal no Rio Grande de São Pedro. No lar de Felix da Costa e de sua esposa D.^a Ana Pereira da Costa Mendonça, irmã do tradicional **padre Doutor**, rev. Pedro Pereira Fernandes de Mesquita, cuja capela no Passo do Leão foi séde provisoria desta freguezia, — nesse lar edificante, outrora entre as paragens Baldez e Santo Amor, — está representada a mais antiga das gerações de Pelotas.

O PATRIARCA DO JORNALISMO BRASILEIRO

Pelo amor da sua familia a estes pagos, pensamos tambem que se deve considerar pelotense, naturalizado pelotense, antes que o considerem uruguaio, esse filho do casal Felix da Costa, — Hipolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça — que foi o precursor dos jornalistas brasileiros e, como disse o seu biografo Barão Homem de Melo "nunca reconheceu outro país natal sinão o Brasil". Ele veio á luz do dia, a 13 de agosto de 1774, quando, eventualmente, seu pai, o alferes de ordenança, nesse ano, foi daqui destacado para a Colonia do Sacramento, indo para essa guarnição com sua esposa D.^a Ana. Esse lar, que simbolizou o dever patriotico, na paz e na guerra, foi aureolado com a ventura de dar ao Brasil o grande Hipolito que, pelo famoso

“Correio Brasiliense” que, em 1808, veio a publicar em Londres, fez, por assim dizer, a educação política que, no Brasil, preparou e realizou a Independência. Pelotas bem poderia prestar-lhe alguma homenagem. Foi seu irmão, o padre Felício, 1.º vigário da freguezia de Pelotas (1812-1819) o promotor da ereção desta paróquia, cuja modesta sepultura resta no recinto do nosso primeiro templo. Por sugestão nossa, em 1922, já o seu nome emblema uma rua desta cidade.

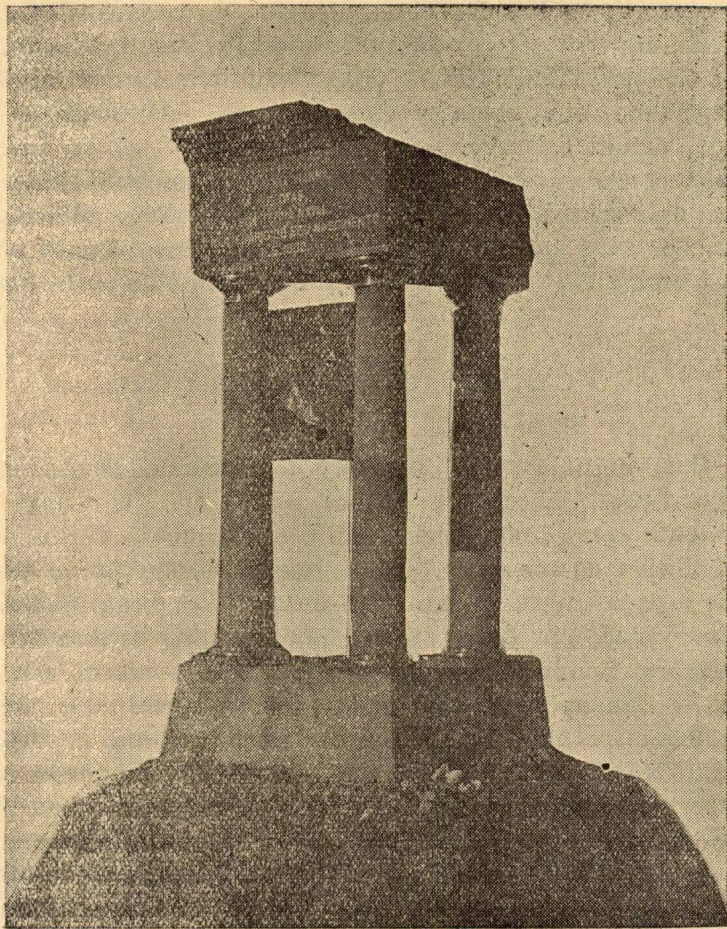
O ARRÔCHO DO BERÇO

A hora das orações, Ferreira Viana, no decurso da existência, quanta vez sentiria soar aos ouvidos o timbre do pequeno sino, o mesmo que os pelotenses escutaram, quando o seu berço foi embalado ao influxo do campanário... murmurando os escravos humildes o “louvado seja Nosso Senhor”... Esse desenho da infância, tendo por dossel um beijo de mãe, é sempre inesquecível para as tiragens da alma... Viveu, nêle, com certeza, latente, com a poesia das carícias, esse passado com a sua influência invisível e fatal. É que esse pano de fundo da primeira existência, esse poço da infância, de que falava Joaquim Nabuco, é insondável, refrescando, na sua pequenez, a vida, em certas horas, e para sempre, como um oásis sedutor. As histórias que nos embalaram o berço, a crença á cuja luz desabrochou o nosso espírito, curioso e inquieto, as nossas cantigas que se casam com a paisagem, bem o disse ainda Afonso Arinos, — seguem-nos, de perto, onde quer que andemos longe, e nos murmuram os alentos das nossas primeiras esperanças e nos repetem os écos das nossas primeiras lágrimas...

UFANIA DE SER PELOTENSE

Ferreira Viana, um dia, no parlamento brasileiro, em palavras de um discurso, relativas ao conselheiro Francisco Maciel, manifestou a comunidade da origem pelotense de ambos. E esse fato de que Ferreira Viana se orgulhara, dizendo que tivera as honras do batismo na mesma pia, vem

consignado, á pagina 88, em nota, do 1.º volume das “Revoluções Cisplatinas”, de Alfredo Varela. Com efeito, não ha quem não sinta que é o **torrão** natal a raiz dessa árvore majestosa que se chama a Nação, como lá disse o velho escritor



Monumento a Ferreira Viana, em frente á Faculdade de Direito de Pelotas. Por iniciativa do dr. Fernando Osorio, erguido no 1.º centenario do nascimento do egregio Pelotense, (11 de maio de 1932) pelo Governo e pelo Povo. Simboliza um trecho do Forum Romano. O medalhão, em bronze, com a effigie de Ferreira Viana é circundado de um ramo de oliveira, simbolo da fraternidade dos Brasileiros, traduzido na lei de 13 de Maio, cujo teor se lê no reverso do medalhão, com a assinatura do seu redator, o então Ministro da Justiça Ferreira Viana.

A concepção e o desenho do monumento são do dr. Fernando Osorio. Foi todo executado em Pelotas nos ateliers Giusti e Pastrello (de granito e bronze dourado).

da escala ascendente que vai da familia á paróquia, desta ao Municipio, do Municipio ao Estado, amando-se cada uma das partes porque se ama o todo, a tal ponto que a grande não póde olvidar a pequena Patria.

Ficou, Ferreira Viana, prêso ao canto desta terra, a imagem que se lhe desenhou, risonha, do cenario dos avós. Referiu-nos o illustre ex-Intendente de Pelotas, Dr. José Barboza Gonçalves, que possui, presenteada por um neto de Ferreira Viana, uma carta primorosa dêste, pela fórma e pelo fundo, dando extremosos conselhos de avô. E os quadros inesqueciveis em que despontaram as primeiras hastes da alma de Ferreira Viana decidiram, no emprego ulterior da vida, dos seus moldes de idéas e sentimentos. Tanto a Patria é uma alma... e il paesaggio é il volto amato de la Patria.

O CENARIO, O AUTOR E A CENA

Com efeito, a vida é, na frase de Humboldt, uma equação de condições. E, qual a definiu Blainville, ela é a intima harmonia entre o seu organismo e o seu meio. Assim tambem a vida de um povo, drama que se desenrola no tempo e no espaço presidido por uma unidade suprema, o carater etnico e nacional: é necessario, hoje, explicar os dois fatores que fazem andar a história para adiante, — terra e o homem — lançando mão de dados que se combinam, não só mesologicos e biologicos como de dados mentais, na divisão de Buckle, morais e intellectuais. Quer dizer: o homem é um produto do meio, **material** e social, da natureza e da arte, **natureza** intrinseca e arte da educação. De modo que o surto das mais felizes disposições está subordinado ao ambiente domestico, civico e universal, isto é, dependem os nossos atos de nossas qualidades intrinsecas, da educação que recebemos e tambem das vantagens que encontramos no mundo, das circunstancias sociais em que nos desenvolvemos, da oportunidade que se nos depara de nos manifestarmos, no correr da vida. Pois nem a vida teríamos sem o concurso geral do meio de que todos somos filhos, tão certo é que ninguem se

fez a si mesmo e que todos valem pelo valor da nossa gente e da nossa terra. O meio é o **cenário**, o organismo é o **ator** e a vida é a **cena**, em suma. Como transunto de tudo isto, estão refletidas, estampadas, nos anais da vida da terra de Ferreira Viana, a sua indole e a sua séde, em harmonioso concerto, — o seu coração, o seu espirito, o seu carater, o territorio, o céu e o clima.

A LINHA IDEAL DE PELOTAS

Com os olhos de filho, Ferreira Viana, sempre, com os olhos do coração, olhou Pelotas, de certo na serenidade da sua planície, no esmeraldino da sua paisagem guasca, recebendo o abraço das coxilhas em torno amorosamente conchegadas. E na perfeição geometrica das suas ruas rétas, que espelha a linha antiga do character dos seus filhos, Ferreira Viana nunca esqueceu o perfil moral da sua terra, em resposta ao azul das serranias distantes, rasgadas, pela mão divina, novas imensidades, maiores que o oceano das coxilhas, porque se ergueram do seio da orografia humana da raça riograndense, como oceanos de almas, deslizando sobre o coração de Pelotas. É que das relações morais depende a reunião dos homens, ainda mais que das conveniencias fisicas, sendo a terra da Patria aquela em que se renovam as cinzas dos antepassados, aquela a que nos liga tudo quanto nos tem precedido e o que nos vai succeder... Sentimento infavel com que os antigos acreditavam no *genius loci* e os gregos povoavam de numes, os seus campos e praias... Através da neblina da saudade, Ferreira Viana, quantas vezes, com os olhos do coração, com os olhos de filho, ausente, viu a espiritualidade brumosa, que se esbate, dêstes horizontes enebulinados, quando não esplende, na luz atmosférica de Pelotas, a harmonia e o colorido das suas auroras, chamando para a vida, e dos evocativos crepusculos em que a despedida da luz atinge a linha dos campos, com a última restea do sol que deixa a terra, descendo em fogo pelas serranias...

O PAI DE FERREIRA VIANA

Quando, na França, cada chefe de família anotava os mais importantes acontecimentos da vida domestica, nos chamados **livres des raisons**, era o afeto e o respeito o que harmonizava os lares. No convívio de seus pais, Ferreira Viana, esmerando maneiras e sentimentos, poudé adquirir os habitos e as opiniões que foram indispensaveis á sua vida consagrada ao bem geral da sociedade, porque na sua infancia, na sua meninice, em Pelotas, a fase preparatoria da sua existencia individual assegurou a expansão do ascendente espontaneo dos seus attributos superiores, desde que o meio em que surgiu, depositou na sua alma infantil, a par dos seus dotes fisicos belos e vigorosos, os germens da moralidade, da indole simpatica, das puras aspirações dos albores da sua terra e da sua gente. Entregue a tão afetiva, intelectual e prática cultura desinteressada, preenchendo o destino social do lar domestico, Ferreira Viana, nos brindes da sua idade, sentiu, nas horas do dever, a presença severa do espirito de seu pai, João Antonio Ferreira Viana, natural da Freguezia de São Martinho, Arcebisado de Braga, filho de D.^a Maria Joana Rodrigues e de Manoel Lourenço Ferreira, ambos de Braga. Quando Ferreira Viana nasceu, a 11 de maio de 1832, no mês de Nossa Senhora, que desafia a primavera com as forças borbotantes da terra geratriz na residencia de uma das xarqueadas tradicionais, a Valadares, existente em terreno de seu avô, — o pai, João Antonio, era suplente de vereador da 1.^a edilidade de Pelotas (Camara Administrativa, em substituição a Antonio José Gonçalves Chaves, de 29 de abril a 16 de setembro de 1832), passando a Vereador a 18 de setembro dêsse ano até fevereiro de 1836. Duas eram as xarqueadas, de que falamos: uma chamada da Figueira, onde está o atual Matadouro Modêlo, á qual alude o velho cronista Vieira Pimenta quando, acerca da imagem de São Francisco, diz que desembarcou na xarqueada hoje do José Inacio da Cunha; a outra era a xarqueada Valadares, atual deposito de carroças.

PELOTAS, OFICINA INDUSTRIAL

Já havia povoadores, como dissemos, antes de 1774, já estava explorado o “rincão de Pelotas”, quando vinte e dois anos depois da doação do Laranjal feita pelo governo do Rio de Janeiro ao Cel. de Dragões Tomaz Luiz Osorio, — nessas imediações do Laranjal, um cearense, José Pinto Martins, estabeleceu, em 1780, uma xarqueada, junto ao arroio Pelotas. O exemplo frutificou, creando assim, esse cearense, a industria saladeril no Rio Grande do Sul. De gente ilhóa, agricultora, dada ao cultivo do trigo e do arroz, era habitado o Laranjal. E o nome de **Pelotas** (embarcações de couro, usadas pelos indigenas e improvisadas para passagem de viajantes nos rios) memora, — com o “surgir galhardo de um povo” — esse fato histórico que, no dizer do egregio pelotense adotivo Domingos de Almeida (na sessão de 19 de junho de 1835, da primeira Assembléa Legislativa Provincial) aglomerara com a rapidez do raio a gente e a riqueza da localidade, espalhando-se a população e irradiando, da margem direita dêsse arroio das Pelotas, tributario do São Gonçalo, — a fundação da cidade no sitio onde mais tarde foi creada a freguezia, em correspondencia á sêsmaria do Monte Bonito, de que foi primeiro proprietario o Tenente de Dragões Manoel Carvalho de Souza, 1779.

NOME QUE FOI APANAGIO

Eis porque a velha gente sempre chamou áquele lugar — **Pelotas** — que graciosos de espirito ronceiro, ignorantes da lingua pretendem significar nudez, quando **Pelote** é, como disse Simões Lopes Neto, uma coberta, um saio de lã, de abrigo, e andar em pelotas não é andar em corpo, sem capa; nome este que foi apanagio de Correia da Camara, o heroico Marechal, Visconde de Pelotas. Julio Dantas, evoca o sargento Americo Pelotas que, na conflagração européa, comandando uma patrulha de reconhecimento, em Lacouture, vê cair todos os seus homens ceifados pelas metralhadoras e fica só, de pé, êle só, defendendo-se do ataque, á baioneta,

de seis alemães, até que regressa á trincheira, vitorioso, e um tiro certoiro o prostra para sempre. Com o heroismo, ainda mais glorioso, do arado humilde, que rasga a terra, criando a vida, o heroismo do bem, — edificaram este solar civico ciclopicos obreiros, na luta pela vida e pela patria, com as armas abençoadas dos prodigios do trabalho, do amor ao lar, da fé no porvir.

O BRAÇO ESCRAVO E A TERNURA DO NEGRO

Entrara pela terra, confundindo-se com o êxtase do indigena errante, á beira das aguas serenas, nas matas baixas do São Gonçalo, a voz de Portugal, devassando e povoando o distrito, e á alma heroica dos vindicos juntou-se a ternura do negro e, com o braço trabalhador e a dedicação servil, o leite que havia de crear gerações e gerações... E a benignidade riograndense, então, soube crear, como um simbolo, a lenda genuinamente nossa, do **Negrinho do Pastoreio**, que é a propria imagem do passado gaúcho, perpetuando-se no futuro. Ferreira Viana, no veio de ouro da sua infancia, em Pelotas, teria descoberto o seu primeiro toque redentor da raça generosa, cuja resignação suspeitou, vibrando pelo escravo, cuja grande suavidade, cujas lagrimas sem amargor, cujas alegrias sem felicidades, êle absorveu no leite preto com que foi amamentado... Verdade é que no Rio Grande do Sul não existiu o rigôr que na região setentrional do país degradou os brancos e que a introdução de escravos, aqui, fôra sempre feita em menor escala do que em quasi todas as outras provincias. E em nenhuma parte como no Rio Grande, a situação do escravo foi santificada num culto piedoso, original, distintamente riograndense, como aquele do Negrinho, repontando a tropilha, morto num formigueiro e que, por um biquinho de vela achava o perdido de quem o acendia... creatura de ficção que simbolisa o desinterêsse como a mais bela das virtudes.

UM PELOTENSE ADOTIVO, PRECURSOR DA ALFORRIA DO NEGRO

Entretanto, em Pelotas, em 1814, em virtude da invasão de africanos, chegou a ser de homens de côr metade da população, acusando o 1.º recenseamento feito, nesse ano, 105 índios, e 1.226 escravos, entre 2.719 almas, dando-se á capitania 70.656 habitantes. Sessenta e nove anos depois, em 1883, a população escrava da provincia era em 30 de junho de 62.138 individuos. O primeiro que organizou uma estatística do commercio de importação e exportação do Rio Grande do Sul, — foi o pelotense adotivo Antonio José Gonçalves, — para mostrar aos poderes publicos o quanto eramos mal aquinhoados na distribuição de graças e favores, liberalmente concedidos a outras provincias que não tinham os mesmos elementos de vida. Em sua xarqueada, na costa do Pelotas, Gonçalves Chaves hospedou o sabio francês Saint-Hilaire, que o encontrou falando bem o francês e possuindo excellente biblioteca. Empreendedor e atilado, espirito culto, esse pelotense adotivo escreveu, em 1817, nesta terra, a terceira das suas memórias notaveis, prégando sobre a alforria do negro e alvitando, já os meios de efetivá-la.

O SONHO DO LIBERAL QUE PROPÔS O NOME DA CIDADE DE PELOTAS

Si Hipolito da Costa, o irmão do fundador da freguezia de Pelotas, como vimos, desde 1808, em Londres, no seu “Correio Brasiliense”, prégou a extinção gradual dos escravos, e foi ilegalmente sequestrada, por D. Diogo de Souza, em 1810, essa gazeta que teve, aqui, leitura entusiastica, — tambem desde 1826, o patriarca José Bonifacio elaborara um projéto destinado a assegurar, sem comoções, a confraternização de todos os brasileiros, não admitindo Republica com escravos. E no ano em que nasceu Ferreira Viana, 1832, Francisco Xavier Ferreira no seu jornal “O Noticiador”, sonhava com a abolição. Foi esse um liberal que appareceu delatado em tramas republicanas do tempo da Independencia do Brasil,

mencionando-o uma correspondencia do consul Camara ao governo central, como “o mais perigoso” dos conspiradores. Esquecido, no Brasil, nas comemorações de 1922 propusemos que o seu nome emblemasse uma rua de Pelotas, porque foi Francisco Xavier Ferreira que, sendo deputado, na primeira Assembléa Legislativa Provincial, propôs na sessão de 17 de junho de 1835, ficasse elevada á categoria de **Cidade**, com o nome de Pelotas, a vila de São Francisco de Paula, apoiado por Domingos José de Almeida. Como é moça a Princesa do Sul, na esbelteza que a reveste, e que, nesse ano da epopéa dos Farrapos, fez o notavel e insuspeito viajante Nicolau Dreys desejar que ela fosse a capital da Republica! chamando-a de “esplendida cidade”, “porção mais rica da provincia”, prospero lugar, pela posição social de seus habitantes e por suas relações comerciais.

PORQUE PRINCESA DO SUL

Compreendem todos porque Pelotas mereceu o nome de Princesa do Sul, pelos esforços que ostenta da sua iniciativa, pelo descortino, pela ante-visão, pela cultura de seus habitantes. Era já elevado o número de pessoas graduadas do lugar, pela época da fundação da freguezia. A galeria heraldica começa com o Barão, depois Visconde de Jaguarí, Domingos de Castro Antiqueira, que se vangloriava de carregar o andor na primeira procissão que, por agrestes trilhas, como vimos, se realizou em Pelotas, com a mesma ufanía manifestada por Boaventura Rodrigues Barcelos, que foi Guarda-Roupa do Imperador. “Eles quizeram que o lugar prosperasse e o lugar prosperou” — disse dos pelotenses o insigne viajante Dreys que assistiu ao nascimento da cidade. Das memórias de Gonçalves Chaves consta ser em 1822, o número de 217 prédios no quadro da freguezia, no valor de 342:500\$, estando situadas, nas suas vizinhanças, 22 xarqueadas, de onde derivava a maior riqueza e estabilidade. Onze anos depois, em 1833, o número de prédios de Pelotas se elevava a 544 como se vê de uma declaração official do coletor Sandim, arquivada na Intendencia Municipal. Até 1830 o Rio

Grande abasteceu de xarque todo o país, sendo de 600.000 arrobas a exportação anual, de 1821 a 1835. Uma rês de criar custava 3\$000 e um boi de corte 8\$000; depois da revolução, aquela 15\$000 e este 25\$000. Milliet de Saint-Adolphe, em seu Dicionario Geografico (1835-41) consignou o “progresso de tamanha prosperidade de Pelotas”. Porto Alegre, a 4 de agosto de 1832, é que inaugurava o serviço de sua iluminação com lampeões de azeite. Até que, o nobre Conde d’Eu, viajando, em 1865, ao Rio Grande do Sul, em diário minucioso, escreveu: — “De fato, é Pelotas a cidade predileta do que eu chamarei a aristocracia riograndense, si é que se pôde empregar a palavra aristocracia falando-se de um país do novo continente”. E acrescentou, por sua vez: É de lamentar que não seja esta cidade a capital da Provincia”.

A PALAVRA ARISTOCRACIA

Teve razão hesitando o Conde d’Eu em aplicar a uma cidade da America essa palavra aristocracia. Até as boas maneiras provocam ciumes... nestes tempos em que foi anunciada a morte da polidez. A malevolencia havia de perseguir Pelotas, em gratuitas manifestações a uma Princesa que si, nos seus alvares, teve já um prestígio lendario, e sedutor nem pela sua esbelteza sorridente que, no dizer de João Luzo, a 21 de julho de 1925, faz com que, mesmo em tempo sombrio, a vejamos banhada de sol... (folhetim, no Jornal do Comercio, Rio de Janeiro), nem por isso deixou de merecer o nome, tambem, que lhe deu Pinheiro Machado, de **Covadonga da Republica!** Em Pelotas nasceu, 1811 (a 4 de julho) um eminente republico, esquecido dos homens, Domingos Guedes Cabral que indo para a Baía, como empregado do comercio, depois de estudar humanidades, fez concurso para professor, e formando-se, dedicou-se á imprensa, desde cedo propagando, com ardor, as suas idéas republicanas, n’**“O Democrata”**, 1836 e no **“Guaicurú”**, órgão francamente democratico, de 1842 a 1850, e escrevendo um livro de desilusão, **“A Politica e os Politicos”**, que se salvou em mãos de seu filho, célebre cientista, de igual nome. Em nossa conferen-

cia o “Encanto dos Salões”, no Club Commercial, (1931), respondemos aos que ainda não tenham querido fazer a sua reverencia á linha ideal da Princesa do Sul... da ribeirinha Covadonga da Republica. O proprio Ferreira Viana tinha um irmão Pedro Antonio Ferreira Viana, bacharel em direito, pela Faculdade de São Paulo, que se alistou no partido republicano, fez conferencia na Fenix Dramatica, assinando, em 4.º lugar, o Manifesto de 70. Encontramos o seu auto-grafo, na Biblioteca Publica Pelotense, num exemplar de sua obra, publicada no Rio de Janeiro em 1876, “Consolidação das disposições legislativas e regulamentares do Processo Criminal”. E os republicanos, como observou Afonso Celso, no livro “Oito Anos de Parlamento”, encontraram nos discursos de opposição do proprio conselheiro Antonio Ferreira Viana, abundante arsenal de armas para acometer a monarquia.

DISPOSIÇÕES LIBERAIS DOS PELOTENSES

Uma testemunha ocular, o insigne viajante Dreys, mencionando a coadjuvação dos xarqueadores de Pelotas, no seu adiantamento, escreveu, que elles eram dotados de disposições liberais. Com solenidade e pompa até então “não vistas”, foi a freguezia de São Francisco de Paula o primeiro lugar da capitania a aclamar, a festejar, em 15 de outubro de 1822, “publica e ruidosamente”, o magno evento da Independencia do Brasil. Veio, embora, receber impérios, por isso, do aulico Manoel Jorge, futuro gentil-homem da imperial camara. Um ano antes, a 26 de abril de 1821, pela primeira vez o povo riograndense, por motivo politico, pegava em armas, em Porto Alegre, com o fim de **firmar o regime constitucional**. Depois desse espetaculo novo para a capitania, irrompeu a revolução de 1830, em França, que acendeu os animos dos patriotas avançados, determinando a insurreição de 7 de abril. Desde 1829, Pedro I, percebendo os sinais do tempo, fôra, voluntariamente ao parlamento hostile, a 3 de setembro, para só dizer isto: — “Augustos e dignissimos representantes da nação brasileira. Está fecha-

da a sessão". Como, porém, naquela ocasião, Paris se limitou a operar uma substituição dinástica, — diz Teixeira Mendes, na biografia de Benjamin Constant, — os políticos brasileiros mais influentes não ousaram eliminar a monarquia. Satisfeitos com a abdicação do primeiro imperador proclamaram, para suceder-lhe, o filho ainda criança, acreditando que lhes seria asado afeição-lo ao regime monarquico-constitucional, e que corresponderiam ás aspirações politicas reformando a lei fundamental no sentido de estabelecer uma especie de imperio federativo.

UMA JUNTA DE SAÚDE PUBLICA

Formou-se, então, em São Francisco de Paula de Pelotas, uma filial da famosa associação "Defensora da Independencia", poder formidavel que governou o Brasil pelo espaço de quatro anos, quando foi da abdicação de Pedro I, reunindo os mais genuinos elementos brasileiros, com uma especie de Clube dos Jacobinos, mas creado pelo partido **liberal moderado** que tinha por lema trabalhar para que a revolução de 7 de abril se não perdesse nos abismos da dissolução social, guiando o país pela vereda da moderação e da prudencia, efetuando, com as camaras, as reformas nas instituições juradas, com estudo, reflexão e patriotismo. Na filial de Rio Pardo, teve, entre os socios, o titulo de Junta de saúde publica. Tal a sua divisa: — **Sem ordem não ha progresso, sem justiça não ha liberdade.** Ela se opunha á Sociedade Militar. E, em breve, os Farrapos estariam dispostos a realizar o programa da nascente filosofia de Augusto Comte, de manter-se uma simples milicia, suprimindo-se o exército permanente. (Decreto de 16 de novembro de 1839). Por se ter feito notavel nos motins da revolução de 7 de abril, no Rio de Janeiro, veio desterrado, para Pelotas, um endemoninhado Padre Pedro (Nota pitoresca!) que, nas suas travessuras, percorreu as ruas, armado duma palmatoria, applicando bolos a muitos portuguezes e os obrigando a passar recibo de que êle, no seu furioso patriotismo, chamava pagamento das afrontas que o partido nacional havia recebido...

A SISTEMATIZAÇÃO FARROUPILHA

No ano em que nasceu Ferreira Viana, 1832, podemos dizer que se sistematizou a guerra civil no Rio Grande do Sul. Desde 1828-29, as suas sementes tinham sido lançadas e ela estalou quando se desequilibraram, no Rio Grande, os dois espiritos — o nacional e o provincial, — já não possuindo o centro a antiga autoridade unificadora. Até que, por fim, o sentimento nacional foi fortalecido pelo sentimento federativo e sobrepairou, como foi dito, a grande orientação do povo gaúcho, isto é, nem separatismo, nem ligação com os povos platinos. Para tramar a revolução na Banda Oriental, oferecera-se, em 1829, o Padre José Caldas que, condenado á morte, em Pernambuco, viéra com Lavalleja, do Prata ao Rio Grande. Ao passo que, outro padre, Custodio Dias, nesse ano, a 10 de junho, na assembléa geral brasileira, bradava: — “Eu não quero a liberdade que degenére em licença!” E um irmão de Bento Gonçalves, o Padre Roberto dizia estar pronto a apoiar o movimento revolucionario no Rio Grande, desde que o seu irmão se convencesse (o que de fato aconteceu) que era possível a federação democratica com as demais provincias do Brasil, deixando Bento Gonçalves de conspirar com os republicanos do Prata. Quatro correntes de opinião, entretanto, percorriam a sociedade riograndense: — os legalistas moderados, os legalistas extremados (centralizadores), os revolucionarios moderados, e os separatistas. Já as idéas enciclopedistas, de Montesquieu e Rousseau, além das teorias de Benjamin Constant, Mably, etc., floresceram, aqui, na imprensa, em 1835, a despeito de ter sido, a principio, o pensamento riograndense orientado para as idéas teologicas, ministradas nos cursos de filosofia. Na França, não tinham chegado a acôrdo, em 1826, Augusto Comte e seu emissario Alfredo Sabatier com o padre Lamennais, chefe do partido catolico, e o geral dos Jesuitas, para a sistematização de uma grande Liga religiosa, esboçada por Comte, afim de estabelecer, na terra, o reinado do Amor, pela consolidação e desenvolvimento dos deveres da vida humana, retomando o programa do sistema catolico da Idade Média. No entanto,

a preponderancia do altruismo sobre o egoismo achara terreno propício, como vimos, na alma riograndense, com o seu provincialismo elevado, mais forte do que o individualismo causador de disturbios no Prata.

O INÍCIO DA NAVEGAÇÃO A VAPOR

Data do mesmo ano em que veio ao mundo Ferreira Viana, 1832, o início, na provincia, da navegação a vapor, descendo para a agua, em Pelotas, em meados de setembro, o primeiro barco que, segundo La Hure e Scully, foi construido no Brasil. Chamou-se **Liberal** e fez-se por iniciativa de três habitantes de Pelotas, José Vieira Viana, primeiro juiz de orfãos da vila, Antonio José Gonçalves Chaves, de quem já nos ocupamos, e Domingos José de Almeida, o pelotense adotivo, natural de Minas, o partidario da Independencia nacional, o varão de Plutarco, o egregio republico da epopéa dos Farrapos. Até então, como observou Mazon, a navegação lacustre era feita por **sumacas** (embarcações pequenas de dois mastros), iates, brigues, (embarcações de dois mastros, dos quais o maior é inclinado para trás), patachos e escunas (embarcações ligeiras, tambem de dois mastros), sendo que as que faziam a travessia dos rios Taquarí e Jacuí, eram grandes canôas, muitas das quais mais compridas do que alguns iates, que velejavam nas lagôas dos Patos e Mirim. Era um viajar muito penoso, mórmente na subida do rio, pois quando faltava o vento, eram os marinheiros obrigados a agarrar-se ás árvores, que cresciam nas barrancas, para dar impulso ás suas embarcações. Outro grande inconveniente provinha da baixa das aguas no verão e então eram empregadas pequenas canôas de voga, com as quais a viagem era feita com mais rapidez, mas com grande prejuizo na capacidade quasi insignificante de carga que conduziã. Organizada a empreza, em Pelotas, da navegação a vapor, o **Liberal** iniciou, em 1832, as viagens regulares entre Rio Grande, Pelotas e São José do Norte e, nesse mesmo ano, foi até Porto Alegre e á cidade do Rio Pardo.

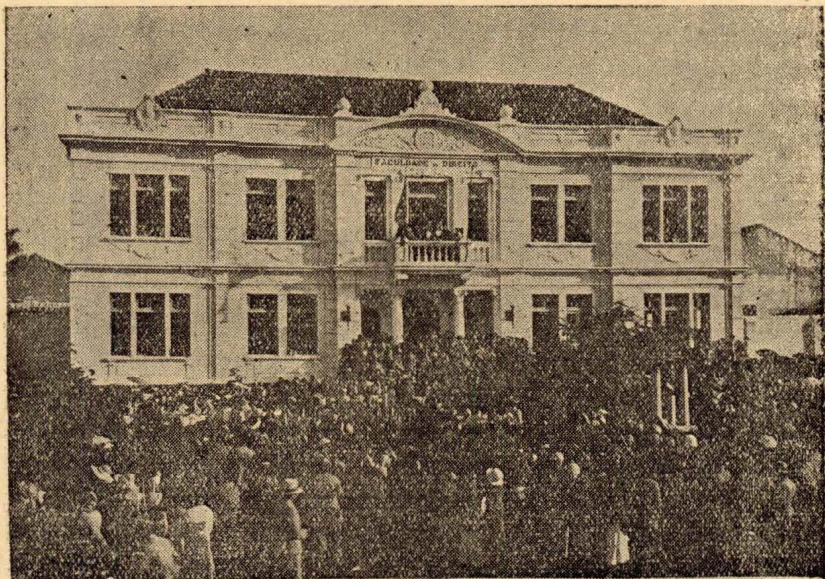
A EREÇÃO DO MUNICÍPIO DE PELOTAS NO ANO EM QUE NASCEU FERREIRA VIANA

Taine dizia: — “*Il faut tacher de voir le district, la commune...*” Dez dias antes de nascer Ferreira Viana era assinada a venda de um escravo, na primeira escritura que se fez no 1.º Cartório de Notas de Pelotas, (fundado a 2 de maio de 1832, 1.º tabelião Joaquim Barbosa da Silva Azevedo) livro rubricado pelo futuro presidente da Província e conselheiro Antonio Fernandes Braga, então ouvidor da Câmara (depois deputado, senador e ministro do Supremo Tribunal de Justiça, e que fôra republicano em Coimbra). A esse imparcial e reto magistrado coube a missão de, na data nacional de 7 de abril desse ano do nascimento de Ferreira Viana, instalar a nova vila no prédio á atual praça Coronel Pedro Osório, á esquerda do Teatro 7 de Abril, e erigir o Município, cuja primeira Câmara tomou posse a 3 do referido mês de maio, (diz a ata do punho de Domingos José de Almeida) depois de todos darem graças a Deus, na Igreja Matriz. Fato jurídico de relevante interêsse para o historiador do direito, para o sociólogo, esse da concentração da vida politico-social brasileira nos municípios, como observou Clovis Bevilacqua, tendo, antes, a poderosa vocação histórica de João Lisboa estudado a expansão, nos tempos coloniais, do elemento comunal, como ossificação da Pátria que se firmava. Glória histórica da idade-média e padrão do genio politico da raça inglesa, foram essas vivazes comunidades surgidas de causas sociais e históricas. E documentos, no Brasil, já dos séculos XVI, XVII e XVIII, mostram como os privilegios municipais eram defendidos, com independencia e altivez, pelas câmaras e pelos procuradores do povo. “As republicas (câmaras e senado) dizia, em 1653, á Lisboa, o procurador do Pará, — representam os primeiros governos do mundo”.

IDA PARA O RIO DE JANEIRO

Até 1836 funcionou a Câmara Municipal de Pelotas, de que era Vereador o pai de Ferreira Viana, — João Antonio Ferreira Viana. E, no mês de fevereiro, dissolveu-se, por si,

devido á Revolução dos Farrapos. Os legalistas emigraram, como foi o caso do Juiz de Paz, Manoel Pinto de Moraes, que se refugiou na Ilha dos Marinheiros. Dêles, teriam ficado, os indiferentes, ás proporções da luta. Base de operações sobre o interior passou a ser Pelotas, teatro de feitos de armas, quais as entradas dos Farrapos, em 1836 e em 1838, tendo o general Lima e Silva aprisionado o Futuro Conde de Porto Alegre, então major legalista. É de presumir que,



Faculdade de Direito de Pelotas

por causa da guerra, partisse do Rio Grande do Sul, o menino Antonio Ferreira Viana, em companhia de sua familia, legalista, entre os anos de 1837 e 1838, embarcando para o Rio de Janeiro no patacho "Adamastor", de propriedade de seu pai. Abria, nesse momento, o menino Antonio as velas para a circum-navegação do pensamento, levando virgem a sua fé, sem que a ausencia de Pelotas tivesse a propriedade de lhe mudar o berço . . . assim como longe do torrão natal viveu José Bonifacio quarenta anos, sem, por isso, ficar estrangeiro.

NOVOS HORIZONTES

Apenas, também, cinco anos haviam decorrido, da formatura em 1832 na Faculdade de Direito de São Paulo, dos quatro primeiros bachareis riograndenses — Antonio Vieira Braga, Francisco de Sá Brito, Joaquim da Cruz Seco e Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, futuro Barão de Quaraím, irmão do instalador da vila de Pelotas, ouvidor da comarca Fernando Braga. E da terra santa do Rio Grande, que dera ao Brasil ainda colonia, a contribuição espiritual de um Araújo Porto Alegre, o nosso Leonardo da Vinci, — ia Antonio Ferreira Viana, orientado por magnetes morais, no periodo da receptividade, ávido de horizonte, como o espaço que atrai e fôge, para o gaúcho, em seduçõs sempre novas, — ia formar o novo humus da sua rara intelligencia, cursando o collegio Pedro II e, na efflorescencia do espirito, a legendaria Academia de São Paulo. Teria levado consigo a nota fundamental do patrimonio que nos legou a raça, como exaltação da alma riograndense, a do germe mais rico do nosso crédito americano, o lirismo, de que foi precursor esse filho dos pampas, barão de Santo Angelo, porque desde o movimento estético da “escola mineira”, antes de apparecerem, na Europa, os romanticos literarios, o romantismo, por volta de 1830, já encontrou no brasileiro um romantico feito. No melhor sentido desta palavra, elle seria um **crente** nas suas faculdades creadoras, despontando a consciencia intuitiva do genio de amor da sua Raça.

ADOLESCENCIA E JUVENTUDE

Dada a sua espontanea superioridade, desde a inicial existencia domestica, não se malbaratou, no Rio de Janeiro a seiva da alma de Ferreira Viana e submetido ao plano de educação no Collegio, foram despertadas a sua actividade teorica e os elementos favoraveis á sua cultura estetica e moral esboçada no lar. E elle sentia o arroubo no destino que pren-

de a ciencia á poesia porque tinha as condições imprescindíveis da dignidade especulativa e, com a excelencia de seus dotes, o carater altruista que formara em Pelotas, como um sinal de sua gente e de sua terra, acentuou, na sua juventude, o ponto de vista cívico, em que iria manter, com a preocupação dos problemas sociais, acesos pelas lutas partidarias, subordinando-o á Patria, e conservando-se digna a sua alma, em meio da corrupção imperial da época que contemplou. No livro — “Academia de São Paulo”, de tradições e reminiscencias, Almeida Nogueira, em 1908 (3.^a série), — regista a passagem de Ferreira Viana por aquele Partenon da cultura juridica, onde obteve o grau de doutor, e, evocando outras imagens que pairam sobre aquelas arcadas, — diz que êle se revelou o “talento superior, uma das mais privilegiadas mentalidades que tem ilustrado o nome brasileiro, juriconsulto, filosofo, publicista, orador, o principe talvez dos nossos oradores parlamentares, de uma eloquencia antes ciceronica do que demostenica; não sómente luminar da tribuna politica, mas notavel do mesmo modo na tribuna forense, na das conferencias literarias, e até na tribuna segreda”. Matrimoniou-se em 1859, em Niteroi, com D.^a Josefina Domineck Pacheco, paulista, filha do Desembargador Joaquim José Pacheco, baiano, que foi presidente do Tribunal da Relação de São Paulo e de D.^a Margarida Domineck Pacheco. Houve o casal uma unica filha D.^a Maria Antonia Ferreira Viana Pires Brandão, casada com o grande advogado do Rio de Janeiro, Dr. Pires Brandão (Mariquita) já falecida, e os filhos Alberto e Artur, solteiros, e o filho Dr. Antonio Ferreira Viana, falecido, que foi consultor juridico do Ministro da Viação Dr. José Barboza Gonçalves, ex-intendente de Pelotas; restando ainda um filho, Americo Ferreira Viana, que mora com uma filha de D.^a Maria Antonia (Maria José), casada com o Sr. Antonio Santos, no Rio de Janeiro. **Netos:** (filhos de D.^a Maria Antonia). Dr. Paulo José Pires Brandão, advogado, residente á rua Corrêa Dutra, 69. D.^a Maria José Pires Brandão Santos, casada com o Sr. Antonio Santos, moradora á rua Almirante Alexandrino n.º 501. Francisco Antonio Pires Brandão, morador á rua Corrêa Dutra n.º 69.

Murilo Pires Brandão atualmente na Europa. Ainda netos: (filhos do Dr. Antonio F. Viana) **Maria da Gloria F. Viana Coutinho Queiroz Matoso Camara**, residente á rua Constante Ramos n.º 2. **Maria F. Viana Pimentel**, residente á rua S. Clemente n.º 212. **Antonio F. Viana**, á rua S. Clemente n.º 212. **Bisnetos:** Véra Queiroz Matoso Camara, Caio Pimentel, Euzebio de Queiroz Coutinho Matoso Camara Filho, Olga Pimentel Teixeira, Clarice Santos Penteado, Paula Pires Brandão, José Joaquim Santos, Olga Queiroz Matoso Camara. **Tetranetos:** Otavio Teixeira, Sergio Penteado. **Sobrinhos:** Ester F. Viana Calderon, poetiza, escritora, residente á rua Francisco Otaviano n.º 67. **Neto-sobrinho:** Dr. Irurá Mario Viana, filho do Dr. Mario da Silveira Viana (falecido) jurisconsulto, professor de direito penal (era filho de um irmão de Ferreira Viana). **Sobrinhas-netas:** Tarcília Floresta Cintra, residente á rua Candido Gafré n.º 19. Zilá Floresta Martins, moradora á rua Candido Gafré n.º 19. Alcina Floresta Tavares, rua Gal. Cristino n.º 33. **Primo:** Dr. Mario Fialho Valadares.

O DIREITO É A POESIA DO CARATER

Houve quem afirmasse que as catedrais antigas falavam para abençoar os santos. Falassem as arcadas daquele velho mosteiro de São Paulo, daquele convento de São Francisco, que se convertera, desde 1828, em séde da primeira Academia de Direito do Brasil, e a imagem da religião da Justiça se ergueria, pairando, resplandecente e evocativa das projeções deixadas pelo brilho do espirito de Ferreira Viana, dimanando das escolas da Grecia até a filosofia de um Manoel Kant, quando, na sua geração academica,

“Cada poeta empunhava o florete dum verso,
Cada orador soltava a bomba dum discurso”.

Na sua alma de moço caíu, como orvalho de ouro, a lição do Direito, defendida por êle, em tése de doutoramento, em 1856, depois de aurir os ensinamentos de vultos como Crispi-

niano e Justino de Andrade vulgarizando a escola histórica de Savigny que passara a considerar o direito como a expressão da consciência jurídica do povo e de partidários do racionalismo como João Teodoro, ao passo que Benevides ia beber na fonte da Bíblia as bases da teoria do Direito, defendidas pela escola teológica. E si Ferreira Viana, abrindo a flôr da sua intelligencia ao lampejo das idéas e a flôr do coração aos raios “dulcíssimos do céu do cristianismo” — não alcançou toda a moderna influencia do sopro renovador da adoção dos novos metodos científicos, contudo, no seu olhar de aguia e na sua vista de lince, como a Leonardo, *la bellezza de la vita*, bem alto, lhe appareceu, com a pureza inquebrantavel de um Rutilio, a irradiação do Direito, equilibrando a vida coletiva, na imagem de Dante, como a proporção que, conservada, conserva, e, corrompida, corrompe a sociedade. E, compreendendo, como a propria Grecia poudes estender o seu esplendor só depois que o direito se concretizou nas legislações de Lícurgo e de Sólon, assim como os destinos de Roma só foram traçados pelo sentimento juridico que, tambem, tem encantos de verdadeira poesia, a poesia do direito, diante da qual o estadista, o jurisconsulto e o poeta dão-se as mãos, levando lering a dizer que o direito é a poesia do carater!

FERREIRA VIANA, ESPIRITO HELENICO,
O “ATENIENSE DE PELOTAS”

As fadas do berço derramaram na pia batismal de Ferreira Viana, gotas do espirito gaulês e, como disse Batista Pereira, grãos de sal ateniense. Ele foi o espirito helenico, que nasceu nos pampas. E, sendo latino, teve as virtudes maximas do genio latino, feitas da graça, da justeza e da sobriedade. Em linhas finas e moderadas, sabia traçar o pensamento, sem prejudicar-lhe a energia e a precisão. Foi uma grande expressão de aticismo, de senso inato da medida, esse catolico, “ateniense de Pelotas”, precursor de Anatole France. Ninguém com mais arte e mais dom de sintese, na sua época,

pintava, em dois traços, um estado social, uma quadra politica. Ninguém como êle, no Rio de Janeiro, atesta-o Constancio Alves, no seu livro "Figuras" possuiu o segredo de resumir num dito a critica de um acontecimento, pintar com uma anedota uma situação, espalhar em discursos para encanto dos ouvintes e amargura do adversario, pequenas frases com asas e ferrão de abelha. Na memória dos que o ouviram, canta ainda o sussurro desse enxame, em dias de batalha parlamentar e o bando alado revôa, ainda, com a vivacidade de outrora nos anais da Camara de Deputados onde jazem tantas celebridades. Pelo castiço da lingua, os seus discursos sobre a passagem de Venus, fizeram lembrar as melhores páginas de Machado de Assis. Tinha Ferreira Viana a aristocracia da luta, como se disse, porque lutava como um florentino da Renascença.

O ESTÍLO DO ESCRITOR E DO JORNALISTA

O periodo de Ferreira Viana, segundo observou Joaquim Nabuco, foi um compasso que se fixou muito cedo, e de vez, como a fisionomia, na expressão livre e franca do seu pensamento, tal como o estílo de Lafayette, o de Machado de Assis, ou o de Quintino Bocaiuva, descontadas as inevitaveis modificações da idade, as tentativas que cada escritor, no começo, faz para chegar á sua fórmula propria, porque, afinal de contas, sempre se escreve com a medida, o periodo, a euritmia dos vinte e um anos. E Ferreira Viana, visceralmente, tinha o filete luminoso do proprio espirito que fórmula o genio da nossa raça, a essencia divina daquele helenismo que, a custa de combates contra os barbaros, os romanos transmitiram para as mãos dos celtas, como o iniludivel espirito latino constituido do arranque para o ideal, e das qualidades exuberantes que fizeram a arte grega, deram ao mundo o senso juridico de Roma e criaram a moral do cristianismo que "a ninguém permitiu mais ser pagão", armando as Cruzadas, reduzindo a Renascença e desvendando, pela cavalaria do mar, o continente que habitamos. Esse foi o sublime "slan-

cio” da poderosa maquina cerebral de Ferreira Viana, governando, com o maior encanto e a mais forte excitação, a sua vida, a sua arte, as suas letras, a sua filosofia, o seu direito, a sua religião, a sua lingua meiga e forte, sonora e altiloqua. Esse foi o filete luminoso do espirito que escreveu, em 1829, “A fusão”; em 1867, o panfleto “Conferencia dos Divinos”; em 1872, o “Regulamento das escolas municipais”; e em 1878, os “Libelos politicos”, entre outros escritos orientados por magnetes morais que fizeram a sua vida publica de fé interior e brilho exterior, de beleza e de fórma, de imaginação e de sacrificio, de verdade e de eloquencia. Jornalista, êle o foi, no sentir de Carlos de Laet, de burilada frase e rapida concepção e, como tal, saudou-o outro grande jornalista, o senador Torres Homem, num banquete politico.

NA DEFESA DE SUAS CONVICÇÕES

Estava a vinte leguas da navalha do capadocio, alguém disse, o punhal, cinzelado por Cellini, com que Ferreira Viana, ás vezes, feria a fundo deixando, porém, o chiste a Cotegipe, o sarcasmo a Lafayette, a causticidade a Zacarias, e bastando-lhe a ironia que lhe deu um lugar á parte na familia dos grandes humoristas. Na legenda, que se formou, dêsse homem superior, a verdade foi deformada na imaginação de muitos, como acontece com todas as lendas. Fez essa observação Constancio Alves, rendendo a Ferreira Viana a justiça de não vêr, apenas, o genio da demolição, a encarnação da zombaria, por amor á arte e por desamor aos homens, nas suas fréchas de ouro que cintilavam das suas obras primas, crivando individuos e instituições, — porque êle não vibrava a nota do epigrama sutil, em que foi mestre, como um simples “diletante” do ceticismo, e, antes, foi na defesa de suas convicções que burilou ironias com a dialetica em que era eximio e com a eloquencia a que comunicava extraordinaria intensidade. E porque, realmente, as suas convicções eram as de um espirito que, iluminado pela châma do coração, êle pôs ao serviço dos supremos interêsses da Patria e da Humanidade.

dade. De modo que a sua autoridade nunca foi diminuída pelo seu fino humorismo, estando presservada pelo senso da medida que lhe era inato e pela austeridade da sua aparência; provando a sua atividade de homem publico que êle o que procurou foi tornar a ignorancia menos espessa, a miseria menos sombria, a injustiça menos cruel e a justiça mais humana, tarefa em que colaboraram as suas virtudes de catolico com os seus deveres de cidadão.

GENIO REALIZADOR

Benemerita e elevada, com efeito, é a soma dos serviços que prestou, na capital do Brasil, como presidente da Camara Municipal e depois como Ministro da Justiça e do Imperio, no gabinete João Alfredo, de 10 de março. Proibiu as prisões sem nota de culpa, mandou destruir as **escuras** da Casa de Detenção, fundou escolas, asilos, hospitais, assistencia médica nos collegios, maternidade, albergues, postos médicos, um laboratorio do Estado e um Instituto de Higiene, uma associação protetora das crianças pobres, uma inspeção ás casas em que se recolhiam os loucos, garantindo-lhes os bens, protegendo o hospital dos lázaros, restituindo ao culto a igreja de São Joaquim, após 61 anos de interdição, elaborando projéto de repressão da vagabundagem, de reforma judiciaria, pugnando pelo advento da eleição diréta, pela renovação administrativa das provincias, além de melhoramentos outros, de alcance politico e social que agitou e discutiu nos postos em que, em traços brilhantes, representou o partido conservador de que foi baluarte. Traduzem essas realizações, esses discursos que proferiu, essas escolas e instituições bemfazejas que fundou a firme preocupação de trabalhar, com efficacia, pelo bem comum, com o vigôr do seu raro talento, e com a bondade militante do seu formoso coração.

CONTRA O PODER PESSOAL

Era isto que dizia Ferreira Viana, na sessão de 15 de julho de 83 — “A Nação não deve depender de um homem. Esta politica é atrasada, faz mal a quem exerce o poder e

mais mal ao país, que deve ser governado pela lei e não ser vítima dos caprichos de ninguém”. O carnaval de 1883 exhibiu, no Rio de Janeiro, um carro allegorico, que foi o successo do prestito, representando o Imperador a olhar o céu por um telescópio. Era o resultado da opposição de Ferreira Viana que, num discurso célebre, pintara a nação de binoculo em punho, já que a lei proibia discutir a pessoa imperial, e logo todos tinham enxergado naquelle discurso o monarca Pedro II que, possuindo gosto pela astronomia pedira um credito de 60 contos para mandar observar a passagem do planeta Venus pelo disco do Sol.

Ferreira Viana, opondo-se ao credito, sobretudo, na sessão de 22 de março de 1882, crivara “ o manto imperial de flechas de ouro”. E as suas palavras, esgrimindo, estão nos “Anais” pontilhadas de anotações entre parentesis (hilari-
dade), (riso), incomparaveis na figura do humorismo e da ironia.

O TRIBUNO, VISTO POR AFONSO CELSO

O maior orador da Camara, — era Ferreira Viana considerado em 1882, grande artista do gesto e da palavra, “a mais curiosa figura da época pela complexidade e riqueza intelectual”. Eis o retrato que nos legou Afonso Celso no livro “Oito anos no parlamento”. — “Completo ator da tribuna, possuia Ferreira Viana, em sua lira todas as cordas — a comica, a dramatica, a tragica. Figura socratica, enigmatica, expressiva mas desconcertante. Encetava o discurso lentamente, a voz cava, o ar humilde e monacal, olhos baixos, imovel, como a suplicar misericordia. Estabelecia-se immediato silencio: afinavam todos o ouvido para não desaproveitar uma silaba daquellas ponderosas revelações. A pouco e pouco, a dicção se avolumava, ganhava consistencia, o gesto ia se desprendendo e se inflamando. E era um gozo escutar Ferreira Viana. Ora prégador, ora tribuno, ora palestrador, brincava com a palavra e a cororia, e a torcia, e a maneirava como perito artista o seu docil instrumento. Aqui movimento

e fervor, adiante calma e majestade, além entonações burlescas, mais tarde indignação, zombaria, dôr, a ponto de se temer que lagrimas saltassem. Ajuntai vastos conhecimentos filosoficos e historicos, anedotas picantes, felizes achados de idéa e expressão, locuções lapidarias, muitas das quais ficaram populares. A dicção, sempre ritmica, não se acelerava nos episodios de mais força, guardando inalteravel correção. O que dava aos discursos de Ferreira Viana sabor particular eram os sub-entendidos, as reticencias, as alusões maliciosas e veladas, frequentemente ferinas, á pessoa do Imperador. A par de trechos cuja harmonia, simplicidade e aticismo atingiam a genuina eloquencia classica, estalavam invectivas e epigramas... A variedade dos tons, a propriedade da mímica e das atitudes, a profusão dos matizes autorizavam a afirmar-se que Ferreira Viana representava os seus discursos, em vez de os proferir, regalando os olhos dos circunstantes, além de lhes regalar a intelligencia e o ouvido. Tudo estudado e calculado, mas, — suprema vitória da arte! — aparentando a frescura e a espontaneidade da improvisação. Até os algarismos eram artisticamente apresentados. Quando se annunciava discurso de Ferreira Viana, acorriam á Camara espectadores infalíveis, entre os quais um compadre dêle, chamado Barradas, que permanecia boquiaberto, em extasis, na frente do orador! “Lá vem o Barradas, dizia-se, — o Viana vai falar”. Uma feita o deputado Ratisbona, o qual tambem se collocava de pé, na bancada, ao lado de Ferreira Viana, (muitos costumavam praticá-lo) afim de gozar os mimosos pormenores do espectáculo, tanto se entusiasmou, após uma tirada de efeito, que tomou, fóra de si, o copo dagua destinado ao orador e, em lugar dêste, ingeriu de um trago o liquido, no meio do espanto e da hilaridade gerais. Conservador, não cessava Ferreira Viana de desfechar tremendos golpes contra as instituições imperiaes. Em tais discursos encontram os republicanos abundante arsenal de armas para acometer o antigo regime. A arte refinada dêste eminente mestre da palavra muito encantou e divertiu seus contemporaneos. Mas parece que quem mais se encantou e divertiu com ela foi o proprio orador”. E parece, tambem, que o nobre conde de Afonso Celso, não

perdoou os ataques ao Imperador feitos por Ferreira Viana que, diariamente, nos ultimos anos da monarchia, dizem que, encerrado na cela do convento de Santo Antonio, fazia, de manhã cedo, esta pergunta ao seu creado: — “Ainda ha neste país quem queira ser ministro do Sr. D. Pedro II?”

LIDADOR DO DIREITO, ADVOGADO SAGACISSIMO

A sua popularidade, no Rio de Janeiro, que, em dado momento, foi sem rival, a ponto de se dizer que Ferreira Viana era o rei do Rio, como fôra o rei de Paris, o duque de Beaufort, nos tempos da Fronda, culminou quando o povo da Côrte ofereceu-lhe uma corôa de ouro por ter Ferreira Viana defendido, em 1864, quatro desembargadores, aposentados sem processo, e o presidente do Supremo Tribunal, que se recusara a aplicar os decretos inconstitucionais. “Advogado sagacissimo” chamou-o Carlos de Laet, vendo-o acudir, com o amparo das leis aonde quer que periclitasse a Justiça, talvez, no seu tempo, o advogado de maior clientela no fôro da capital do imperio. Rui Barbosa qualificou-o de “sumidade intelectual”. As razões juridicas e os pareceres que firmou, fornecem materia para os varios volumes em que se poderiam coligir os seus numerosos trabalhos de publicista, jornalista e orador, sendo que o retrata, como jurisconsulto, a sua célebre defesa do bispo do Grão Pará, chamado á barra dos tribunais na questão episcopo-maçonica. A essa questão religiosa, em 1873, êle ligou, de modo simpatico, o seu nome, como disse o General Gomes de Castro, em 1922, no livro “A Patria Brasileira”, quando dois veneraveis bispos foram encarcerados em fortalezas e mandados condenar com trabalhos forçados, sendo Ferreira Viana, do princípio ao fim, o ardoroso paladino da defesa dos melindres da dignidade sacerdotal. Foi considerado um primor de sentimento e eloquencia a exortação que êle dirigiu, nessa defesa, ao imperador, reivindicando para o bispo o dominio do terreno espiritual. Já a sua estrêa, na mocidade, galgando a tribuna judiciaria, fôra um acontecimento, sendo juiz municipal Gaspar Martins ao exercer

Ferreira Viana a promotoria publica por nomeação do conselheiro Nabuco de Araujo. Citam-se a acusação que produziu do Conego Durão, por crime de estelionato, e a que moveu a João Capistrano da Cunha, e, como advogado, ainda, as defesas de Alexandre Pereira, estudante que matara um colega na defesa da honra de sua irmã, do célebre atentado praticado pelo bacharel Raimundo Alves de Souza e de Jaime Pinto, acusado de estelionatario, a pedido de uma filhinha dêste que lhe apparecera em casa chorando e suplicando, ajoelhada a seus pés, restituisse seu pai, o que elle, com desinteresse e fulgor conseguiu, chegando tambem a ganhar uma corôa de ouro, cravejada de pedras preciosas, que lhe ofertaram, em 1867, os advogados do Rio, tendo á frente o grande Teixeira de Freitas.

RETÔRNO Á TERRA NATAL

Em nossas investigações, apuramos a certeza da data, 1874, em que, sendo deputado, Ferreira Viana, em companhia de seus filhos Artur e Alberto, já falecidos, visitou o Rio Grande, presidindo em Porto Alegre, a inauguração do Tribunal da Relação, quando presidente da provincia Carvalho de Moraes. Em Pelotas, hospedou-se em casa de seu amigo comendador Possidonio Mancio da Cunha, que era casado com uma sua prima, D.^a Maria Bernardina Dias da Cunha. Aí, na actual rua Felix da Cunha, esquina 7 de Abril, residira D.^a Florencia Valadares Dias, avó paterna do Dr. Possidonio da Cunha, illustre pelotense, filho do mencionado comendador, e que trabalhou como auxiliar, no escritorio juridico de Ferreira Viana, no Rio de Janeiro. De certo, Pelotas, que já em 1865 contava 10 mil habitantes, igualando a capital da provincia, ter-lhe-ia sorrido a desenhar-se no fundo do tempo... com a poesia da distancia, ter-lhe-ia apparecido aos olhos do coração, aos olhos de filho, atravessando os anos idos e vividos como a “bela e próspera cidade” de que falava, encantado, nas suas memórias, o nobre Conde d’Eu chamando-a de “localidade privilegiada”, com “população opulenta” e, des-

crevendo minuciosamente, o seu desenvolvimento rapido, como “um fato notavel, que não encontrava analogo na provincia e que pressagiava a esta cidade consideravel futuro”. Tais impressões foram recopiadas pela mão abençoada da Princesa Izabel, “cuidadosamente, no paço de São Cristovam”, segundo a expressão do seu autor, o nobre Conde d’Eu que as destinou á sua familia na Europa, e, portanto, as fixou, com sinceridade, que lhes imprime maior valor. Encontramos essas impressões preciosas, compulsando o tomo 85 da Revista do Instituto Histórico Brasileiro, num diario da viagem militar feita, em 1865, ao Rio Grande, por esse principe consorte que, na guerra do Paraguai soube dar provas de amar o Brasil e dedicar-se dalma, como os brasileiros, ao seu serviço, administrando, com justiça e valor, o exercito nacional. Chegara o ministerio (no-lo refere o Conde d’Eu) a determinar que, enquanto durasse a guerra contra a tirania de Solano Lopes, o presidente da provincia se conservasse em Pelotas; porém, o ministerio caíu, e, (pergunta Gastão d’Orleans) qual é o ministerio que tem a abnegação de realizar as idéas do seu predecessor? Essa foi a próspera Pelotas que, povoada de sombras amigas despertando ao seu enternecido orgulho, um mundo de recordações inapagaveis, dos primeiros germens da sua meninice, revia Ferreira Viana, numa vibração de amor deixando, por sua vez, caír sobre ela, já um reflexo do seu renome conquistado a golpes de talento e de honrado e fulgido labor social. Dizem que, em Jaguarão, ofereceu-lhe uma “caçada” o Dr. Henrique d’Avila, e que o seu embarque, em Pelotas, de volta á sua atividade na capital do país, constituiu um acontecimento, com colossal bagagem de presentes, — xarque, carne de vento, passaros de variadas especies, inclusive um quero-quero, vigilante, de rebates claros e estridulos, assim como ponchos de pãlas, cuias e bombas de mate, coleções bellissimas de pedras riograndenses até, mesmo, dois petiços . . . Eis porque êle havia de dizer na Camara: — “Lá na minha terra, no Rio Grande, entre os guascas . . . eu posso dizer esta frase, porque sou filho do lugar . . .”

PREDESTINAÇÃO DE FERREIRA VIANA

Era um predestinado! A estrela feliz, sob a qual luzia a carreira deste pelotense, em perene ascensão, conduzia-o a desempenhar, no tablado da história, o saliente papel com que, em breve, chamou sobre si as vistas do país inteiro e do mundo! Ele caminhava, devassando agora os horizontes, sem raias, do Rio Grande, para o Brasil da liberdade dos escravos. E sentiria a atração de um desses movimentos que, na frase de Leibnitz, são como a voz de Deus que nos chama... Impunha-se a solução da questão social como a primeira necessidade do país — a redenção dos escravos — a questão mais grave da monarquia. Desde 1817, desde 1826, desde 1831, desde 1850, desde 1867, — como disse Rui Barbosa, a idéa emancipadora cavara o seu leito profundamente nas camadas populares. Um pelotense de coração, na primeira loja maçônica que no Brasil promovera a campanha bemdita, a loja “America”, de São Paulo, fundada por valentes democratas e filantropos, — um moço pelotense de coração Fernando Osorio, firmara, em livro especial, o compromisso, a que **não faltou, de nunca possuir escravos!** A presença, em Pelotas de Saldanha Marinho, fôra assinalada, naquele mesmo ano de 1874, com a alforria, pelos maçons, de duas meninas de cor parda. E a vanguarda avançada do liberalismo brasileiro se inflamara com a noticia da inauguração da republica no centro do Ocidente, tendo baqueado o segundo imperio napoleonico, e essa vanguarda, unindo-se a alguns moços das academias, fundara o partido republicano. E um catolico proeminente, o deputado Jeronimo Sodré foi o primeiro que na Camara elevou a voz para pedir a abolição imediata. Cada vez mais alheia era a escravidão ao espirito nacional. A montanha começara a baquear, de uma vez... E coube á Pelotas a primazia na provincia da propaganda que apressou e concluiu com o elemento servil, pelo surto do “Clube Abolicionista”, aqui fundado a 23 de agosto de 1881, até que em 16 de outubro de 1884, todo o apostolado culminou no ato da libertação do Municipio.

FERREIRA VIANA, ABOLICIONISTA RADICAL

Manifestações anteriores á data da abolição em 13 de maio de 88, foram dadas por Ferreira Viana, sendo já ministro, no banquete do Clube Beethoven em que se mostrou francamente abolicionista radical com a satisfação de fazer parte do governo que ia realizar uma aspiração muito de sua alma e para a qual iam valer poderosamente as suas luzes, a sua coragem e o seu prestígio. Um socio desse clube, o jurista e literato Souza Bandeira, forneceu, lealmente, em suas "Paginas Literarias", aparecidas em 1917, autorizada noticia (Fernando Osorio, Livros e Flores, Pelotas, 1925) do que se passou no referido banquete, em que Ferreira Viana, brindado por Ciro de Azevedo, respondeu dizendo regosijar-se em fazer parte do gabinete que ia concorrer para a grande obra social e concluiu tendo o jubilo de anunciar aos seus amigos que o ministerio ia preparar ás Camaras — a abolição immediata e sem indenização, — noticia que provocou as lagrimas de José do Patrocínio, ali presente, que tentara falar em nome da raça oprimida exclamando, **eu não peço a palavra, eu tomo a palavra!** com o direito que esse passado ignominioso lhe dava... e apenas poudo estreitar nos braços de bronze o glorioso ministro, num amplexo que foi um simbolo, bem grato a esta Cidade, ligando a epopéa da redenção ao inicio da era nova, em que entrava o Brasil. Inspirado nessa passagem comovedora, que referimos, em aula, na Faculdade de Direito de Pelotas, o academico Gratus Costa compôs formosos versos, que nos foram dedicados, a 15 de abril proximo passado, com a prova de que a mocidade, com o seu carinho e a sua vibração, é digna de celebrar a liberdade e o direito, em palavras de amor á fraternidade dos brasileiros:

Aonde estremecessem as bases do Direito
se erguia logo a voz de Ferreira Viana,
em seu verbo ideal, majestoso, escoreito,
exigindo da Lei a missão soberana!

Destarte se firmou o seu imenso conceito
e foi êle quem houve a gloria sobrehumana
de lavrar, num decreto, o extraordinario feito
dando ponto final á escravidão humana.

José do Patrocinio exultou nesse dia . . .

Via o seu sonho melhor feito verdade! Via
os seus irmãos de côr, enfim! como creaturas . . .

E, quando quiz saudar o Campeão do Direito
a voz se lhe esquivou de elevar-se do peito,
e em seus olhos brilharam as lagrimas mais puras...

REDATOR DA LEI AUREA E DO TEÔR DA FALA DO TRONO

Que incomparavel gloria! a de conceber e formular a maior das leis do Brasil, tal como foi expedida, lei da inspiração de um filho desta Cidade! Que a **redação** da lei de 13 de maio, **coube ao conselheiro Ferreira Viana**, então ministro da Justiça, — di-lo á pagina 294 da obra sobre Benjamin Constant, o eminente Teixeira Mendes, apostolo do positivismo brasileiro. O proprio Ferreira Viana declarou ter sido sua a iniciativa da redação breve e incisiva que prevaleceu no projéto (conforme se lê á pagina 237 do livro “A Abolição”, de Osorio Duque-Estrada, Rio, 1918) acrescentando que a formula por êle escolhida era a mais verdadeira e simples porque não extinguiu, de fato, a escravidão, mas apenas a declarava extinta, limitava-se assim a reconhecer tão sómente a existencia de um fato, consumado. (Fernando Osorio, *Diario Popular*, Pelotas, 22 de julho de 1924, Novo balanço dessa epopéa). É, pois, o eloquente depoimento do grande Pelotense assim contraposto á versão que dá o Sr. Tobias Monteiro (“Paginas e Depoimento”) atribuindo a idéa vencedora a Vieira da Silva. A verdade é que Ferreira Viana foi, apenas

“no seu vitorioso pensar” muito apoiado por Vieira da Silva e Costa Pereira, respetivamente ministros da marinha e do imperio, — como afirma o Dr. Evaristo de Moraes no seu livro “A Campanha Abolicionista”, 1924; e que Ferreira Viana tambem redigiu o teôr da fala do trono que evidenciou a harmonia do ministerio com a Princesa Izabel.

A FILOSOFIA HISTÓRICA DA LEI DE 13 DE MAIO

Eis o mérito da politica regencial, o de fazer chegar pacificamente e, mais cedo, ao fim, pelo espirito de governo de homens como Ferreira Viana que abriram os olhos ás origens morais de um fato consumado. Foi esse fato que a lei de 13 de maio limitou-se a consignar, como um méro ato declaratorio: — “É declarada extinta a escravidão no Brasil”. Lá está a seguinte frase no livro de Rui Barbosa, apparecido em 1921: — “Que o diga o Sr. Ferreira Viana”. É que este Pelotense, debaixo do ponto de vista abolicionista, patrioticamente, considerara que a verdadeira redentora era a nação, a alentadora da propaganda, cavando o seu leito profundamente nas camadas populares. O vate pelotense Lobo da Costa desferiu, então, o canto — “Gloria á liberdade”.

Cabe a glória a ti, ó povo,
E a ti, imprensa elevada,
Que, pela patria inspirada,
O escravo salvaste a rir.

E não atingiu, não emancipou esse movimento da alforria do negro sómente os escravos, porque tambem, disse-o Rui Barbosa, infundiu á nação a consciencia de uma vontade, foi um abalo que veio dar uma tempera ao carater nacional. Eis a filosofia histórica da lei de 13 de maio, a maior lei do Brasil.

Provaram os brasileiros como souberam encaminhar para um desfêcho ordeiro uma transformação social, assim como na idade-média a maior das revoluções sociais, a abolição gradual da escravidão realizou-se sem uma unica insurreição. Que, no espetaculo de crise, desconcertante, que o mundo apresenta, a bôa politica científica, para a grande obra da felicidade dos povos, se exalce ás alturas das indicações engendradas no estudo da Sociologia, numa obra de pedagogia social, plasmando as inteligencias, para que, na solução do problema humano, as democracias condicionadas pela Justiça, largo de fraternidade!

CRUZEIRO DO SUL, MARCANDO O DIA...

Estava “desafrontada, agora, da sinistra mancha negra que lhe toldava o belo esplendor a formosa constelação do Cruzeiro, que no dizer do eminente estadista General Mitre marca as horas da noite no céu da America do Sul... brilhando no céu moral dessa livre America, resplandente de limpida e fulgurante luz, como o santelmo da bonança... e marcando não mais as horas da noite, mas serena e eternamente, as horas do grande dia de paz e prosperidade que nessa data surgiu radiante para os povos do continente”. São palavras do fundador da Republica, de Benjamin Constant, proferidas na Escola Militar em junho de 88, recebendo a visita do ministro Argentino. Proclamada a Republica, para, que, na expressão de Benjamin Constant, o Exercito, em seguida devesse legitimar, aos olhos da nação, a sua interferencia, “recolhendo-se aos quartéis e entregando o governo ao poder civil”, — conta-se que, numa das vezes, em que o Marechal Floriano, adail vigilante, saíu á noite em 93, em plena revolta da armada, foi bater á porta de Ferreira Viana que tinha como empregado um português. Este, presentindo a presença do visitante notívago assomou á porta com uma vela na mão. — Abra, quero falar ao Conselheiro, êle está acordado? Diga que é o Marechal Floriano. O por-

tuguês, mais que depressa, de certo lembrando-se dos bolos aplicados naquela época aos seus patricios pelo diretor Vespasiano, foi chamar o Conselheiro... a quem o grande Marechal de Ferro solicitou juridicos auxilios que Ferreira Viana disse, como brasileiro, estar pronto a ministrar, ficando de, no dia seguinte remeter-lhe a minuta para um decreto de alcance na diplomacia, após a célebre contestação de Floriano aos estrangeiros que tentaram pisotear os brios nacionais: "Á Bala"!

FERREIRA VIANA, O FILOSOFO CRISTÃO

Com a pureza dos seus costumes, com a sua alta integridade, Ferreira Viana, viuvo, foi procurar no retiro de um Mosteiro, dar á fôrma divina, como disse um pensador, o tempo que as creações de Deus requerem para refletir-se em nós, para deixarmos comprehendê-las e admirá-las. Ele que conhecia poemas, quadros e estatuas e o que de mais elevado produziu o genero humano, admirando as maravilhas da arte cristã, permanecia semanas e semanas, no convivio suave dos livros, no Convento de Santo Antonio, onde tinha uma céla que lhe fôra cedida pelo seu amigo frei João do Amor Divino. E foi á semelhança de São Francisco de Assis, que escolhera por patrono tal como fizera o padroeiro de Pelotas, foi inspirado nesse mendigo sublime, nesse martir voluntario que dignificou o proletariado com o seu exemplo e a sua prédica, — foi assim que Ferreira Viana amou tambem a beleza com o enlévo de poeta e a mesma sensibilidade da alma radiosa do Poverello de Assis que amou tudo o que foi creado, desde os passaros, seus amigos, ao sol, que êle cantou, como a fonte da vida. E habito franciscano, esse burel humilde com que foi enterrado Ferreira Viana, não destoou da sua mansuetude e da sua simplicidade, empunhando um crucifixo, tal como o pintor Tomaz Driendl representou-o em notavel retrato a esse filosofo cristão, de militante bondade, lidador do direito e da fraternidade dos brasileiros. (Faleceu ás 10¹/₄ da noite de 10 de novembro de 1904, na cidade do Rio de Janeiro, atual rua Almirante Alexandrino,

no morro de Santa Tereza, rua do Aqueduto n.º 90 na casa de sua única filha D.^a Maria Antonia Ferreira Viana Pires Brandão, já falecida).

EFICACIA DA JUSTIÇA

Ferreira Viana! arquiteto da expressão verbal, patricio de Péricles, — **maestro di color chi sanno**, — o teu pensamento, com que aprofundaste a idéa da Justiça como Heraclyto a ligava á força que move o universo definindo-a uma necessidade fisica que coloca as cousas nos seus lugares proprios e as faz girar no seu curso normal, ou como, na linguagem matematica, Pitagoras chamava o Direito o igual multiplo de si mesmo, — o teu pensamento grego foi universalizado, realmente, pelo infinito poder de irradiação do Cristianismo, do ponto de vista da tua intelligencia e do teu coração. E só, então, tu, te divinizaste... E, por isso, diria Spartaco, de ti, como da inquebrantavel energia moral de homens como Papiniano, condenado á morte por não querer escrever a defesa que lhe pedia Caracalla, responsavel pela morte de seu irmão: — **Juris asylum et doctrinæ thesaurus**. Ferreira Viana! a chãma do teu coração é a que ilumina o quilate dos homens de bem, é o predicado que se revêla em praticar e respeitar a Justiça como o “complexo harmonico de todas as virtudes”. Porque somente pela eficacia da Justiça e do Direito, dos postulados da Moral e dos anhelos sociais, — pela **segurança** das relações juridicas e pela proteção das atividades legitimas, é que se pôdem expandir a alma individual e a coletiva, induzindo a nossa vida moral de homens ao bem de todos, sem nos deixarmos prender, apenas, á utilidade do momento, sobretudo dêste instante de confusão que reina no mundo, porque a intelligencia do jurista deve ser iluminada pela ciencia e pelo idealismo juridico desde que sem essa energia geradora do verdadeiro progresso não passará o Direito de ser coação e brutalidade e com esse idealismo, sob as idéas superiores, fundamentais, da ciencia juridica moderna, êle tomará o carater de uma

necessidade da vida social que refletindo-se na consciencia, nos estimula a vontade, prendendo os povos, na imagem de Carrara, come il sole sovrano de la terra.

A BÊNÇÃO DE PELOTAS

Abençoado seja o sangue, Ferreira Viana, que te animou o corpo, porque nêle circulou, antes de arder no teu cerebro, o patriotismo fremente dos teus antepassados e porque veiu nutrir o teu engenho de Redentor de uma raça!

Abençoado seja o teu estudo, porque as tuas vigílias frutificaram em bens para a comunhão.

Abençoado seja o teu coração feliz, — porque pulsou por outros corações e conseguiu, no desfecho ordeiro de 13 de maio, o que só poderiam conseguir a sanguieira e o morticínio.

Abençoada seja a tua mão, que teve a fortuna de redigir e assinar a maior das leis do Brasil!

Abençoado seja o teu exemplo, que robustece a verdadeira fé nos destinos nacionais!

E abençoado seja o teu nome, — Ferreira Viana, — pelo bem que fizeste á tua terra e á tua gente, por tudo quanto és no coração da Patria e nos hinos da história, perdurando, através dos tempos, no caminho e na gratidão da posteridade, como a expressão do equilibrio do genio riograndense, com um cibo e um fanal!

A SUA ESTATUA VIVA

Pelotas! ninho em que se emplumaram as seguranças dos vôos da meninice de Ferreira Viana! Terra do albor da sua adolescencia! Tu podes medir por esses primeiros vôos a envergadura daquelas asas, feitas para escalar as diretrizes de um grande destino, que, nêste dia de culto, para o nosso enternecido orgulho, luminosamente, se reflete e confunde nos teus proprios destinos de grandeza e de bondade! Povo da minha terra! tu não vais, assistindo á inauguração do bronze de Ferreira Viana, sancionar com a tua presença e

as tuas palmas, uma mentira com que muitas vezes se decreta um grande homem e se decreta uma estatua morta... Não! porque a verdadeira estatua de Ferreira Viana, a sua estatua virtual, aquela que o buril da perfeição da sua vida modelou, estando feita já das proprias linhas ideais da sua terra natal, que se harmonizam num blóco inteiriço, com a synthese dos sentimentos coletivos, — é essa estatua que vai renascer, apenas, da representação material da arte, e que a alma divinatoria das crianças, aqui, onde appareceram as primeiras hastes da alma de Ferreira Viana, vai contemplar, na sua complexidade, no predomínio, que a caracteriza, do ponto de vista social, — como uma fonte inspiradora do seu entusiasmo admirativo, desatando o coração e ressoando, da altura da posteridade, este cantico, de mil vozes infantís, afinadas pela mesma nota do coração da Mocidade, como um hino matinal, numa alvorada de Sol, para o Brasil de amanhã, o Brasil da liberdade e do Direito, como vexillario invencível empunhando o estandarte da Justiça e da Concordia:

A cidade, que hoje se ufana
De te dar ao Brasil como filho,
Sente a luz que se espalha, no brilho
Do teu nome, Ferreira Viana.

E, tão alto, ficou este exemplo
Da grandeza do teu coração,
Que o teu vulto guardamos no templo
Levantado á Justiça e á Razão!

O trabalho, a honra e o civismo na vida de Mauá

Fernando Callage

O "Centro Gaúcho" cumprindo com um dispositivo dos seus estatutos que é o de realizar palestras literarias e historicas em torno de homens e factos ligados á terra natal, vem hoje, por meu intermedio, dedicar um momento de attenção á vida e á obra de um dos seus mais illustres filhos — Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá. (1)

Estou certo de que nada de novo direi em torno daquelle que foi, sem duvida, um grande brasileiro. Entretanto, como nem todos estão no pleno conhecimento dos serviços por elle prestados á patria, nunca é demais, entendo, repisal-os. Apesar de Alberto de Faria, num estudo monumental, ter esclarecido bem a todo brasileiro da grandeza do seu character e da sua dynamica capacidade de trabalho, ainda ha, infelizmente, por ahi a fóra, quem desconheça o seu valor moral e os enormes serviços que emprehendeu pelo desenvolvimento material do Brasil no segundo imperio.

A vida de Mauá — padrão de honradez, de patriotismo e de amor pelo Brasil — nos dias que correm, ainda soffre, da estupidez humana, diatribes de causar dó. Os que nada sabem do quanto fez pela grandeza de nossa terra, acham sempre motivos para menosprezar a sua memoria excelsa.

(1) O presente trabalho, dado hoje á estampa, foi lido pelo autor na noite de 23 de Março de 1929, no "Centro Gaúcho" de São Paulo.

E sabem como? Falando da quebra do “Banco Mauá”! Sim, este é o motivo principal. Mas ignoram os que assim falam, que nunca houve no Brasil um homem que, em transe tão amargurado, desse de si tão alta prova de honradez e de elegancia moral.

Num estudo critico ha pouco publicado pelo sr. Lima Campos fazendo commentarios a esse respeito, disse: “um dos aspectos mais admiraveis da individualidade de Mauá foi a sua honradez extrema. Arruinado o seu banco, obrigado a uma liquidação forçada, os credores receberam, finalmente, 90 % dos seus respectivos haveres. Pouquissimas fallencias no Brasil, apresentam tão elevada porcentagem. Elle entregou, em pagamento, tudo que possuia, até mesmo objectos de uso domestico. Fallido, deve lhe ter sido um consolo a alta consideração em que ainda o tinham os mais eminentes homens do paiz. O Visconde do Rio Branco, depois do desastre financeiro, a elle assim se referia:

“— São uns sete mil contos approximadamente. Diz o Mauá que o Thesouro receberá integralmente e a palavra delle deve ser acreditada, mesmo depois de fallido. Em todo o caso, se o prejuizo fôr total, não representará a decima parte do que a Nação lhe deve.”

O nobre Marquez de São Vicente, dizia da tribuna do Senado: — “Sou amigo do Sr. Visconde de Mauá, brasileiro muito illustrado, muito honrado e a quem o paiz deve não pequeno serviço. Um infortunio não prejudica as qualidades, nem o seu character. Serei suspeito? Ainda assim direi o que sinceramente penso.”

Bastaria, apenas, estas considerações tiradas do trabalho do jornalista citado, para que cessasse, de vez, depois de tantos annos de sua morte, (Mauá falleceu em 1889), qualquer duvida sobre a limpidez de seu character.

Mas, infelizmente, assim não acontece.

De vez em quando a malêdicencia, tece, em torno do seu nome glorioso, commentarios que aborrecem e ennojam...

O que mais irrita, em taes commentarios, é a intolerancia partida de certos individuos que, um homem fallido, jamais

poderá reabilitar-se e ser honrado. Mas, então, um homem como Mauá que ha 50 annos deixou sua casa, em Petropolis, completamente pobre, “entregando ao martello do leiloeiro as joias da esposa, as pratas de sua filha solteira, o oratorio da familia, e, até, os seus instrumentos de trabalho, os oculos de ouro, a mesa de escrever e suas botas de montar, cuja separação provocou, no velho gaúcho, um gemido ironico que iria deixar gravada esta phrase em meio das difficuldades regimentaes de um projecto de lei, grito de espartano desafiando a fortuna, desafiando os deuses, desafiando a fragilidade da misera argila humana, — “façam o que quizerem, não me impedirão de ficar sem um vintem para mandar ao mercado”, pois, este homem, que assim procedeu não foi honrado? Não merece a consideração, o respeito e a glorificação dos posteros? De certo que sim, Mauá é uma individualidade que não se discute mais, porque, nenhum homem, soube ser mais digno no infortunio, do que elle.

O seu nome está ligado a todos os empreendimentos que fazem a grandeza do nosso paiz. Foi um batalhador incansavel. Nenhum braço brasileiro fez tanto pelo progresso de nossa terra como esse filho do Rio Grande. Virgilio de Sá Pereira, acertou em dizer, que Mauá, foi “o poeta das grandes realizações”. De uma actividade multiforme como jamais appareceu outra no Brasil, destacou-se, desde logo, pelo seu engenho de notavel propulsor das adormecidas energias nationaes. Vivendo num scenario de espiritos rhetoricos, embuidos de abstrações, de falsas ideologias, começando pelo velho imperador que cuidava mais de conhecer os segredos dos sanscriptos, do que as realidades brasileiras, Mauá foi uma excepção do seu tempo. Adeantou a sua época. Teve que lutar contra a rotina e o meio politico academico, lyrico, sempre hostile ás obras praticas, como acertadamente escreveu um dos seus criticos.

Razão teve Vicente Licinio Cardoso quando, no seu magistral estudo sobre D. Pedro II, conceituou: “O caso é que se a mentalidade de Pedro II tivesse o vigor constructivo da cerebração de Mauá teriamos constituido, na historia dos povos,

um caso de evolução interessantissimo.” João Ribeiro ainda sobre esse mesmo ponto de vista, affirma: “A vida do Barão de Mauá é bem o exemplo do que póde fazer o homem de vontade, de energia e de justa ambição. Lastima é que decorresse ella num periodo de pequenas e quasi mesquinhas possibilidades, como foi o do segundo imperio, em que se faziam orações demosthenicas em vez das grandes realizações praticas, de que havia mistér o paiz.

Mauá foi um dos raros homens que perceberam, além da liberdade e da fascinação dos partidos, a necessidade de resolver os nossos problemas, desdenhosamente acimados de mercantis, pelo espiritualismo da nossa gente politica.

Hoje, estaria Mauá preocupado com o petroleo, com a siderurgia, a electrificação dos transportes, a navegação aerea, corrigindo os nossos atrasos de papel e a nossa preguiça optimista e funesta.”

*
* *

A vida de Mauá é um ensinamento perenne. Vale a pena a gente folhear as paginas do seu romance vivido. Romance que começou aos nove annos quando deixára a casa paterna e que só teve termo quando, em 1889, deixou de existir. ⁽¹⁾ Todo o seu romance de trabalho, de soffrimento, de luta pela vida, é uma lição sem par aos nossos homens publicos. Se a sua vida não teve os encantos poeticos de um romance sentimental, teve os encantos masculinos de uma vida que só pensou no futuro economico de sua patria.

Não pretendo traçar a sua biographia. Apenas quero, resumidamente, como exige o espaço de uma palestra, acompanhar alguns factos que mais caracterizam a sua personalidade inconfundivel. Mauá, como rezam as chronicas que o estudaram, começou a lutar pela vida aos doze annos de idade, como caixeiro de uma casa commercial, logo depois, fazendo parte

⁽¹⁾ Irineu Evangelista de Souza nasceu em 28 de Dezembro de 1813, em Arroio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul.

do estabelecimento do subdito inglez Ricardo Carruthers, no Rio de Janeiro, onde iniciou sua formação mental.

Como empregado dessa casa commercial foi, aos poucos, adquirindo um vasto conhecimento cultural e, aos vinte e nove annos, já era alguma cousa nos destinos politicos e sociaes de nossa terra. De um simples gerente de casa commercial o seu prestigio começou a ascender, a tomar vulto. Tal foi o prestigio conquistado por Mauá, nessa época, de 1842 a 1845 que, segundo Alberto de Faria, seu notavel historiador, “não é ousadia affirmar, dispensando melhores documentos, que o moço a quem tal força se attribue junto dos maiores homens do segundo reinado, tivesse influido, poderosamente, na terminação, por todos desejada, da luta que ensanguentou a provincia de seu nascimento, amigo, como era, dos legalistas e querido dos revoltosos.

De facto — ainda diz Alberto de Faria — na chacara de Santa Thereza se fez muito pela cessação, no Rio Grande do Sul, dessa luta em que as idéas de separação e as de Republica constituíam ameaça séria para a integridade do Brasil.

O que mais avulta, de relêvo, na vida de Irineu Evangelista de Souza, foi a sua formidavel capacidade de trabalho. Não ha, na historia dos nossos super-homens, uma outra figura igual, foi unica e tanto maior é o seu merito por ter sido um homem que, vindo do nada, sem amparo de qualquer natureza, consegue pelo seu amor ao estudo e ao trabalho, uma reputação invejavel no scenario da politica economica brasileira.

Lutando com embaraços de toda a ordem, com a inveja de uns e a má vontade de outros e, principalmente, do governo imperial — consegue, apesar de tudo, vencer todos os obstaculos.

Era fatalmente um predestinado. No meio de uma inercia geral em que só os politicos dominavam e venciam pela palavra sonora, alheizados por completo de iniciativas praticas, como muito bem affirmou Licinio Cardoso “Um homem apenas olhou o avesso do quadro e reagiu: Mauá. Estava só, desamparadamente só. Na Inglaterra viu o que era em 1840 a industria do ferro: a “base imprescindivel de qualquer em-

prehendimento industrial de um povo. Com difficuldades graves organizou o que premeditára: fundiu, forjou, armou, construiu: enxadas, engenhos, tubos, caldeiras e navios. Sem o amparo merecido, victima da concorrência desabalada de productos estrangeiros, fraqueou por não ter do governo o apoio que lhe devera ser concedido. Ainda assim apparelhou fazendas de machinismos, construiu uma frota mercante que fez a grandeza da Amazonia e salvou os brios nacionaes com os vasos de guerra que levaram depois a victoria de nossas armas junto ás barrancas do Paraguay."

Sua rapida ascensão de empregado do commercio a industrial e, posteriormente, a banqueiro, é uma pagina curiosa e commovente. Lembra a vida dos grandes homens dos Estados Unidos da America e que fizeram a grandeza economica do seu paiz. Não ha exaggero em se affirmar que a vida de Mauá é mais bella. Mais bella e mais gloriosa. Por varios motivos. Não encontrou elle, no Brasil, para se tornar poderoso de um momento para outro, as riquezas do sub-solo, como o petroleo, o ferro, o carvão, mas, sim, apenas, trabalhando, lutando, emprehendendo e descobrindo fontes de riquezas que jaziam ignoradas em todos os pontos do paiz.

Nos Estados Unidos tudo foi facil, porque os homens de iniciativas, não tiveram que lutar com os horrores do clima e com as adversidades do solo. Tudo lhes foi favoravel, até mesmo para o encontro daquillo que lhes dá em face do mundo, uma "superioridade racial", como accentuou Plinio Salgado. Mas, no Brasil, não; tudo foi difficil. Não tinhamos nada. Eramos atrasados em tudo. Além do mais, pesava sobre os nossos hombros, uma falsa educação provinda de uma Universidade sem termos, em primeira mão, uma aula publica!... A proposito disso, dizia pittorescamente, Sylvio Romero, que a nossa civilização começou pela cimalha, por isso mesmo é uma civilização de fachada...

Ora, eu imagino que de esforços gigantescos não foi preciso lançar Mauá para construir a sua grande obra! Que de barreiras immensas não foi preciso vencer! Que de esforços inauditos não foi preciso superar para que os seus planos economicos e de trabalhos triumphassem!

Mas, uma vontade bem dirigida, tem que triumphar sempre. Mauá tinha que triumphar fatalmente. E o seu triumpho foi uma marcha accelerada, desde quando, em 1852, lançou a primeira estrada de ferro do Brasil. Sim, foi o grande filho do Rio Grande do Sul, que teve, para a nossa gloria, a ventura suprema de crear, para a nossa economia, esse meio rapido de locomoção. Essa primeira estrada de ferro partia do Rio a Petropolis. Mais tarde, em 1856, sob os seus auspicios, fundase a São Paulo Railway Company que, em 1867, faz trafejar a sua linha de bitola larga de Santos a Jundiahy, com 139 kilometros de extensão.

Mas a conta dos serviços por elle prestados á Patria é formidavel. O adjectivo não é grandiloquente. Marca bem, na estreiteza dessas considerações, o quanto fez pela nossa terra.

Quando, a 21 de Março do anno passado, por iniciativa da Camara Municipal de Petropolis, foi, na linda cidade serrana, inaugurada uma placa de bronze com seu nome na ponte de cimento armado "Visconde de Mauá", Alberto de Faria falando, na presença do Presidente da Republica, resumiu, da seguinte maneira, os seus feitos que, gostosamente, transcrevo:

"Não se escreverá a historia dos nossos melhoramentos materiaes, da urbanidade de nossas cidades, com o gaz, a agua, os bondes, a abertura e alargamento de nossas ruas e avenidas, na capital; nem a navegação de nossas costas e de nossos rios, para que seus estaleiros contribuíram com 72 navios, em 11 annos; nem a penetração do Amazonas até as Republicas andinas; nem o telegrapho; nem nas estradas de ferro, pois que são de collaboração sua as cinco primeiras e sua, exclusivamente, a mais rica dentre ellas, a São Paulo Railway Company; nem a historia de nossas industrias manufactureiras a metalurgia na Ponta da Areia, os tecidos nas antigas fabricas do municipio neutro e da Provincia do Rio, os costumes aperfeiçoados, as fabricas de sabão e velas, todas quantas as emprezas, no largo periodo de sua ascensão, existiram ou começaram a existir.

Não se escreverá sem elle a historia da nossa legislação, coautor, com Nabuco, Eusebio, Penedo e Caetano Alberto, da mais perfeita das nossas leis, o regulamento 737, inspirador ou promotor legislativo de outras como as sociedades anonymas de 1882.

Não se escreverá a nossa historia parlamentar, adversario que foi, de Zacarias, de Paraná, de Nabuco de Araujo, de Silveira Martins, dos mais fortes. Não se escreverá o cathecismo da honra politica sem o episodio grandiloquo da renuncia de sua cadeira, que a Camara dos Deputados, em suprema reverencia, prohibiu que fosse preenchida, apesar de abandonada.

Não se escreverá a historia de nossas conquistas liberaes sem o seu papel na perseguição ao trafico dos africanos, ao lado de Eusebio; na libertação dos nascituros ao lado de Rio Branco, na emancipação por alforria e da libertação final dos escravos, em 13 de Maio; sem abertura do Amazonas ás marinhas estrangeiras.

Não se escreverá a historia de nossa colonização que elle iniciou com dois nucleos de portuguezes de Itaquatiára e Mauá, no Amazonas, em 1855 e os dois ensaios hindús de Sapopemba e em Atalaya no municipio de Macahé, em 1870; nem a historia do progresso de nossa agricultura, sem os instrumentos agrarios que fabricou e sem os arados a vapor que importou.

Não se escreverá a nossa historia economica e financeira, fornecedor de cambiaes, como foi do governo quando o Banco official cessava a fraqueza de seus recursos suppridor de dinheiro ao Thesouro Nacional quando occorreu urgente liquidar compromissos em que, se mostrava exigente, a casa Rotschild.

Não se escreverá sem elle a nossa historia bancaria, creador do Banco do Brasil, em 1851, e creador maior, em 1854, do Banco Mauá Mac-Gregor & Cia., o Banco Industrial, o banco em que estão modeladas essas duas usinas de credito que acceleram a riqueza de São Paulo, o Banco Commercio e Industria e o Banco Commercial.

Não se escreverá a historia da nossa defesa militar sem os seus navios, aos quaes devemos parte efficiente nos primeiros

conflictos no estuario do Prata e depois, em aguas do Paraguay.

Não se escreverá a nossa historia diplomatica sem o agente confidencial de Uruguay e de Itaborahy na intervenção de 1851, o auxiliar preferido e conselheiro acatado de São Vicente, de Francisco Octaviano, de Cotegipe e de Rio Branco entre os seus contemporaneos."

Taes são, nestas expressivas palavras do notavel historiador e sociologo brasileiro, Alberto de Faria, os serviços que Mauá — a mais legitima gloria nacional — prestou ao nosso paiz.

Em torno de todos os factos enumerados pelo rehabilitador da memoria de Mauá, são desnecessarios quaesquer comentarios. Elles se encontram, a cada passo, ante os nossos olhos. Attestam, sobremaneira, quem os contempla, que Mauá tinha ante os seus olhos perscrutadores das distancias, a visão perfeita dos nossos destinos em face do mundo. Foi, pois, um vidente. Um propheta.

Não foi um literato na accepção clara da palavra; não foi um orador que enthusiasmasse pela magia lyrica dos vocabulos; não foi um jornalista vibrante e apaixonado que contornasse as idéas em pról das questões politicas e sociaes de sua terra, foi, simplesmente, o homem de pulso de ferro que viu bem de longe todo o nosso futuro. Foi o homem providencial para dar ao Brasil um sentido novo e o conhecimento perfeito das nossas necessidades. Queria vêr, a Patria, não um conglomerado de partidos politicos á disputa de cargos, mas sim, um conjunto de forças que elaborassem na officina do trabalho a nossa grandeza economica, o nosso porvir ligado á historia do mundo.

Foi, antes de mais nada, um genio industrial. Genio esse que não vacilou um só momento em sacrificar-se pelos ideaes constructores da propria nacionalidade. Tanto assim foi que a todas as iniciativas praticas de resultados evidentemente positivos, elle as amparava não só moralmente, como tambem, e, principalmente, com a sua bolsa.

Tem-se dito, convem ainda repetir, que toda a vida de Mauá foi uma lição maravilhosa de civismo. Pelo que fez amparando todas as industrias que nasciam, exactamente num periodo difficil pela incompreensão dos nossos estadistas que mais cuidavam das coisas abstratas do que das coisas reaes, elle foi um homem de visão excepcional, porque comprehendeu, desde logo, que o futuro de nossa Patria estava nos problemas economicos que emprehendera.

Paiz essencialmente agrario, pobre na sua grandeza territorial, sem meios faceis de communicação, sem industria, sem organização bancaria, sem iniciativas praticas de quaesquer natureza, esse vulto que enche todo o segundo reinado, na expressão feliz do sr. Getulio Vargas, “foi o vidente dos grandes problemas nacionaes”.

*
* *
*

Obra de civismo é recordar-se os seus feitos. O “grande ignorado — na phrase de Levi Carneiro — e um dos maiores senão o maior dos nossos antepassados” deve, a cada momento, ser lembrado porque elle representa, por si só, todo o nosso passado de multiplos esforços pela grandeza da Patria.

O esquecimento criminoso em que as novas gerações envolviam o seu nome, aos poucos, felizmente, vae desaparecendo. Agora, por toda a parte, aqui, ali, os homens de bôa vontade e os espiritos intelligentes, vão tirando da poeira do olvido, documentos insophismaveis para tornar, á sua memoria, um poema de luz e de ensinamento fecundo.

O proprio sr. Washington Luís, tão reservado e parco nas suas opiniões e sympathias para com os nossos grandes homens, referindo-se a Mauá, disse no anno passado, em Petropolis: — “desse esquecimento póde resurgir uma figura ciclopica, rodeada de um nimbo de gratidão unanime da Patria”. O mesmo sr. Washington, recordando todos os emprehendimentos levados a bom termo pelo notavel brasileiro, affirmou mais o seguinte: “graças aos seus esforços póde o Brasil afinal

abrir as suas portas á mais generosa collaboração com todas as nações amigas”.

Irineu Evangelista de Souza é, pois, nos dias de hoje, um symbolo em torno do qual giram todos os anseios da raça. Já não ha mais duvida. O seu nome glorioso tanto mais o tempo passa, mais avulta na consciencia nacional. E o exemplo de sua obra gigantesca, sem nenhuma semelhança entre os que mais batalharam, pela vida economica do paiz, torna-se necessario para aquelles que buscam no industrialismo, no commercio, na vida publica, fontes de estimulo, de coragem para os seus empreendimentos pessoases.

A lição maior que legou á posteridade esse vulto singular que representa, segundo Capistrano de Abreu, “a historia do segundo reinado”, foi a sua immensa, formidavel força moral. Sem ella não teriamos nós, nos dias de hoje, essa coragem para vencer e lutar, porque só este homem, num meio de contemplativos, teve o senso pratico de todas as nossas realidades.

O que mais nos entristece ao percorrer a sua historia e ao considerar a sua obra, é que esse homem não teve, como era natural, um incentivo e um apoio generoso por parte do governo e dos estadistas do seu tempo. Isolado por completo das figuras representativas do velho parlamento, Mauá não se deixou arrastar, desfibrando-se dentro dos seus ideaes constructores, pelo contrario, com o pensamento bem alto, nas coisas de sua terra, a sua acção não se fazia aquietar, entregava-se, de corpo e alma, ás obras que iniciava. São disso exemplo as lutas que travou com todos aquelles que, guindados aos mais altos postos do Imperio, procuravam com palavras e actos, fazer crer que nada em Mauá era realisavel.

Um paradoxo verdadeiramente singular: Mauá para os nossos politicos de então era um sonhador, um louco, um poeta que vivia no mundo da lua, emquanto que os politicos da época, parlapatões, visionarios da dialectica do parlamentarismo inglez que transplantaram para o Brasil, eram os homens praticos, os realisadores dos grandes problemas nacionaes! Emquanto Mauá agia organicamente, com actos positivos, os politicos do segundo imperio agiam, com discursos vasioes de

idéas, mas ricos de bôa grammatica... Um pronome bem collocado e um adjectivo pomposo, tinham mais valor para os nossos velhos parlamentares, do que a construcção de uma estrada de ferro e a abertura de uma aula publica...

Esse mal, ainda hoje, predomina por esse vasto Brasil a fóra. A nossa incultura e a nossa capacidade de acção nos levam ao amor das coisas superficiaes. Somos exegetas das palavras bonitas, das coisas inuteis, das bolhas de espuma... O homem de acção, é esmagado pelo rhetorico, pelo que melhor saiba falar. Vivemos, e não nos illudamos, no paiz dos bachareis. Temos a superstição do "dr." e do coronel...

*
* *

Mauá, entretanto, realisava e construia. Dotado de uma grande intelligencia, de um tino invulgar, de um temperamento calmo, e de uma vontade ferrea, levava sempre a bom termo, aquelle mundo de projectos que viriam, tão sómente, beneficiar o paiz para o qual devotava-se com todo o enthusiasmo, porque possuia a certeza de que estava trabalhando pela felicidade e progresso do seu paiz.

Mas não é só o Brasil que lhe deve serviços. Tambem outros paizes, como a Republica do Uruguay lhe é agradecido. Com a fundação do Banco Mauá, em Montevideu, não só serviu a esse paiz com sua casa bancaria, a primeira que o Uruguay conheceu, como tambem com o seu talento emprehendedor incentivando todas as industrias do paiz amigo. E tão grandes foram os serviços por elle prestados ao paiz vizinho que o dr. Cladiu Willimann, em 1918, numa documentada exposição sobre o Banco de la Republica Oriental del Uruguay ⁽¹⁾ escreveu: "A confiança publica cercou, desde o primeiro momento, o Banco Mauá, cujo credito e influencia chegaram a ser quasi omnipotentes no Rio da Prata." Ainda accresce a circumstancia que Mauá, nesse tempo, de 1857 a 1869, para honra e gloria nossa, quando o paiz estava em guerra com

(1) "MAUA" — Citação de Alberto de Faria.

Flores, a sua influencia pessoal e financeira, se fizeram sentir poderosamente para prestigio do governo constituido. Apesar de Flores ter sido victorioso na campanha movida contra o governo, não se abateu, continuou a ser a força financeira do paiz.

Tudo isso ainda é nada, se tomarmos a obra de Mauá sobre outros aspectos. Porque, não foi elle, tão sómente o genio commercial brasileiro, “o general em chefe do trabalho em terras do Brasil”, mas tambem foi o politico constructor e o diplomata habil. Como politico, tomou parte em todos os debates que tratavam dos interesses geraes da nacionalidade, ao lado das figuras mais representativas da época. Nesse largo periodo de sua vida agitada foi amigo inseparavel do bravo general Osorio, que nunca o abandonou, mesmo quando do rompimento com Silveira Martins, após o famoso repto deste.

Se a sua palavra, como parlamentar, não arrebatava, por ser um homem mais de ação do que de rhetorica, mais objectivo do que subjectivo, impressionava pela sua franqueza, lealdade e coragem de affirmar. Não se diga que esse homem, por tibiesas ou por ignorancia, tivesse medo de entrar, com arrebatamento, nas questões que inflammavam os espiritos da época, mas sim, apenas, pelo seu temperamento. E nem tão pouco se diga que Mauá, por não ser orador, artifice da palavra, não infundisse respeito quando subia á tribuna para rebater qualquer injuria á sua pessoa ou propor qualquer projecto de utilidade á Nação. Pelo contrario. Sua palavra serena, equilibrada, era sempre ouvida com respeito e acatamento pelos seus pares.

Depois, esse homem verdadeiramente notavel, não era um homem sem preparo intellectual que entrára para o parlamento. Era um homem culto, versado em linguas, que possuia, em alto grau, um conhecimento geral de todos os assumptos que diziam respeito aos seus negocios. Embora Mauá não se dedicasse ás letras, nem por isso abandonava os livros. Foi um grande ledor. Todos os seus livros eram marcados a lapis pelas suas observações judiciosas. Mas não lia, por simples passatempo, á maneira de D. Pedro II. Lia por necessidade

tudo quanto se referisse aos themas de ordem technica. Ampliava os seus conhecimentos lendo, observando, criticando, meteticulosamente.

Desde os tempos de sua meninice, quando trabalhava como simples caixeiro, de balcão, na casa commercial de Caruthers & Cia., via nos livros, amigos que não enganam, o melhor conforto para o seu espirito ávido de conhecimentos. Estudou. Estudou muito. Adquiriu em poucos annos uma cultura invejavel, fóra da época. Os seus artigos de polemica, as suas cartas, os seus pareceres, e, muito principalmente, a sua famosa “Exposição aos credores do Banco Mauá & Cia.”, livro que, segundo Alberto de Faria, “deveria andar por todas as escolas onde houvesse um homem a crear, um compatriota a educar”, attestam, vivamente, o poder da sua mentalidade, completamente diversa áquella dos homens do seu tempo.

Poucos espiritos, no Brasil, deram de si tantas provas de valor como Mauá, e delle, ainda, se póde acrescentar: — “Elle foi um desses homens que tiveram a rara fortuna de possuir um conjuncto excepcional de notaveis faculdades e surgir no scenario das patrias, no momento preciso em que ellas clamavam por estas aptidões. Já houve quem disséssse que a obra de Mauá foi a obra de um grande governo — e nós acrescentaremos: — de um grande governo”. (A. Lima Campos).

Tantos e tantos são os serviços prestados por Mauá, ao Brasil, que eu não sei como em cada praça ou jardim publicos, não se erguem monumentos á sua memoria. O seu nome deveria estar no bronze de todas as estatuas. E’ bem verdade que alguma cousa já se tem feito, nesse sentido. Mas, ainda é pouco. E’ preciso mais. Muito mais.

Não basta, tão sómente, que certas estações ferreas, ruas, avenidas, praças, tenham o seu nome. E’ necessario. E’ patriotico que á imitação do que fez a Escola de Engenharia do Rio, se ergam monumentos que attestem, ás novas gerações, o valor daquelle que foi entre os brasileiros, uma excepção gloriosa do seu meio.

Relendo, ainda ha pouco, o interessante livro “Funcionarios e Doutores”, de Tobias Monteiro, encontrei uma phrase

que enche toda a historia do segundo reinado com os seus feitos, já absolveram o conferencista da intenção de seu trabalho...

Antes, porém, de me retirar desta tribuna do “Centro Gaúcho”, que, por deferencia especial de seu digno presidente, Dr. Oscar R. Tollens, poz em minhas mãos, olhando para o nosso passado tão cheio de gloria e para o nosso presente tão cheio de bellas realizações, de luta e de trabalho, para a marcha acellerada de um futuro radioso — diga com supremo encantamento — saibamos venerar a memoria daquelle que ensinou a todos os homens do nosso paiz os mais bellos ideaes de conquista e de trabalho, de honra e de civismo!

que diz, bem de perto, a respeito do que acima ficou escripto. “Nenhuma obra é mais necessaria e patriotica, á mocidade patricia, do que dar a conhecer os grandes serviços prestados ao paiz pelo Visconde de Mauá.”

Assim deveria ser, mas, infelizmente, não o é. Poucos são aquelles que têm estudado a sua obra monumental e isso mesmo de alguns annos para cá. Releva notar, que o maior factor para o conhecimento do que o glorioso filho do Rio Grande do Sul fez pelo Brasil, é obra quasi exclusiva do Dr. Alberto de Faria que foi procurar, nos archivos, uma larga documentação para nos dar esse livro notavel que é a obra de Mauá.

Outros succederam após. Como o brilhante critico e sociologo Tristão de Athayde. Seria eu injusto se não citasse os conceitos honrosos de Vicente Licinio Cardoso que, no seu estudo sobre a personalidade de D. Pedro II, dedicou tambem algumas paginas á obra formidavel de Mauá.

Regosijo-me em affirmar que o meu caro Rio Grande não tem esquecido o seu dilecto filho. Na cidade de Arroio Grande, terra de seu nascimento, foi inaugurado, ha annos, um magestoso obelisco para assignalar o sitio onde nasceu o infortunado brasileiro. O digno cidadão que actualmente preside os destinos da saudosa terra gaúcha pretende, breve, publicamente, prestar significativas homenagens ao insigne patriota nas muralhas do cáes do porto do Rio Grande e de Porto Alegre.

*

* *

Mas, estou me alongando por demais. Não sei se a minha tentativa foi levada a bom termo; apenas sei que a figura grandiosa de Mauá tem a minha incondicional admiração. Não tenho mesmo a veleidade de fazer crêr, aos que me ouvem, que disse tudo quanto poderia dizer sobre os meritos de Irineu Evangelista de Souza. Mas a minha intenção foi a melhor possivel. Tenho absoluta certeza disso. E mais a tenho porque sinto que todos aquelles que me prestam attenção neste momento, respeitadores e admiradores do vulto incomparavel

INDICE

Jurisdicção Ecclesiastica sobre o Rio Grande do Sul, por Mons. dr. João	
Maria Balem	3
Poetisas riograndenses, por João Maia.....	13
Bento Gonçalves, Republicanismo e Separatismo, por Walter Spalding	41
Hidrografia do Estado do Rio Grande do Sul, pelo dr. A. D. Pinto..	53
Ferreira Viana e sua terra natal, pelo dr. Fernando Luis Osorio....	75
O trabalho, a honra e o civismo na vida de Mauá, por Fernando	
Callage	129